

AUTISMO

A ESCOLHA DE NICOLAS

OSMAR
BARBOSA

PELO ESPÍRITO DE NINA BRESTONINI



A você, que vai entrar agora nessa linda e reveladora psicografia, eu desejo muita luz, paz, amor e felicidade. Que as linhas por mim psicografadas lhe ajudem em sua jornada evolutiva.

São meus sinceros votos.

AUTISMO

A ESCOLHA DE NICOLAS



Book Espírita Editora

1ª Edição

| Rio de Janeiro | 2019 |

OSMAR
BARBOSA

PELO ESPÍRITO DE LUCAS

BOOK ESPÍRITA EDITORA

ISBN: 978-85-92620-42-4

Capa

Marco Mancen

Projeto Gráfico e Diagramação

Marco Mancen Design Studio

Ilustrações

Marco Mancen

Revisão

Mauro Nogueira

Marketing e Comercial

Michelle Santos

Produção do epub

[Schaffer Editorial](#)

Pedidos de Livros e Contato Editorial

comercial@bookespirita.com.br

Copyright © 2019 by

BOOK ESPÍRITA EDITORA

Região Oceânica, Niterói, Rio de Janeiro.

1ª edição

Prefixo Editorial: 92620

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer formas ou meios eletrônicos ou mecânicos, incluindo fotocópia, gravação, digitação, entre outros, sem permissão expressa, por escrito, dos editores.

*Outros livros psicografados
por Osmar Barbosa*

Cinco Dias no Umbral

Gitano - As Vidas do Cigano Rodrigo

O Guardião da Luz

Orai & Vigiai

Colônia Espiritual Amor e Caridade

Ondas da Vida

Antes que a Morte nos Separe

Além do Ser - A História de um Suicida

A Batalha dos Iluminados

Joana D'Arc - O Amor Venceu

Eu Sou Exu

500 Almas

Cinco Dias no Umbral - O Resgate

Entre nossas Vidas

O Amanhã nos Pertence

O Lado Azul da Vida

Mãe, Voltei!

Depois...

O Lado Oculto da Vida

Entrevista com Espíritos - Os Bastidores do Centro Espírita

Colônia Espiritual Amor e Caridade - Dias de Luz

O Médico de Deus

Amigo Fiel

Impuros - A Legião de Exus
Vinde à Mim



Agradecimento

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido esse verdadeiro privilégio de servir humildemente como um mero instrumento dos planos superiores.

Agradeço a Jesus Cristo, espírito modelo, por guiar, conduzir e inspirar meus passos nessa desafiadora jornada terrena.

Agradeço a Nina Brestonini e aos demais espíritos ao lado dos quais tive a honra e o privilégio de passar alguns dias psicografando este livro. Agradeço ainda pela oportunidade e por permitirem que essas humildes palavras, registradas neste livro, ajudem as pessoas a refletir sobre suas atitudes, evoluindo.

Agradeço ainda a minha família pela cumplicidade, compreensão e dedicação. Sem vocês ao meu lado, dando-me todo tipo de suporte, nada disso seria possível.

E agradeço a você, leitor amigo, que comprou este livro, sua colaboração nos ajudará a levar a Doutrina Espírita e todos os seus benefícios e ensinamentos para mais e mais pessoas.

Obrigado.

A todos, os meus mais sinceros agradecimentos.

Osmar Barbosa

Recomendamos a leitura de outras obras psicografadas por
Osmar Barbosa para melhor familiarização com os personagens
deste livro.
O Editor

Conheça um pouco mais de Osmar Barbosa em
www.osmarbarbosa.com.br

“Caríssimos, não acrediteis em todos os Espíritos, mas provai se os Espíritos são de Deus, porque são muitos os falsos profetas que se levantaram no mundo.”

(João, Epístola I, cap. IV: 1)

Sumário

Prefácio

Nina Brestonini

Manhã de sol

A triste descoberta

A vida

O reencontro das almas

A vida como ela é

Colônia das Flores

Retrato da vida

Nicolas

A dor que fere dois mundos

Olho por olho

Um ano se passa

Reencontro

Mensagem do autor

Prefácio

Para cada cem crianças que nascem uma pode ser autista, e uma em cada cinquenta e nove crianças está dentro do transtorno do espectro autista, segundo institutos de pesquisas atuais. O que se passa no cérebro dessas crianças? Por que são tão diferentes? Por que umas não conseguem nem falar enquanto outras desenvolvem habilidades geniais? Afinal o que é o autismo? Por que nascem os autistas? Será uma punição para a alma? Há sofrimento para o autista? Será o autismo um resgate ou algo que fizemos na vida anterior? Como entender um autista? Pode o espiritismo auxiliá-lo? O autismo é uma doença espiritual?

Foram essas e tantas outras perguntas que eu fiz a Nina logo que ela me procurou para escrevermos esse livro. No começo eu fiquei muito assustado, afinal eu nada sei sobre autismo, mas como sempre ela serenamente me disse: – Osmar, escreva!

Sou médium há mais de quarenta anos, tenho vários livros publicados e outros tantos psicografados aguardando oportunidade para serem lançados. Há histórias de todos os tipos. Todo livro que me é trazido pelos espíritos amigos tem uma revelação, ou melhor, uma explicação para os dramas diários em que vivemos. Eu já escrevi sobre homossexualidade, sobre crianças que desencarnam muito jovens, alguns livros são histórias de espíritos que vivem ou

viveram no Umbral, livros de orações, de preces, histórias muito antigas como o livro que conta uma das encarnações do Cigano Rodrigo, histórias de superação, de perdas, de obsessão, de perdão, de amor e por aí vai. No começo eu achei que iríamos escrever sobre o transtorno ao qual chamamos de autismo, mas para a minha surpresa Nina me revela neste livro por que nascem pessoas com autismo. Esse livro não fala propriamente da doença, mas sim dos motivos pelos quais nascem pessoas assim. Ufa, fiquei feliz, pois é muito complicado escrever sobre coisas que a ciência ainda não encontrou as respostas certas. Embora a ciência ainda não tenha resposta para a vida após a vida, os evangelhos nos asseguram a existência da vida após a morte, basta olhar em todos os livros religiosos à nossa disposição. Confio muito nas psicografias que faço e nos relatos de Nina Brestonini e dos demais espíritos que me dão a oportunidade de escrever com eles. Gratidão...

Como disse antes, sempre que a Nina me procura para escrever algum livro ou para me dar algum ensinamento eu fico emocionado e feliz, acho que tenho alguma ligação com ela que ainda não me foi revelada e que ainda não compreendo, porque a emoção é muito grande quando eu a vejo. Minha voz embarga, meus olhos se enchem de lágrimas e eu fico muito emocionado quando ela se aproxima de mim.

Ser médium psicofônico é uma dádiva e ao mesmo tempo uma prisão. Costumo dizer aos meus amigos e familiares que enquanto eles estão livres eu infelizmente estou encarcerado no espiritismo, porque não tenho como negar o que vejo, sinto e ouço, assim estou definitivamente fadado a morrer fazendo o que faço. Arrependido? Não, não estou arrependido de ter esse dom, aliás, ele nasceu comigo e nada posso fazer, na verdade não é um dom e sim uma virtude a qual agradeço muito a Deus por tê-la. Tenho inveja das

peessoas livres, aquelas que vejo todas as semanas sentadas nas fileiras da instituição da qual sou o dirigente e exerço minha outra mediunidade, a de psicofonia. Essas pessoas são livres, estão ali em busca de algo que eu já encontrei. Vejo aqueles rostinhos e olhares curiosos, tentando enxergar o que eu vivo todos os dias. Tento passar para as pessoas todas as minhas experiências nas palestras que ministro nos diversos lugares aos quais sou convidado, inclusive na nossa Fraternidade. Falo sempre das minhas experiências com esses espíritos. Relato tudo o que vejo e sinto, sempre fiel aos meus amigos da espiritualidade. Ser médium é divino, porém me tornei escravo daquilo que não posso jamais negar. Existe sim vida após a vida, não tenham dúvida disso.

Chico Xavier dizia que o nosso maior dilema é quando chegamos à vida espiritual e se descortina a nossa frente a vida eterna. É nesse momento que o arrependimento estraçalha nosso coração, é nessa hora que lamentamos as oportunidades desperdiçadas e choramos muito, por termos sido tão ignorantes diante daquilo que é inegável e lógico.

Você deve estar se perguntando o que é que é preciso acontecer para você cair na real. Eu te digo: Imagine se tendo Deus um trabalho imenso para criar todas as coisas, ele se esquecesse do mais importante, que são os seus filhos? A ciência já comprovou que há algo que age sobre todas as coisas da natureza, tudo foi e é criado sob a força de uma energia desconhecida. Célula por célula, tudo está em conformidade na criação. Assim, descobri através de anos de espiritismo que somos parte de Deus e, sendo parte dele, somos cocriadores de tudo o que existe no Universo.

Exatamente assim, você é uma partícula de Deus, um pedaço do Pai. E se ele é eterno por que nós seríamos mortais?

Nosso corpo físico é um emaranhado de partículas, temos partes da nossa mãe, partes do nosso pai, parte de nossos avós e de nossos antepassados, não é isso? Por que então você acha que não tem parte de Deus?

Há no nosso corpo a parte que chamamos de espiritual, essa que é a parte divina, a parte de Deus. Somos parte d'Ele.

Temos uma imensa responsabilidade sobre nossa vida e as vidas que nos cercam. Tudo aquilo que desejamos torna-se possível, pois como já disse antes, somos cocriadores com Deus.

Somos seres livres para semear, mas todo mal que praticamos teremos que reparar, assim como todas as coisas boas que fazemos soma a nossa evolução e nos dá os méritos da vida após a morte. “Semeadura livre, colheita obrigatória.”

Mediunidade, trabalho, caridade, família, amigos, estamos todos imbuídos ou ligados a algo que precisamos compreender.

Você é parte do todo e o todo é parte de você, pense assim e tudo ficará mais fácil para ser compreendido. “Comemore a vida; você é parte de Deus.”

Algumas pessoas nascem com missões ou compromissos específicos. Uns vêm para provar e outros para expiar, mas o que será “provar e expiar?”.

Uma encarnação de provas é aquela em que você encarna para reparar faltas cometidas nas vidas anteriores, normalmente são encarnações de muito sofrimento e incompreensão, de difícil aceitação para as partes envolvidas.

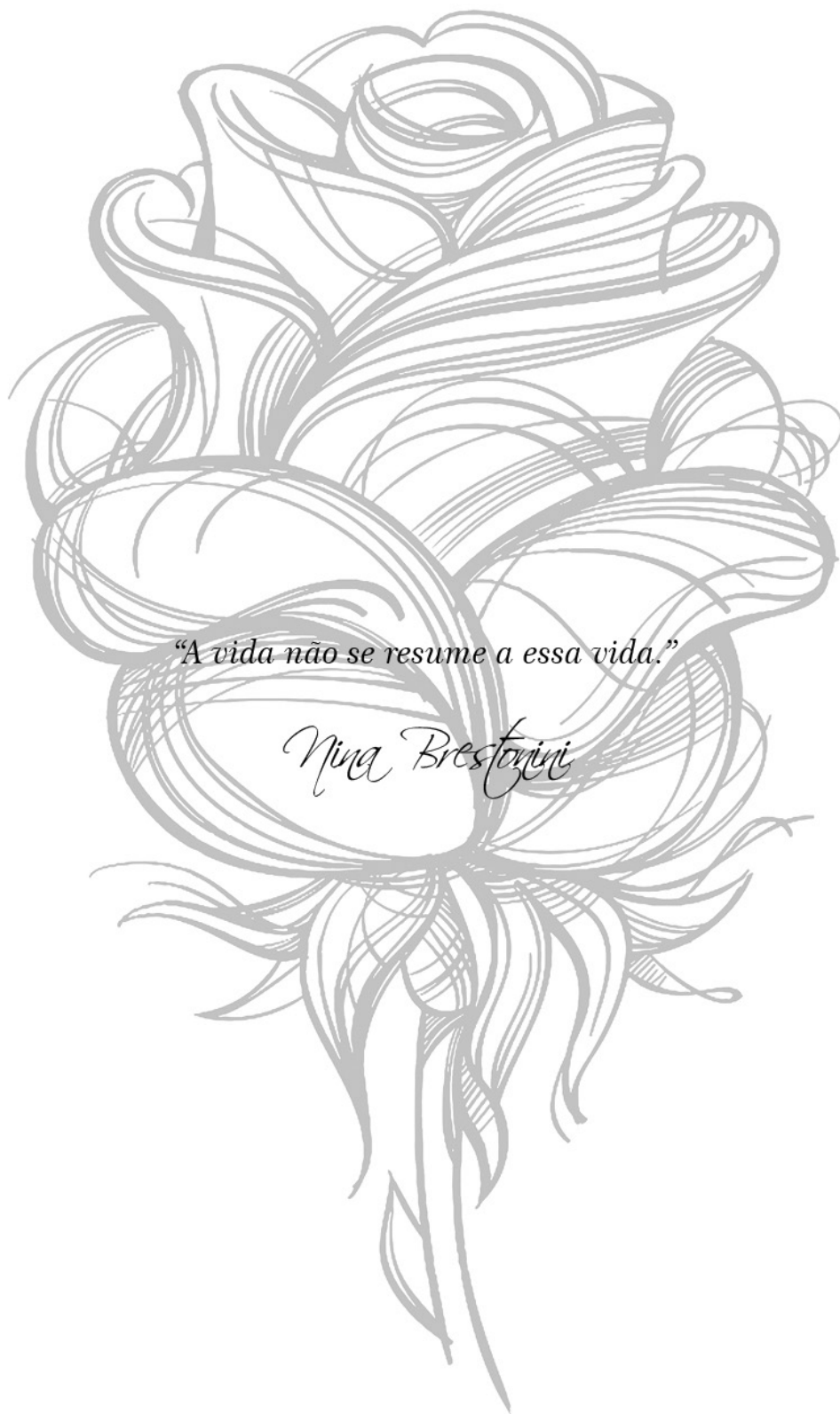
Já a encarnação de expiação é quando você decide reencarnar ao lado de algum espírito ou ao lado de alguns espíritos que lhe são

muito queridos, assim ao lado deles você é quem vai auxiliá-los a enfrentar as provas evolutivas da vida.

Existem milhares de espíritos que pedem uma oportunidade de expiar na Terra, pelo simples fato de querer ajudar a humanidade a ser melhor e, assim, como missionários que são, trazem aparelhos que vão aliviar aqueles que necessitam de aparelhos para viver melhor, descobrem vacinas capazes de curar doenças, tecnologias que revolucionaram a vida das pessoas, e por aí vai. Tudo é possível para aqueles que querem servir ao bem e novas provas e expiações são oferecidas aqueles que em algum momento se decidiram pelo mal. O amor de Deus é igual para todos.

Eu poderia ficar aqui escrevendo por horas tudo aquilo que aprendi com os espíritos amigos e com a minha humilde caminhada terrena, mas temos uma linda história que precisa ser contada. Sejam bem-vindos ao livro *Autismo – A escolha de Nicolas*.

Osmar Barbosa



“A vida não se resume a essa vida.”

Nina Brestovini

Nina Brestonini

Eu conheci a Nina numa noite de domingo a aproximadamente seis anos atrás. Estávamos passando por uma enorme dificuldade financeira em nossa Fraternidade, não tínhamos recursos para manter os projetos sociais e até mesmo o funcionamento da instituição.

Era um domingo bem quente daqueles de final de verão. Eu estava sentado na sala de minha casa sozinho assistindo televisão quando o meu mentor espiritual apareceu para mim acompanhado de Nina.

Levei um baita susto, primeiramente em vê-lo ali materializado na minha frente em pleno domingo à noite sem nenhum motivo aparente. Ele se aproximou de mim e a seu lado eu pude perceber a presença de uma menina de uns vinte anos, aproximadamente, ruiva, de estatura mediana, olhos verdes, pequenas sardas no rosto que me chamaram logo a atenção. Sua beleza me deixou emocionado.

– Que jovem bonita é essa, meu Deus? – perguntei em minha mente. Meu mentor parecendo ouvir minha pergunta disse:

– Osmar, quero te apresentar uma amiga minha, essa menina vai mudar a sua vida!

Rapidamente eu me coloquei de pé na sala para recebê-los.

– Quem é ela, Rodrigo? – eu disse.

– Ela é a Nina, e tem uma linda história para te contar.

– História, como assim?

– Você vai escrever um livro com ela.

– Eu? Escrever livro?

– Sim, um livro, e com os recursos desse livro você vai conseguir pagar as despesas da Fraternidade e ampliar os projetos sociais.

– Mas eu nunca escrevi um livro!

– Mas você vai escrever um livro com ela.

Nina calada observava nossa conversa com um leve sorriso no rosto.

Confesso que naquele momento eu fiquei envergonhado.

Nina me olhava e sorria.

– Se é isso que tenho que fazer, vamos lá – disse-lhe.

Desliguei a televisão e me dirigi ao escritório que tenho na parte inferior da minha casa. Um lugar excelente para esse tipo de trabalho, pois fico isolado quando vou para o escritório escrever e isso me auxilia muito na psicografia.

Ele me seguiu e a seu lado Nina, entrei, tranquei a porta e me sentei. Curiosamente, ninguém da minha família deu por minha falta naquela noite e muito menos naquela madrugada.

Ao lado da minha cadeira há uma outra cadeira onde normalmente meus filhos e minha esposa se sentam quando precisam conversar alguma coisa comigo. Foi ali que Nina se sentou.

Meu mentor se afastou nessa hora, ficamos sozinhos eu e Nina. Ela então pediu que eu fechasse os meus olhos e em desdobramento eu pude lhe acompanhar na incrível história do livro *Cinco Dias no Umbral*. Foi uma experiência incrível, primeiro por estar ao lado dela e segundo pelo livro que realmente mudou a minha vida.

Nina, como já disse, é jovem, bonita e muito iluminada. Acredito que ela seja um espírito bem antigo, tamanha a sua evolução. Nunca perguntei isso a ela. Mas vamos ao que nos interessa.

Primeiro para que vocês possam entender vou explicar um pouco sobre mediunidade de desdobramento.

Mediunidade de desdobramento é a capacidade que o médium tem de se afastar do corpo físico estando ligado a ele por finos laços fluídicos que impedem o desligamento total do espírito ao corpo em questão. Quando o médium está em desdobramento, ele é capaz de visitar lugares ou Colônias Espirituais. É assim que psicografo os meus livros. Entro em transe, desdobro e sigo o espírito que está me ditando o livro, e de dentro da história eu trago os relatos de tudo que vejo e sinto. Isso é desdobramento.

Nina Brestonini, como gosta de ser chamada, já viveu várias vezes entre nós. Algumas foram simples encarnações com objetivos específicos e outras como pessoas que transformaram de alguma forma a maneira de outras pessoas viverem. Tive mais uma oportunidade neste livro de conhecer um pouco mais sobre Nina e relato abaixo o nosso diálogo. Espero que todos fiquem bem à vontade com essa menina, assim como eu fiquei.

Começamos a conversar.

- Estou muito feliz em escrever mais um livro com você, Nina.
- Eu também, Osmar.

– Posso te fazer algumas perguntas, afinal seus leitores não param de me perguntar quem é Nina Brestonini?

– Sou um espírito em evolução, assim como você e todos os nossos leitores. Já estive várias vezes encarnada nesse planeta. Em algumas encarnações eu experimentei e em outras passei por duras provas para chegar onde estou.

– Você pode explicar mais um pouco sobre isso, Nina.

– Claro que sim. As provas da vida são as lições de aprendizado. Quanto mais evoluído o espírito, menos sofrimento, menos materialidade, menos orgulho, menos ira, menos rancor, menos intriga, menos inveja, menos sofrimento, menos mágoas.

– Para que servem esses sentimentos, essas atitudes, enfim, por que existem pessoas más?

– A vida na Terra é laboratório da evolução. Todos os espíritos, sem exceção, têm de alcançar o labor evolutivo. Nascem simples e ignorantes, e através das provas e expiações alcançarão a tão sonhada plenitude evolutiva.

– Mas então, Nina, por que é tão difícil para nós aceitarmos e acreditarmos nisso?

– Vocês querem tudo no dia seguinte, as almas querem a evolução como se ela estivesse em uma prateleira de mercado. Não está à venda. Não se negocia a evolução com o Criador. Evolução, Osmar, é conquista diária, é transformação!

– Nossa, Nina, como estou distante disso.

– Não há distância entre o necessitado e o que tem em abundância para dar. O difícil mesmo é aceitar-se eterno e viver para

a eternidade. O problema, Osmar, é a falta de fé, a falta de amor ao próximo e, pior ainda, a falta de honestidade consigo mesmo.

– Mas eu sou honesto comigo mesmo.

– Sim, você é honesto consigo, mas quantos são chamados e fazem ouvido de mercador? Quantos são tocados pelo amor divino e distraem-se pela ignorância? Quantos recebem a oportunidade de serviço e são corrompidos pela vaidade, pelo orgulho e pelo ego?

– Verdade, Nina. Você teve quantas encarnações?

– Em provas umas vinte. Confesso não lembro de todas.

– E você venceu?

– Sim, e é por isso estou aqui.

– Já escrevi alguns livros com você e pude ver que em algumas encarnações você optou por expiar, ou seja, você encarnou para auxiliar espíritos amigos. Vi claramente isso no livro *Ondas da Vida*, no qual você e o Felipe encarnam para ajudar alguém que vocês amavam muito. Isso é frequente, Nina, na vida espiritual?

– A palavra de ordem aqui é o Amor, por ele você pode fazer muita coisa. Quando eu e o Felipe decidimos ajudar o Léo e a Daiane, decidimos pelo amor que nutrimos um pelo outro. Assim, quando encarnamos como filhos dele, pudemos fazê-los compreender melhor a vida.

– Todos podem fazer isso, Nina.

– Todos, como assim?

– Todos nós, quando desencarnamos, podemos reencarnar ao lado de quem amamos para poder ajudá-los a evoluir?

– Todos, não, infelizmente.

– Quem então merece essa oportunidade?

– Aqueles que evoluíram. Aqueles que se modificaram.

– Entendi, quer dizer que para eu poder reencarnar ao lado de quem muito amo necessito estar evoluído?

– Totalmente evoluído não, mesmo porque não há nenhum espírito totalmente evoluído entre nós, todos estamos em evolução. Assim, para que você possa reencarnar ao lado de alguém que você ama muito, é necessário ter algum grau de adiantamento. É necessário ter evoluído um pouco.

– Entendi perfeitamente, Nina, obrigado!

– Osmar, pense como Deus! O que você faria aos seus filhos se você fosse Deus? Quais as coisas do mundo você daria a seus filhos se você fosse Deus?

– Eu daria tudo, e todas as coisas do mundo.

– Daria uma vida eterna para eles?

– Sem dúvida, Nina.

– Então por que é que você acha que ele não te deu, ou melhor, por que é que vocês acham que ele não quer dar a todos os seus filhos as melhores coisas do mundo?

– Somos tolos mesmos, não é Nina?

– Não, vocês não são tolos, só ainda não compreenderam quem é Deus! Ainda não evoluíram. Ainda não dispõem desse entendimento.

– Compreenderemos algum dia?

– Sem dúvida! Como disse anteriormente, todos estão evoluindo!

– Nina, como é viver no mundo espiritual?

– É o mesmo que viver no mundo material.

– Como assim, não há diferenças?

– As cidades espirituais, as colônias, os mundos transitórios, são cópias da vida na matéria. Quer Ele que nada seja diferente para que os seus filhos não sofram. A única diferença é que na erraticidade você tem a consciência de que não morrerá, e assim não adianta mentir, enganar, fingir e por aí vai. A ordem é evoluir.

– Parece um sonho!

– Um sonho que todos realizaram, tenha certeza disso!

– Eu sei. Eu, mais do que ninguém, sei perfeitamente do que você está falando. Quando vocês me desdobram e me levam para as colônias eu fico encantado com tudo o que sinto e vejo. Às vezes tenho vontade de não voltar!

– Você já está se acostumando, não é Osmar? Não tenha pressa em voltar, você um dia vai vir mesmo que não queira.

– Já estou mais do que acostumado. Não tenho nenhum receio da morte. Sei que ela não existe. A única coisa que me preocupa é a saudade que os meus filhos irão sentir de mim. Isso me deixa triste. É isso que me preocupa, só isso!

– Pois não fique.

– Por quê?

– Por que você poderá visitá-los sempre que possível, e ainda mais poderá aparecer para eles no suposto sonho, e os reencontros serão alegres.

– Suposto sonho?

– Sim, porque os sonhos nada mais são do que visitas a outras dimensões.

– Já estudei muito isso.

– Pois então já sabes como poderás visitar aqueles a quem amas.

– Obrigado, Nina. Agradeço muito a vocês por todos esses ensinamentos.

– Merecimento, Osmar.

– Como assim, merecimento?

– Você, como todos os espíritos, estão encarnados para se tornarem melhores. A medida em que você consegue se melhorar, você cria em torno de si uma aura evolutiva, ou seja, expande seu perispírito. Daí, você expandido adquire virtudes que te diferenciam dos demais espíritos. Assim, você poderá fazer coisas que outros infelizmente ainda demoraram a conseguir.

– Obrigado pela explicação simples, Nina, assim fica mais fácil para todos entenderem.

– Osmar, você foi escolhido por nós por escrever com simplicidade. Isso é bom!

– Obrigado, Nina.

– Como disse: Escreva, Osmar!

– Você sempre me diz isso.

– Você pode me falar de alguma encarnação sua em que você foi uma pessoa importante?

– Sim, claro que sim. Por exemplo, encarnei em 13 de dezembro de 1814, na cidade de Cachoeira, aqui mesmo no Brasil, lá no estado

da Bahia, o nome que usei nessa encarnação foi Ana. Fui a primeira enfermeira voluntária a ir para a guerra do Paraguai.

– Nossa, Nina, que legal!

– Encarnei ao lado de três espíritos que nasceram como meus filhos. Precisávamos expiar naquela época e, por não querer me separar deles, após ficar viúva muito cedo, me inscrevi como enfermeira voluntária e fui trabalhar na guerra do Paraguai. Havia muitos feridos e nós precisávamos cuidar deles. Desencarnei aos 73 anos no Rio de Janeiro, mais precisamente em 20 de maio de 1880, velha e cansada. Por isso se comemora o dia do enfermeiro no dia 20 de maio.

– Caramba, Nina, que legal!

– Estamos trabalhando há bastante tempo, Osmar.

– Você pode me contar essa encarnação com mais detalhes?

– Sim, claro que sim, vamos nos programar para escrever a vida de Ana.

– Obrigado pela oportunidade, Nina.

– Você teve mais alguma encarnação importante assim, que você pode nos contar?

– Houve mais algumas, mas vamos deixar para uma outra oportunidade. Vamos falar um pouco sobre o tema em que essa psicografia apresentará.

– Autismo?

– Sim, vamos falar um pouco sobre o autismo.

– O autismo é uma doença espiritual, Nina?

– Não existe doença espiritual, Osmar. O que existe é um estado doentio do espírito encarnado ou desencarnado. Todos os espíritos são criados para a perfeição, lembre-se sempre disso. Ficamos doentes mental ou fisicamente, mas quem nos criou tem por objetivo a perfeição.

– Então o que é o autismo?

– O autismo é um transtorno e é caracterizado por problemas na comunicação, na socialização e no comportamento.

– Então é um problema do corpo físico e não do espírito, é isso?

– Quando o espírito se prepara para encarnar, é apresentada a ele a condição de moldar o corpo físico, tornando-o capaz para as provas escolhidas. Assim, o autista é quem escolhe encarnar como autista, bem como as outras doenças pré-existentes. Pode ser também uma expiação para quem vai receber o autista, entende?

– Sim, entendi. Nina, o autismo é uma doença pré-existente?

– Sim, ela se mostra ainda na tenra infância. É quando o espírito molda o corpo para a encarnação que o fenômeno acontece. Lembrando que o autismo é uma das síndromes que o espírito molda para as provas.

– Quer dizer que escolho viver como autista, ou ter uma outra doença?

– Ou lhe é imposta essa condição pelas dívidas encarnatórias – observou Nina.

– Como assim, imposta?

– Só é possível evoluir resgatando os débitos anteriores, não há ajustes sem perdão. Assim, quando decides pela encarnação ao entrar no processo reencarnatório, as possibilidades de ajuste lhe são

apresentadas. Normalmente, o espírito decide pelas provas mais difíceis, e tudo se completa.

– Castigo, Nina?

– Não, Ele não castiga seus filhos, nós é que escolhemos viver assim, para resgatar ou superar alguma dificuldade preexistente.

– Provas?

– Ou expiação – diz Nina.

– Como assim, expiação?

– Você pode escolher encarnar com uma doença para que o espírito a seu lado expie e se melhore para a vida eterna, como disse anteriormente.

– Mistérios de Deus!

– Se achas que é mistério, podes chamar assim.

– Então, o que é na verdade?

– Ajustes, simples ajustes.

– Ajustes evolutivos?

– Sim, ajustando-se você evolui mais rápido. E evoluindo mais rápido você atinge o objetivo das encarnações.

– Preciso me ajustar às coisas de Deus, é isso?

– Você precisa se ajustar as coisas do Universo, pois você pertence a ele – diz Nina carinhosamente.

– Eu, com os meus pensamentos terráqueos.

– Pense sempre como um ser pleno, galáctico, universal, pois é assim que são todos os espíritos.

– Nossa Nina, quanto aprendizado.

– Somos eternos aprendizes, Osmar.

– Vocês ainda estão aprendendo?

– Somos viajores eternos e eternos aprendizes. O que mais os espíritos desejam é não mais terem necessidade da encarnação.

– Por quê, Nina?

– Quando você se descobre pleno, você descobre que pode fazer milhares de coisas que a encarnação lhe impossibilita. Na verdade, o espírito encarnado está aprisionado ao corpo físico limitado. Assim, quando o espírito eterno se sente na condição de eterno, ele descobre que está perdendo muito tempo reencarnando.

– Entendo!

– Logo que se descobre eterno, você quer viver em todos os lugares que lhe são possíveis pelo estado evolutivo em que você se encontra. Você acha mesmo que só existe um planeta? Uma galáxia? Uma dimensão? Um universo?

– Não consigo nem pensar nisso!

– Pois comece a descobrir-se espírito eterno.

– Obrigado, Nina.

– Não agradeça, evolua!

– Estou tentando.

– Vocês estão na estrada, só falta agora a condição, e nós estamos aqui para lhes auxiliar, é para isso que estamos escrevendo este livro. Estamos aqui para auxiliar todos vocês que leem esses livros.

– Sou eternamente grato por essa oportunidade, Nina. E agradeço também em nome de todos os leitores das obras que tenho a honra de psicografar com você, Nina.

– Eu é que te agradeço por não desistir.

– Não vou desistir.

– Foi para isso que você veio aqui.

– Você está me dizendo que eu encarnei para escrever livros?

– Também para escrever livros. Deixe a vaidade de lado, você não é melhor que ninguém.

– Nunca vou parar de escrever suas mensagens, Nina, eu te prometo. Sempre fui humilde e prometo a você que nunca deixarei de ser o que os meus queridos pais me ensinaram.

– Obrigado pela oportunidade, Osmar.

– Nossa! Eu é que te agradeço por tudo. E perdoe se falho em algum momento.

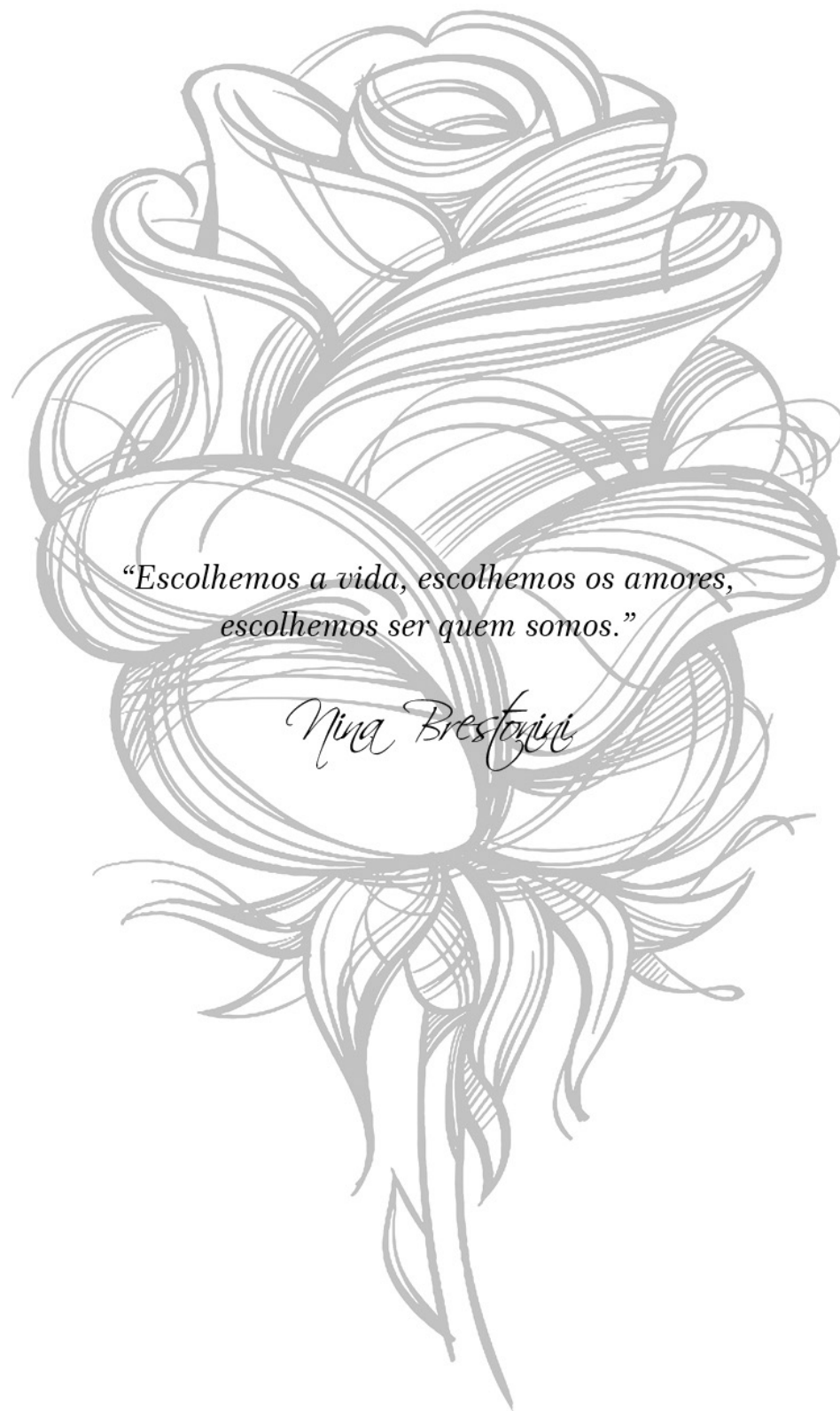
– Está perdoado. Vamos escrever a história de Nicolas?

– Sim, claro que sim, vamos?

Sorrindo, Nina me abraçou, emocionado chorei lágrimas de alegria e emoção, afinal eu estava ali ao lado de Nina Brestonini para mais uma linda missão. Obrigado, Nina, por essa oportunidade.

Obrigado Deus!

Osmar Barbosa



*“Escolhemos a vida, escolhemos os amores,
escolhemos ser quem somos.”*

Nina Prestonini

Manhã de sol

- Bom dia pai!
- Bom dia Juliana, você já está arrumada para a faculdade?
- Sim, pai, só falta escovar os dentes! Onde está a mamãe?
- Ainda está deitada, ela está meio indisposta hoje.
- Está tudo bem com ela?
- Sim, ela me disse que não dormiu bem essa noite e por isso quer ficar mais um pouco deitada.
- Ontem eu cheguei muito tarde, nem a vi!
- Ela se deitou logo após o jantar e me pediu para ficar de olho na hora que você chegou.
- Pai, quando eu cheguei você estava dormindo.
- Eu não me preocupo com você filha, sei de sua responsabilidade.
- Obrigada pela confiança!
- Eu te amo, filha.
- Eu também, papai.
- Vá escovar os dentes, precisamos sair, se demorar muito o trânsito piora e posso me atrasar para o trabalho.

- Como estão as vendas na livraria, papai?
- Estão melhorando, filha.
- Vai dar tudo certo.
- Deus te ouça, minha filha! Deus te ouça!
- Vou escovar os dentes e já venho para sairmos.
- Vou estar no carro te esperando.

Paulo é moreno, tem 56 anos. É comerciante, tem uma livraria no centro da cidade. Sua esposa chama-se Alice, e a filha deles chama-se Juliana e está na faculdade de agronomia.

Juliana tem 21 anos. É loira de olhos verdes, como os olhos de Alice, mede aproximadamente 1,69, jovem, bonita, charmosa e muito querida por todos os amigos que desde a infância são inseparáveis.

Sua melhor amiga é a Júlia, que também cursa a faculdade de agronomia. Amigas de infância, seguem juntas na busca da realização de um grande sonho; adquirir uma fazenda e viver do agronegócio.

Sonhadoras, as meninas são muito felizes.

Juliana em fim chega ao carro onde Paulo a espera para dar carona como faz todos os dias. E, ao entrar e sentar-se, puxa logo assunto com seu pai.

- Pai, posso te perguntar uma coisa?
- Sim, filha!
- Pai, tenho muita curiosidade em saber mais sobre o meu irmão?

– Sobre o Eduardo? Você não lembra?

– Eu era muito pequena, pai. E pelo que vocês me contaram, ele morreu ainda bebê. Se bem que a mamãe não gosta muito de falar desse assunto. Na verdade, eu gostaria de saber é por que é que vocês não tentaram outro filho após a morte dele.

– Ele morreu com três anos, Juliana, não era um bebê.

– Por que vocês não tentaram novamente? – insiste a jovem.

– Tentaram o quê?

– Ter outro filho.

– Juliana, aonde você quer chegar?

– A lugar nenhum pai, eu só queria saber por que foi que após a morte do Eduardo vocês não tentaram ter um outro filho, já que eu era bem pequena.

– Você tinha quatro anos quando o Eduardo morreu. Sua mãe e eu não gostamos muito de falar sobre a morte dele.

– Deve ser por isso que eu nem lembro do rosto dele.

– Você era bem pequena mesmo.

– Daí vocês desistiram de ter outro filho?

– A sua mãe não se conforma ainda nos dias de hoje com a morte dele.

– Ele morreu de que mesmo, papai?

– Ele nasceu saudável como todas crianças, mas aos dois anos de idade, ele começou a apresentar dificuldade de comunicação, ele também parou de andar e não interagiu conosco.

– E o que vocês fizeram?

– Levamos ele a vários médicos. Ele não reagia aos tratamentos, foi ficando assim, parou de comer e de falar, logo depois ele morreu.

– Que loucura né pai?

– Sim, até hoje eu e a sua mãe tentamos entender o que aconteceu. A sua mãe tornou-se uma pessoa triste e fria após a morte do seu irmão.

– Foi por isso que ela não tentou ter outro filho?

– Nunca conversamos sobre isso. Simplesmente os anos foram passando e não falamos mais sobre isso. Não havia clima, entende?

– Você não acha que essa tristeza da mamãe pode estar ligada a esse passado?

– Acho que sim, após a morte do seu irmão ela nunca mais foi a mesma pessoa.

– Pai, mamãe piorou há alguns meses, você não acha?

– A sua mãe vai fazer sessenta e três anos, como sabes ela é mais velha que eu. Eu acho que isso é coisa da idade, filha.

– Você não acha melhor marcar um médico para ela fazer alguns exames, pai?

– Acho que é uma boa ideia. Quando chegar do trabalho, eu converso com ela. Talvez isso seja a menopausa, eu não sei, mas concordo com você que ela não tem andado muito bem. Ela tem andado esquecida, muito calada.

– Ela está na menopausa, será?

– Acho que sim, ela é teimosa, não quer ir ao médico. Dias desses mesmo eu conversei com ela sobre se tratar. Poderíamos procurar o Arnaldo, que é um grande amigo.

– Eu lembro dele. Então precisamos levá-la ao médico, não é papai? Mesmo sem ela querer.

– Vou conversar com ela, filha, quando chegar hoje à noite.

– Se precisar eu posso te ajudar nisso.

– Vai ser melhor você estar ao meu lado mesmo, Juliana.

– Assim que eu sair da faculdade hoje, vou para casa e te espero chegar.

– Vai faltar ao curso de línguas?

– Hoje não tem nada muito importante na aula. Vamos fazer assim, quando você chegar em casa eu vou estar lá com a mamãe te esperando para conversarmos.

– Tá bom filha, olha, estamos chegando à faculdade.

– Pode parar aqui mesmo, papai. Te amo, e se cuida!

– Tá bom filha!

Paulo estaciona o carro e Juliana desce seguindo para o prédio da faculdade de agronomia.

O dia transcorre normalmente para Paulo e Juliana. O encontro no final do dia está marcado.

As palavras da jovem menina acendem dentro de Paulo um alerta ao qual ele não havia percebido, realmente Alice não tem andado muito bem por alguns meses. Ele sabe que precisa agir, afinal, são muitos anos de casamento e Alice é sua metade.

Após as aulas da faculdade Juliana se dirige a sua casa e procura por sua mãe.

– Mãe?

- Oi, filha, estou aqui na sala.
- Oi, mãe!
- Oi, filha, chegou cedo hoje!
- Estou morrendo de fome, tem alguma coisa para comer?
- Sim, filha, vamos para a cozinha, eu acabei de assar um bolo de chocolate.
- Hum... seu bolo é *oconcur*, mamãe!
- Você está sem comer nada até essa hora, Juliana?
- Eu almocei no bandejão da faculdade, mas, como você sabe, a comida não é muito boa.
- Seu pai não te deu dinheiro?
- Deu, todo mês ele deposita minha mesada corretamente, papai é um anjo para mim, mamãe.
- Então por que é que você não almoça em outro lugar, filha?
- Lá no bandejão tem os amigos, eu prefiro a companhia deles a almoçar sozinha em outro lugar.
- Você já viu como está magra?
- Magra não mamãe, elegante!
- Convencida, você está é magra mesmo.
- Mãe, aproveitando que você está tocando nesse assunto, você já se olhou no espelho? Você já viu como emagreceu esses dias?
- Estou bem, filha.
- É sério mamãe, você não está bem, você vive pelos cantos triste e quieta, quase não se levanta mais pela manhã para colocar o meu

café como de costume, você está sentindo alguma coisa?

– Estou bem filha, estou bem!

A porta da sala é aberta, o barulho da chave girando e abrindo-a é ouvido na cozinha por Alice e Juliana.

– Seu pai chegou, Juliana. Ué, chegou cedo hoje!

– Eu marquei com ele aqui em casa hoje, nós precisamos ter uma conversa, mamãe.

– Conversa, como assim?

– Você precisa ir ao médico, mãe.

– Eu não tenho nada, Juliana.

– Boa noite, filha – diz Paulo, entrando na cozinha e se dirigindo a Alice beijando-lhe a face.

– Oi querido!

– Oi querida!

– Que história é essa de ir ao médico que a Juliana está me falando?

– Nós achamos, Alice, que você precisa fazer uns exames e ver como anda a sua saúde.

– Eu não tenho nada, Paulo.

– Querida, você pode não perceber, mas você sente um calor fora do comum, eu quase não consigo dormir em nosso quarto porque o ar condicionado está no máximo e mesmo assim você fica se abanando como se estivesse morrendo de calor. Você anda esquecida e fica horas sem conversar com ninguém.

– Isso é normal na minha idade, Paulo.

– Não é normal não, mamãe – diz Juliana.

– Vocês são dois chatos, isso sim.

– Eu marquei com o doutor Arnaldo amanhã às 15h, Alice. Vou sair do escritório mais cedo e venho te buscar para a consulta com ele.

– Não precisa.

– Precisa sim, mamãe, você quer que eu vá com você?

– Não precisa, Juliana.

– Então como vai ser?

– Eu vou sozinha ao médico pode deixar.

– Sozinha você não vai, mamãe, eu vou com você. Saio da faculdade e te encontro lá no consultório do doutor Arnaldo.

– Você vai com ela, filha?

– Vou, papai, pode deixar eu encontro com a mamãe lá no doutor Arnaldo.

– Está marcada da consulta às 15h.

– Pode deixar Paulo, nós vamos, é isso que vocês querem. Podem ficar tranquilos que eu vou ao médico amanhã.

– É assim que se fala, dona Alice, diz Juliana comendo um bom pedaço de bolo.

– Tem bolo aí para mim? – diz Paulo.

– Tem sim, não coma muito, ainda teremos o jantar.

– Pode deixar, querida.

Assim Alice serve um pedaço de bolo de chocolate para Paulo, que come ao lado de sua filha, Juliana.

– Vou tomar um banho antes do jantar, está muito calor – diz Alice saindo da cozinha.

– Pode ir, mãe.

– Obrigado, Juliana, eu não sei se ela aceitaria assim tão bem se cuidar se você não estivesse aqui. Viu ela reclamou do calor.

– É minha obrigação, pai, cuidar de você e da mamãe. Amanhã conversaremos com o Arnaldo sobre esse calor que ela sente.

– Obrigado, filha.

– Mas, pai, sobre o meu irmão que morreu você disse que íamos conversar um pouco mais sobre ele hoje.

– Eu não gosto de tocar nesse assunto, filha.

– Mas qual foi o motivo da morte dele?

– Os médicos disseram ser uma doença rara, que não tinham muitas informações sobre ela. Esse assunto não pode ser tocado na frente da sua mãe, pelo amor de Deus não fale com ela sobre isso, só eu sei o que passei para Alice superar a perda do seu irmão.

– Ela sofreu muito, pai?

– Ela se culpa até hoje da morte dele, como já te disse. Realmente foi algo inexplicável, ela era um menino lindo de olhos verdes, assim com você.

– E o atestado de óbito diz o quê?

– Causa indeterminada.

– Que mistério né pai?

– Sim, na época eu nem me preocupei em pesquisar muito sobre os motivos que levaram a morte o seu irmão. A sua mãe ficou tão mal que eu nem quis saber muito sobre isso, mesmo porque isso não o traria de volta.

– É, mas que é estranho, isso é.

– Sim, eu queria muito que ele estivesse aqui hoje, nossa família estaria completa.

– Depois da morte de Eduardo vocês não tentaram ter outro filho?

– Sua mãe ficou traumatizada. Você já me perguntou sobre isso hoje, filha!

– Porque você não procurou ajuda para ela, papai?

– Eu tentei, mas ela sempre dizia que estava bem.

– Pai, desde que eu me conheço como gente que a mamãe é assim.

– Fiz o que pude Juliana, eu fiz o que pude.

– Não culpo você, papai, conheço bem a mamãe. Um dia eu vou me casar e vou te presentear com um lindo neto.

– Obrigado, filha. É assim que se fala!

– Vou tomar banho e estudar um pouco, tenho prova na faculdade amanhã.

– Faz isso filha, eu vou ver tv na sala.

– Até o jantar, papai.

– Até filha.

Assim, Juliana vai para o seu quarto estudar. Alice está deitada olhando para as paredes como sempre. Alice é uma pessoa triste, está sempre sozinha pelos cantos da casa.



"O amor une o que a mágoa separa."

Nina Brestovini

A triste descoberta

Juliana chega ao consultório de Arnaldo alguns minutos antes do horário marcado. Arnaldo é um velho conhecido da família e fica muito feliz ao rever a jovem menina que viu nascer.

– Juliana, você por aqui?

– Vim acompanhar a consulta da mamãe – diz a jovem dando dois beijinhos no rosto do médico.

– Sim, claro que sim, a consulta da sua mãe está marcada para as 15h. Está tudo bem? – o médico retribui os beijos da linda Juliana.

– Eu estou ótima, e o senhor?

– Estou bem também!

– E seus filhos, como estão?

– O Roberto acaba de se formar, logo estará me ajudando aqui na clínica.

– É, eu vi que o senhor ampliou a clínica, está bem bonita!

– Obrigado, Juliana, agora fazemos diversos exames aqui mesmo, e o resultado sai na hora, assim fica mais fácil o meu trabalho.

– Parabéns, dr. Arnaldo, realmente o senhor está de parabéns!

– Você vai ficar aqui esperando a sua mãe?

– Na verdade eu cheguei mais cedo de propósito, é que eu queria conversar com o senhor sobre a minha mãe. O senhor pode me dar um minutinho de sua atenção?

– Sim, claro que sim, venha, vamos para a minha sala – diz Arnaldo levantando-se e sinalizando para Juliana segui-lo até uma sala a sua frente.

– Mirtes, quando a Alice chegar, traga-a até a minha sala, eu e a Juliana estaremos esperando por ela – diz Arnaldo a sua secretária.

– Pode deixar, doutor – diz a enfermeira na recepção.

– Venha, Juliana.

Arnaldo e Juliana entram em uma elegante sala onde o médico realiza seus atendimentos. A sala é ampla, com móveis brancos e cadeiras da mesma cor. Ao lado há uma maca e um biombo onde se pode trocar de roupa sem deixar o ambiente.

Quadros enfeitam o lugar. Há ainda diplomas diversos sobre as especialidades do médico amigo.

– Sente-se Juliana – diz Arnaldo indicando uma cadeira a frente de sua mesa.

– Lindo o seu consultório, doutor.

– Obrigado. Mas o que é que você quer conversar comigo?

– Perdoe-me a indiscrição, doutor, mas eu e o meu pai estamos muito preocupados com a mamãe.

– O que ela tem?

– Meu pai acha que é coisa da idade, mas a mamãe não é uma pessoa feliz. Ela vive pelos cantos, triste, com o olhar perdido e eu tenho muito medo de ser alguma doença grave.

– Entendo, eu vou examiná-la e espero que não seja nada grave. Tem muito tempo que seus pais não me procuram, penso eu que esteja tudo bem.

– Posso lhe fazer uma pergunta, doutor?

– Sim, claro Juliana.

– O senhor por acaso era o médico da nossa família e acompanhou a morte do meu irmão Eduardo?

– Fui eu quem fiz o parto do seu irmão e o seu também. Mas não fui o pediatra dele, pois sou clínico e não pediatra. Receitei alguns remédios para ele quando sua mãe desconfiou da doença, mas não o acompanhei até o final. Pelo que soube era uma doença rara.

– O senhor por acaso sabe o motivo da morte dele, já que no atestado deu como indeterminada?

– Não acompanhei a morte do seu irmão de perto, embora tenha sido eu que atestei a morte, seguindo protocolo médico da época. Não havia mais nada a fazer. Quando atestamos a morte de alguém conhecido, fazemos isso para evitar o sofrimento dos amigos, e foi isso que fiz. Mas por que a pergunta?

– Curiosidade, doutor.

– Mas me fale mais um pouco do quadro da sua mãe.

– Então, doutor, ontem mesmo eu estava conversando com o papai sobre a minha mãe. Desde que eu me entendo como gente que não vejo um sorriso da minha mãe, isso tem se agravado com o passar do tempo. Como disse, ela vive pelos cantos com o olhar perdido, sente um enorme calor, isso tem preocupado a mim e ao meu pai.

– A sua mãe esquece as coisas?

- Sim, vive esquecendo as coisas, por isso a minha preocupação.
- Quantos anos ela tem atualmente?
- Sessenta e três anos.
- Hum...
- Pode ser sincero doutor, você acha que a minha mãe tem Alzheimer?
- Não posso dizer nada sem examiná-la e realizar alguns testes.
- Essa é a minha preocupação, doutor.
- Seu pai vai vir com ela?
- Não, papai está na livraria.
- Certo, vamos esperar ela chegar. Vou providenciar alguns exames para ela.
- Eu agradeço, doutor Arnaldo.
- Não fique se preocupando sem um diagnóstico. Prometo que vou cuidar muito bem da Alice.
- Obrigado, doutor.
- Mas me diga, você já está na faculdade?
- Sim, estou cursando agronomia na federal.
- Olha, que bom! Voltando ao assunto, Alice, deixe-me te perguntar outra coisa?
- Sim!
- Alice tem perdas de memória constante?
- Não muita, o que me estranha é ela ficar muito tempo sozinha olhando para o nada.

– Como se fosse demência?

– Sim, ela fica quieta por várias horas, mas por que a pergunta, doutor?

– Essa é uma pergunta que normalmente o paciente não responde com sinceridade, por isso perguntei a você.

– Entendi. Ai meu Deus, será que a mamãe está com Alzheimer?

– Já é a segunda vez que você me pergunta isso, Juliana.

– Ah, doutor, eu tenho muito medo da minha mãe sofrer.

Três batidas são ouvidas na porta.

– Pode entrar Mirtes! – diz o médico.

– Com licença doutor, a dona Alice acaba de chegar.

Arnaldo se levanta e se dirige à porta.

– Pode entrar Alice – diz o médico cumprimentando-a.

Alice está bem vestida, traja um vestido verde claro, tem os cabelos presos e os lábios pintados com batom de cor violeta.

Juliana se levanta para receber a mãe. E, estendendo a mão, Arnaldo cumprimenta novamente a recém-chegada.

– Como vai, Alice? Como sempre bela!

– Obrigado, doutor. Juliana, o que você está fazendo aqui?

– Eu estava te esperando, mamãe, não lembra? Combinamos ontem que eu viria ao médico com você.

– Eu me atrasei?

– Só dez minutos – diz Arnaldo.

– É que eu fiquei esperando pelo Paulo, eu acho que ele esqueceu que eu tinha médico hoje.

– Mamãe, o papai não combinou de te trazer, eu é que marquei com você aqui na clínica do doutor Arnaldo.

– É isso mesmo, eu me confundi, filha!

– Sente-se Alice – diz Arnaldo indicando-lhe uma cadeira ao lado da filha Juliana.

Alice se senta e fica calada, um pouco emburrada.

– Está tudo bem, mamãe?

– Sim, filha, só estou cansada, o táxi demorou horas para chegar.

– Então, Alice, como tem passado?

– Estou bem, doutor. Só vim aqui hoje porque a Juliana insistiu muito.

– Sua filha está preocupada com você.

– Não precisa se preocupar comigo, eu estou bem.

– Bem, vamos atualizar a sua ficha.

– Pois não, doutor.

– Vou esperar lá fora, mamãe.

– Pode ir, Juliana, eu sei me virar.

– Doutor, é melhor eu esperar lá fora, o senhor não acha?

– Sim, vou examiná-la e fazer alguns exames. Depois conversaremos.

– Obrigado, doutor.

Juliana se levanta e sai da sala. Alice permanece calada olhando para as paredes do consultório. Preocupado, Arnaldo a convida a deitar-se na maca para um exame mais apurado.

Vários exames são feitos até que, preocupado, Paulo chega a clínica e vê Juliana sentada na recepção.

– Oi filha!

– Oi pai, o que é que você está fazendo aqui?

– Fiquei preocupado com vocês e assim que fechei a livraria vim para cá.

– Como o senhor sabia que ainda estávamos aqui?

– Liguei para casa e ninguém atendeu, logo deduzi que vocês ainda estivessem aqui. A livraria fica aqui bem perto, se não as encontrasse eu não iria perder muito tempo. Onde está a sua mãe?

– Fazendo vários exames.

– Você já a viu?

– Sim, ela já passou por aqui umas duas vezes.

– E então?

– E então o que papai?

– Já tem algum resultado? É que eu senti algo estranho dentro de mim, estou muito preocupado com Alice.

– Não, pai, o doutor Arnaldo está acompanhando a mamãe em todos os exames. Acredito que assim que ele terminar, vai nos chamar para falar alguma coisa.

– Ficou bonita a clínica não é filha?

– Sim, ele tem várias salas agora e faz diversos exames aqui mesmo, o dr. Arnaldo me contou.

– Já são quase sete horas da noite e nada ainda?

– Tenha calma, papai, é melhor não termos pressa.

– É filha, eu também acho.

– Venha, vamos tomar um café na cantina – diz Juliana se levantando.

– Vamos sim, filha.

Após tomarem o café, Paulo e Juliana voltam à recepção e ficam aguardando pelo dr. Arnaldo. Mirtes se dirige aos dois e os convida a entrar na sala onde Arnaldo e Alice estão sentados.

– Boa noite Arnaldo – diz Paulo se aproximando.

Carinhosamente, Arnaldo se levanta e abraça o velho amigo.

– Como tens passado, meu amigo?

– Estou bem, Arnaldo, estou bem. Só estou preocupado com essa jovem aí!

– Sentem-se, por favor.

Juliana e Paulo se sentam nas cadeiras ao lado de Alice, que parece cansada.

– Está tudo bem, meu amor? – diz Paulo beijando a face de Alice.

– Estou bem sim, só quero ir embora.

– Vocês já poderão ir, mas antes eu preciso conversar com todos.

– Está tudo bem, doutor?

– Sim, Juliana. Senhores eu fiz vários exames em Alice, algumas taxas estão um pouco alteradas, mas nada que nos preocupe. Acabei de fazer uma ressonância nuclear magnética e confesso aos senhores que o resultado não me satisfaz. Vou ter que aprofundar minhas pesquisas, vamos precisar fazer uma biópsia do tecido cerebral da Alice. Desconfio de algo grave, mas, como disse, eu desconfio. Só o exame poderá me mostrar que estou enganado. Vou passar uma medicação para regular o colesterol que está fora dos números ideais. Daqui a dez dias vocês vão me encontrar no hospital municipal para realizarmos a biopsia. A Mirtes vai entrar em contato com vocês amanhã, para pegar algumas informações importantes para o procedimento, e informará também o que precisa ser feito. Por hora é isso que temos que fazer. Não fiquem muito preocupados, pois não há motivos para alarme. O mais importante vocês fizeram que foi procurarem ajuda médica no tempo certo. Se tudo estiver como desconfio, o tratamento apropriado vai solucionar todos os problemas de Alice.

– O que eu tenho, doutor?

– Por hora não posso falar sem os exames necessários, Alice.

– Ela tem Alzheimer, doutor?

– Olha, Juliana, os sintomas atuais indicam uma demência moderada, e a demência é um dos sinais do Alzheimer, mas a medicação correta a tempo permite que o paciente tenha uma excelente condição de vida. Mas não vamos nos precipitar, precisamos da biopsia para fechar o diagnóstico.

Alice assiste a tudo calada.

Paulo olha para Alice e estranha sua atitude, afinal ela parece estar em outro lugar.

– Meu amor, você está bem? – diz Paulo abraçando Alice.

– Sim, estou bem.

– Você está compreendendo tudo o que o doutor está falando?

– Sim, estou entendendo bem!

– Meu Deus – diz Paulo.

– O que foi, Paulo?

– Como é que eu não percebi que a Alice estava assim, meu Deus!

– Fique calmo, pai, o doutor Arnaldo vai fazer o exame e se Deus quiser não vai ser nada de Alzheimer.

– Isso mesmo Paulo, Juliana e Alice, vamos fazer a biopsia, depois conversaremos mais sobre isso – diz Arnaldo se levantando para se despedir de todos.

– Podemos ir, doutor?

– Pode sim, Alice – diz o médico.

Paulo se levanta e auxilia Alice a se levantar, ambos se dirigem para a porta quando Arnaldo pede para Juliana ficar.

Paulo e Alice deixam a sala e ficam esperando por Juliana ao lado de fora.

– O que houve, doutor?

– Quero que você faça um relatório diário das atividades de sua mãe, acompanhe-a o máximo que você puder e anote tudo, tudo mesmo, e me traga isso antes do exame que iremos realizar no hospital.

– Está bem, doutor. O senhor acha mesmo que pode ser Alzheimer?

– Os primeiros exames indicam que sim, infelizmente Juliana. É preciso muita atenção com ela. Tem alguém a mais na sua casa ou são só você e o Paulo?

– Só eu e o papai.

– Ela fica o dia inteiro sozinha?

– Sim, o papai vai para a livraria e eu para a faculdade.

– Preciso que vocês arrumem alguém para ficar com ela. Peça a essa pessoa para anotar tudo o que ela faz.

– Vou falar com o papai para fazermos isso.

– Vocês têm algum familiar que pode ficar com ela?

– Não, não temos parentes por aqui, todos os nossos familiares moram em São Paulo.

– Então contratem alguém.

– Pode deixar, doutor, vou conversar com o papai.

– Não se esqueça do meu relatório diário.

– Pode deixar, doutor.

– Agora leve-a para casa, compre a medicação que passei e vigiem ela.

– Obrigado, doutor.

– De nada, Juliana.

Juliana e Paulo seguem para casa preocupados com Alice, que permanece em silêncio o tempo todo.

Após parar na farmácia para comprar a medicação indicada por Arnaldo, Paulo e Juliana param em uma pizzaria para lanchar.

- Vamos comer uma pizza, amor?
- Mãe, o papai está falando com você?
- O que foi?
- Vamos comer uma pizza?
- Sim, vamos sim.

Paulo estaciona seu carro e junto com Juliana e Alice degustam uma deliciosa pizza. Após lancharem, finalmente chegam em casa para descansar.

Naquela noite não se falou mais da possível doença de Alice.

E na manhã seguinte:

- Bom dia, pai! Acordou cedo hein?
- Nem dormi essa noite.
- Por quê?
- Preocupado com a sua mãe.
- E ela dormiu bem?
- Ainda está dormindo.
- Poxa, mas já são oito horas e ela não costuma dormir até tão tarde assim.
- Pois é filha, deve ser efeito do remédio.
- É, pode ser, depois eu vou dar uma olhada na bula para ver se esse remédio dá sono.
- Faça isso, filha.

– Você vai me dar uma carona, pai?

– Sim. Mas eu vou ter que vir para casa mais cedo, é que ficou de passar aqui pela manhã uma acompanhante que o Álvaro, aquele meu amigo, me recomendou contratar. Precisamos seguir as recomendações do Arnaldo.

– Sim, o tio Álvaro. Que bom, papai, precisamos deixar alguém com a mamãe, ela não pode mais ficar sozinha. Me lembre de pedir a essa pessoa para anotar a rotina da mamãe como nos pediu o médico.

– Álvaro me disse que ela é uma menina muito boa, de sua confiança. Pode deixar que já até arrumei uma agenda velha para que tudo seja anotado.

– Se o tio Álvaro falou, tá falado, né papai? Não podemos esquecer isso.

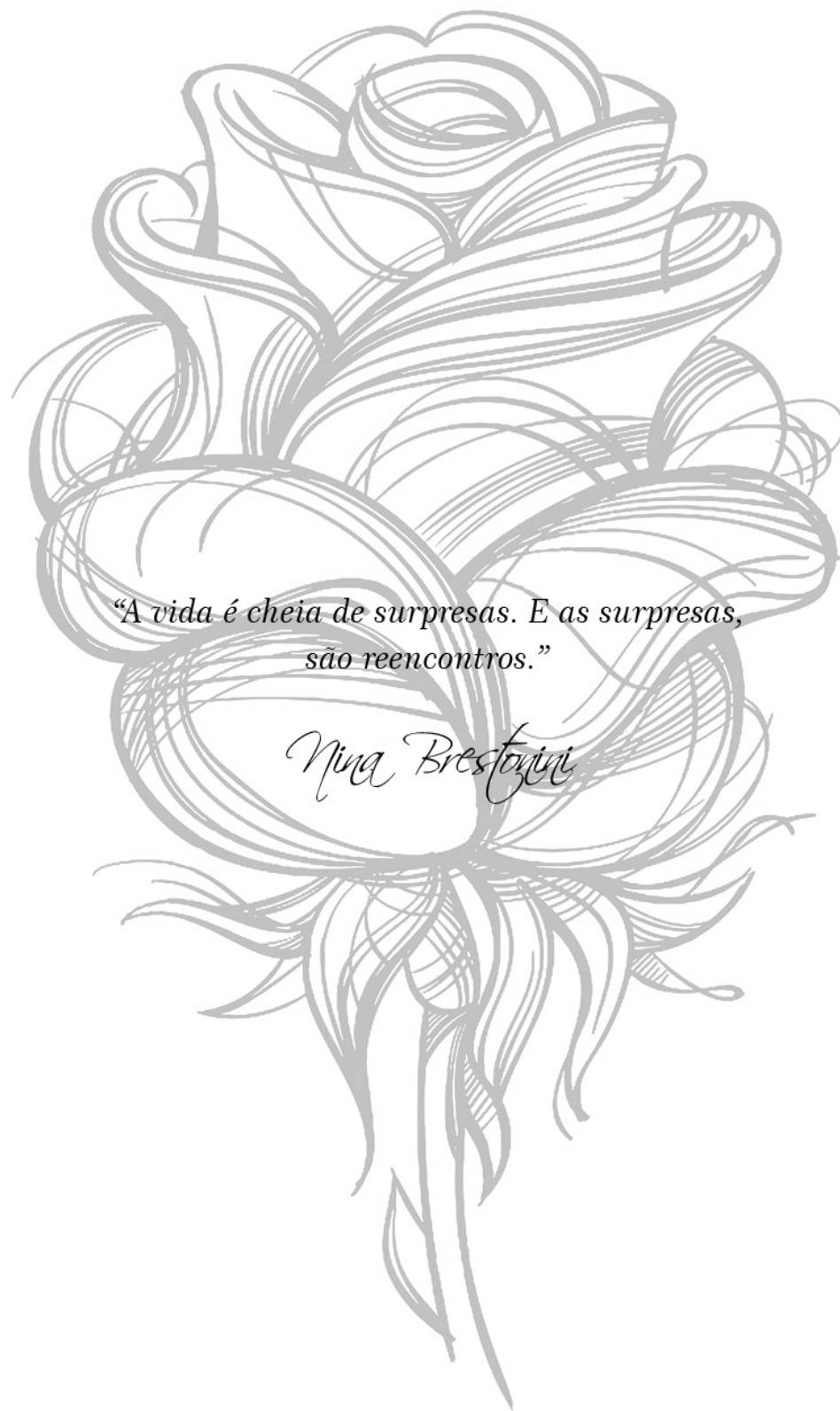
– Sim, o Álvaro é uma pessoa amiga que sempre nos socorreu nos momentos difíceis. Pode deixar filha que eu vou pedir a essa pessoa que anote toda a rotina da sua mãe.

– Então vamos indo para eu não me atrasar, papai, espero que você resolva logo a acompanhante de mamãe.

– Vamos sim, filha, vou só me despedir da Alice.

– Não pai, deixa ela dormir.

Silmara é a cuidadora recomendada por Álvaro. Tudo acertado, Silmara fica na casa deles cuidando de Alice. Paulo segue para o trabalho mais aliviado. Antes dele sair entrega a ela uma velha agenda onde tudo será anotado.



*“A vida é cheia de surpresas. E as surpresas,
são reencontros.”*

Nina Breston

A vida

Após algumas semanas, Alice, Paulo e Juliana, acompanhados de Silmara, chegam ao consultório de Arnaldo.

– Bom dia Arnaldo?

– Bom dia Paulo, bom dia Alice e Juliana, entrem, sejam bem-vindos.

Arnaldo recebe todos na porta de seu consultório e Silmara fica sentada na recepção da clínica aguardando a todos.

– Sentem-se – diz Arnaldo, indicando as cadeiras posicionadas de frente a sua mesa.

Todos se sentam.

– Como tem passado, Alice? – pergunta Arnaldo.

Por alguns instantes todos ficam em silêncio esperando Alice responder.

Ela está distraída e não ouve a pergunta do médico.

– Como ela tem passado, Paulo?

– Desse jeito aí doutor, sempre distraída.

– Senhores, infelizmente nossas suspeitas se confirmaram, Alice está com Alzheimer.

Juliana leva as mãos ao rosto e tenta esconder as lágrimas após a notícia dada pelo médico.

– Não se desesperem, ainda está no começo e ela pode ter uma excelente qualidade de vida. Precisamos saber o grau de Alzheimer que ela está. Vou encaminhá-la para um neurologista para acompanhá-la daqui por diante. Tenho um colega que trabalha aqui na nossa clínica, tenho certeza que ele cuidará muito bem da Alice. Lamento muito que tudo isso esteja acontecendo, mas é uma doença silenciosa. Não se sintam culpados. Vamos iniciar o tratamento imediatamente.

Paulo está triste e olha para Alice, que não percebe o que acontece a seu redor.

– Ela piorou bastante desde a última vez que eu a vi, Paulo. Você tem dado os remédios que indiquei?

– Percebo agora que não fui vigilante, Arnaldo, tem uns três dias que Alice está assim, quieta, acorda tarde, não faz as tarefas de casa, não falei antes porque tínhamos essa consulta marcada e eu achei que o momento certo é esse que estamos agora. Não tenho vigiado se ela tem tomado os remédios, acredito que ela esteja nos enganando.

– Enganar não, ela não deve estar tomando por esquecimento, isso é coisa da doença. Vocês não contrataram uma cuidadora?

– Sim, contratamos.

– É aquela moça que chegou com vocês?

– Sim, a Silmara.

– Vá lá, por favor, Juliana, e pergunte sobre os remédios.

Juliana se levanta, vai até a recepção e volta rapidamente afirmando que os remédios estão sendo dados nas horas recomendadas pelo Arnaldo.

Paulo se sente mais aliviado.

– Pai, se você tivesse me falado eu mesma tomaria conta disso – prossegue Juliana.

– De agora em diante, vocês terão que tomar conta de tudo o que ela faz, avise a cuidadora para ficar bem atenta.

– Triste isso tudo, doutor – diz Juliana.

– Eu lamento muito Juliana – diz Arnaldo.

– Não vamos ficar aqui nos lamentando, vamos agir.

– Sim, eu tomei a liberdade de marcar o atendimento de Alice com o doutor Roque, que já está lhes esperando. Os exames estão com ele. Vou levá-los até lá, venham – diz Arnaldo se levantando e dirigindo-se a porta.

Todos se levantam, Paulo pega Alice pelo braço para conduzi-la ao consultório que fica no mesmo corredor.

Ao saírem, Arnaldo encontra seu filho Roberto, que já está atendendo na mesma clínica.

Alto, de corpo atlético, barba bem-feita e cabelos negros, Roberto se dirige ao pai para abraçá-lo e encontra com toda a família de Paulo.

– Olha quem está por aqui, pessoal?

– Paulo abraça o rapaz, que não consegue desviar o olhar de Juliana.

– Lembra-se dele, Paulo?

– Claro que sim, como cresceu rapaz!

– Obrigado Paulo – diz Roberto abraçando o amigo.

– Ora se essa não é a dona Alice! – diz Roberto abraçando Alice, que retribui o abraço com um lindo sorriso no rosto.

– E você é a Juliana?

– Sim, eu sou a Juliana.

– O tempo passa rápido não é pai?

– E como, Roberto.

– Vou levá-los ao consultório do Roque, que vai cuidar da Alice, Roberto.

– Ela estará em boas mãos, podem ter certeza – diz o rapaz.

– Venham senhores – diz Arnaldo.

– E você quando puder venha tomar um café comigo Juliana – diz Roberto.

– Sim, claro que sim – diz a jovem encabulada.

Todos se despedem e seguem para a sala de atendimento.

Juliana sente algo diferente, aquele olhar mexeu com a menina.

Paulo percebeu os olhares e brinca com a filha.

– Excelente partido, Juliana.

– O que pai?

– Excelente partido o Roberto.

– Pai...

– Estou falando sério, você viu o olhar dele para você?

- Pai, deixa de bobagem.
- Bobagem que nada, eu vi muito bem o olhar dele para você.
- Ele me convidou para um café!
- Vá, deixa que eu cuido da sua mãe.
- Vou mesmo, estou triste com tudo isso, preciso de um tempo para mim.
- Vai filha, quando tudo acabar aqui eu te procuro para irmos embora.
- Mãezinha, vai com o papai que eu vou tomar um copo de água
- diz Juliana beijando a mão de Alice.
- Vai filha, distraia a cabeça um pouco, deixa que eu converso com o médico.
- Perdoe-me papai, mas não estou bem.
- Vai filha, vai...

Juliana então deixa Paulo e Alice e se dirige à cantina da clínica para tomar um copo com água e um café. Emocionalmente ela está muito abalada com a notícia, embora tenha sido ela a primeira a perceber que Alice não estava bem. Suas suspeitas infelizmente se confirmaram.

Triste, ela caminha lentamente pelo extenso corredor. Roberto ao longe vê que Juliana está se dirigindo para a parte de trás da clínica onde há um jardim muito próximo a cantina.

O lugar é charmoso, há flores e um pequeno jardim suspenso onde um bougainville rosa enfeita ainda mais o ambiente. Há dois bancos um de frente para o outro, no centro uma pequena mesa feita de cimento decorada com imagens de pássaros.

Triste, Juliana se senta. Pensativa, ela nem percebe que Roberto se aproxima.

– Posso me sentar aqui – diz o rapaz bem perto do banco a frente de Juliana.

– Sim, claro Roberto.

– Meu pai me falou sobre a doença de dona Alice, eu sinto muito.

– É, eu estou triste por isso. Minha mãe sempre foi uma mulher ativa, cuidou de tudo e de todos. Agora ela precisará de nossa atenção e cuidado.

– O Alzheimer pode não ser tão ruim como se imagina. É uma doença triste, mas com a medicação correta e os cuidados necessários o paciente consegue ter uma vida normal. Embora limitada.

– Espero que a minha mãe não sofra, ela não merece!

Duas lágrimas escorrem pelo rosto de Juliana.

Carinhosamente, Roberto com os polegares seca as lágrimas sofridas de Juliana, que permite a liberdade do rapaz.

– Não fique assim. O Roque é um excelente médico e vamos cuidar muito bem da sua mãe.

– Perdoe as minhas lágrimas.

– Não fique assim – insiste o rapaz.

Juliana abaixa a cabeça e se mostra extremamente triste.

–Tenho uma proposta a lhe fazer – diz Roberto.

– Proposta?

– Sim, uma proposta!

– Diga então!

– Posso jantar com você essa noite?

– Jantar, você não é casado?

– Não, claro que não. Acabei de sair da faculdade não tive tempo para isso!

– Perdoe-me a pergunta.

– Deixe de bobagem Juliana, nós nos conhecemos desde criança. Seguimos caminhos diferentes, mas somos velhos conhecidos. Você não precisa ficar pedindo perdão a toda hora!

– É que não quero atrapalhar.

– Você ainda não me respondeu, posso te levar para jantar?

– Sim, claro que sim, Roberto.

– Então melhore seu rosto que eu não quero jantar com uma menina tão linda como você com o rosto inchado.

Juliana sorri.

– Melhor assim, te pego às oito, pode ser?

– Sim, vou estar te esperando.

– Agora eu preciso ir, tenho vários pacientes me esperando. Depois me passa o seu endereço, toma aqui o meu telefone – diz ele entregando a Juliana o seu cartão.

– Está bem, Roberto, nos veremos a noite. Eu te passo meu número e meu endereço.

– As oito eu passo na sua casa para te pegar, vá pensando o que você quer comer.

– Está bem! Obrigado por suas palavras, estou melhor agora.
Obrigado Roberto.

– Até a noite Juliana.

– Até!

Roberto se levanta, beija suavemente a face de Juliana e dirige-se ao seu consultório onde vários pacientes o aguardam.

Juliana sente uma alegria por ter reencontrado Roberto, seu coração está feliz.

Naquela noite, às oito horas, Roberto, conforme combinado, chega à casa de Juliana, que já está arrumada esperando o rapaz.

Vestindo calça jeans e camisa branca, Roberto define seu corpo atlético. Juliana ao receber o rapaz observa como é lindo seu pretendente.

– Boa noite – diz Roberto.

– Boa noite, quer entrar?

– Não precisa, vamos sair?

– Sim, deixe-me só me despedir da mamãe e do papai.

Juliana deixa Roberto na pequena varanda e entra para se despedir de Alice e Paulo.

– Vamos? – diz a jovem retornando.

– Sim.

Roberto tem um belo carro.

– Você tem alguma preferência, Juliana?

– Não, eu como qualquer coisa!

– Vamos a um restaurante japonês?

– Pode ser!

– Você gosta desse tipo de comida?

– Sim.

– É a minha preferida – diz o rapaz.

A noite é longa. Ao final, Roberto dirige seu carro até o calçadão da praia onde convida Juliana para caminhar.

– Você se importa se caminharmos um pouco?

– Não, claro que não, Roberto.

– Sabe, Juliana, você sempre foi minha paixão de menino.

– Como assim, paixão de menino?

– Todos os meninos sonham ter uma namorada.

Os dois caminham pela orla naquela noite quente.

– Você sonhava ser meu namorado?

– Sim, na nossa infância eu dizia para todos os meus amigos que um dia eu ainda seria o seu namorado.

– Mas você nunca me falou isso!

– Eu tinha muita vergonha.

– Nossa! Nunca desconfiei de nada, Roberto!

– Sempre fui muito tímido. Quando você decidiu fazer agronomia eu fiquei muito triste.

– Por quê?

– Porque eu não te veria mais com tanta frequência. A faculdade nos separou.

– É mesmo, deve ter uns seis anos que eu não te vejo.

– Tive que mudar de escola para poder passar para medicina, você sabe, ser médico sempre foi o sonho dos meus pais, e eu acabei aceitando esse desafio. Medicina é herança de família.

– Seu avô também era médico, não era?

– Sim, vovô era cardiologista.

– Que linda é a sua família!

– Obrigado Juliana. Eu posso te contar um segredo? – diz Roberto parando.

– Sim, claro que sim!

Roberto toma Juliana pelas mãos e olhando fixamente para seus lindos olhos verdes, diz:

– Eu sempre te amei Juliana.

– Como assim?

– Desde menino que eu te amo, o tempo nos afastou, mas quando te vi ali na clínica do meu pai, o meu coração quase saiu pela boca, meus batimentos cardíacos dispararam, pude reviver tudo o que sinto por você desde menino.

– Por que você não me procurou antes?

– Eu tinha medo de te ver casada. Quando vocês foram embora, papai me falou de você e me contou tudo o que vocês fazem agora e como vivem.

– Seu pai é um fofoqueiro.

– Não, ele simplesmente sabe o quanto eu te amo.

Roberto fixa seu olhar em Juliana, que, calada, olha bem fundo nos olhos de Roberto, os lábios se encontram em um caloroso e ardente beijo.

Juliana suspira, sente algo inexplicável.

Roberto aperta Juliana junto a seu corpo.

Parece que o amor reacende dentro daqueles dois apaixonados.

O namoro se estabelece e ambas as famílias ficam felizes com o reencontro.



“A felicidade é de dois mundos.”

Nina Brestovini

O reencontro das almas

Após um ano e meio entre namoro e noivado, Juliana e Roberto se casam.

A festa está linda e todos estão felizes.

Paulo está sentado ao lado de Alice, que é cadeirante, pois tem preguiça de andar, assiste a tudo emocionado.

Silmara está ao lado de Alice, que por vezes se mostra agressiva.

Embora medicada, o quadro de Alice não melhorou. O Alzheimer se estabeleceu de forma irreversível. Pobre Alice, que vive com o olhar perdido.

Juliana se aproxima de Paulo para abraçá-lo feliz.

– Você está feliz, papai?

– Sim, minha filha, posso assegurar que sou o pai mais feliz do universo.

– Pena que a mamãe está neste estado, né pai?

– Sim, filha, eu fico triste por Alice estar assim.

– Eu queria muito ver novamente o sorriso de mamãe.

– É filha, infelizmente ela não responde mais as coisas normais do dia a dia.

- Mas você está feliz?
- Sim, filha.
- Venha dançar comigo, papai?
- Depois eu vou.
- Vou te esperar.
- Depois eu vou, Juliana.

Paulo não está bem. Uma mágoa enorme lhe aflige o coração, afinal, seu sonho e o de Alice se realiza e ela não participa mais de nada. Ele está muito triste.

Juliana, abraçada pelas amigas, é levada para a pista de dança onde todos os amigos dela e de Roberto comemoram o dia de tamanha felicidade. Júlia a sua melhor amiga é só alegria.

Arnaldo está feliz em ver seu filho casado com uma menina que ele viu nascer.

Todos estão muito felizes, até que Paulo resolve ir para casa. Triste, ele segue seu destino.

Paulo procura Juliana para conversar.

– Filha eu vou embora, estou cansado e sua mãe precisa dos remédios.

– Você não vai dançar comigo, pai?

– Filha, sou um homem velho, chega essa hora eu preciso mesmo é da minha cama. E a sua mãe precisa dos remédios.

– Por que você não trouxe os remédios, papai?

– Eu me esqueci, filha!

– Tá bom pai, vai. Já vi que você inventou uma desculpa para ir embora. Amanhã vou viajar para a minha lua de mel, logo pela manhã. Hoje nós vamos dormir na nossa casa. Mas antes de ir para o aeroporto eu passo lá em casa para me despedir de você e da mamãe.

– Tá bom, filha, eu te espero lá em casa amanhã. Desculpa o seu velho pai.

Juliana se aproxima de Alice e beija-lhe a face.

Alice permanece perdida em seu universo de Alzheimer.

Assim, Paulo deixa a festa de casamento de sua filha e se dirige para casa acompanhado de Silmara, a inseparável cuidadora.

Após um banho, ele coloca Alice na cama e se deita a seu lado para dormir.

É madrugada quando Paulo acorda com forte dor no peito. Sem conseguir auxílio, pois Alice dorme e não reage a nenhum estímulo, Paulo desencarna solitário, caído na porta do banheiro onde procurava lavar o rosto na esperança de melhorar. O infarto é fulminante.

O quarto do casal se enche de luz. São os bem feitores que vêm em busca do velho e cansado homem que vendia livros.

Atordoadado, Paulo acorda ao lado de seu corpo morto.

– Meu Deus o que é isso?

– Isso é a morte física, Paulo – diz Iolanda se aproximando do filho.

– Mãe! – diz Paulo assustado, amparado por Iolanda, sua mãe.

– Meu filho – diz Iolanda, aproximando-se e abraçando o filho carinhosamente.

Emocionadíssimo, Paulo abraça a mãe e repousa sobre seu ombro sua cabeça branca.

Paulo Cesar se aproxima e, sorrindo, se dirige do filho.

– Pai!

– Oi meu filho. Estamos aqui para lhe buscar.

– Meu Deus, eu morri, mas estou vivo. Que é isso?

– Ninguém morre, filho – diz Iolanda.

– Olhem meu corpo caído, ele morreu?

– Sim, a carne morre, mas o espírito é eterno meu filho. E nós estamos muito felizes em te reencontrar.

– Mãe, e como vai ficar a Alice, quem vai cuidar dela, mãe? E a Juliana, meu Deus, ela se casou ontem. O que será delas?

– Paulo, meu filho, tudo vai se ajeitar, venha conosco. Não fique preocupado.

– Mas, pai, o que será delas? Juliana está indo para a lua de mel, meu Deus, por que isso foi acontecer hoje? Logo hoje!

– Assim está estabelecido Paulo – diz Iolanda.

– Como assim, estabelecido?

– Venha conosco, que vamos te explicar.

– Venha Paulo – insiste Iolanda.

Olhando para Alice, que dorme sem perceber o ocorrido, Paulo segue o conselho de seus pais e entra em uma enorme luz branca que preencheu todo o ambiente.

Após passar pela luz, Paulo e seus pais chegam a uma pequena cidade espiritual chamada Encontro de Luz.

A colônia Encontro de Luz é na verdade um núcleo de resgate de várias colônias. Ali ficam os espíritos esperando pelo desencarne dos seus afins.

Tudo no mundo espiritual é muito organizado.

– Mãe, que lugar é esse?

– Essa é uma pequena colônia, na verdade um núcleo onde eu e o seu pai ficamos por alguns dias à espera do seu desencarne.

– Olhe, tem várias pessoas aqui!

– Não são pessoas, Paulo, são espíritos, assim como você.

– Perdoe, pai. Eu ainda estou confuso.

– Nós vamos te explicar, venha, vamos nos encontrar com o Herculano.

– Quem é Herculano?

– É quem dirige esse lugar – diz Paulo Cesar.

– Pai, me perdoa, mas eu me sinto vivo, mais vivo do que nunca. As minhas pernas já não doem mais. O que vocês fizeram comigo?

– Nós?

– Sim, eu me sinto como um rapaz de vinte anos.

– Não fizemos nada. Quando chegamos aqui nosso corpo espiritual não apresenta as doenças do corpo físico. Alguns precisam de refazimento, o que não é seu caso.

– Como assim, refazimento? Remédios?

– Dependendo do seu modo de viver, você pode precisar de refazimento, que nada mais é do que uma energização espiritual para que você possa estar preparado para a vida na espiritualidade.

– Ouvi falar algumas coisas sobre isso, ouvi e li alguma coisa nos livros espíritas que vendia na livraria.

– O espiritismo é que está trazendo as informações da vida após a vida.

– Venha, filho, vamos ao encontro de Herculano.

– Vamos sim, estou muito curioso com tudo aqui.

Paulo temporariamente deixa de lado as preocupações com Alice e Juliana.

Feliz, ele caminha ao lado de seus pais em direção a um grande prédio no centro da colônia onde vários espíritos estão aguardando para ser atendidos. Há uma alegria inexplicável dentro de Paulo.

– Pai, olhe, tem várias pessoas esperando do lado de fora. O que será que está acontecendo?

– São espíritos como nós que farão o resgate daqueles que ainda estão encarnados. Eles ficam ali esperando a chamada para irem ao encontro dos seus.

– Vocês passaram por isso?

– Sim, fomos avisados do seu desencarne e viemos esperar o momento certo do reencontro.

– Pai, mãe, como eu amo vocês – diz Paulo emocionado.

– Nós também, filho.

– Nunca imaginei que isso fosse possível.

– Isso o quê?

– Nunca imaginei que vocês estariam vivos aqui me esperando.

– Você ainda vai se encontrar com muitas pessoas que estiveram ligados a você nessa última encarnação e em outras que você ainda não lembra.

– Outras que eu ainda não lembro? Estou confuso.

– Calma, nós vamos te explicar tudo.

Finalmente, eles chegam e são recebidos por Milena.

– Olá Iolanda, vejo que conseguiram trazer o Paulo.

– Ele aceitou bem a separação – disse Paulo Cesar.

– Venham, vamos entrar, Herculano os espera – diz a jovem de aproximadamente vinte anos.

Há um extenso corredor com várias salas. A sala de Herculano é a última no final do corredor azul, como é chamado.

– Entrem, por favor – diz Milena abrindo a porta.

Ao fundo, numa grande mesa, está sentado um jovem de aproximadamente trinta anos. Cabelos brancos, pele branca, sorriso tímido, esse é Herculano.

– Entrem, sentem-se, por favor – diz o rapaz mostrando algumas cadeiras à frente de sua mesa.

Paulo está encantado com o lugar.

– Bom dia! – diz Herculano estendendo a mão para cumprimentar os recém-chegados.

Tímido, Paulo cumprimenta o rapaz e se senta à sua frente.

– Aí está o seu filho, Iolanda!

– Graças a Deus, Herculano, eu já não aguentava mais viver afastada ele.

– O tempo é o remédio para a vida – diz o mentor.

– E você, Paulo, está bem?

– Sim, eu me sinto ótimo, até estava comentando com a mamãe que minhas dores nas pernas sumiram.

– Aqui só existe uma dor, Paulo.

– Qual é?

– A dor da saudade – diz Herculano.

– Eu também tinha muita saudade dos meus pais, eu achava que eles haviam morrido e que eu nunca mais iria reencontrá-los.

– Ainda bem que não é assim, não é Paulo?

– Sim, ainda bem que eles estão vivos.

– Bom, vamos ao que interessa – diz Herculano.

– Você está preparado, Paulo, para saber coisas das suas vidas anteriores? – pergunta Iolanda.

– Eu nem tinha ideia que existia uma vida após a vida, quiçá vidas anteriores, mãe.

– Pois bem Paulo, a vida não termina com uma vida. Quer Ele que todos se tornem perfeitos e, para isso, Ele usa a reencarnação do espírito – diz Herculano.

– Eu me preocupo é com a Alice. A Juliana é jovem e vai superar a minha ausência, mas a Alice depende muito de mim.

– Essas preocupações são temporárias, Paulo. Juliana acabou de se casar e tem uma linda e edificante missão pela frente. Ela e o

Roberto precisam cumprir o que combinaram antes de encarnar.

– Eles combinaram, como assim?

– Tudo o que acontece na vida material foi combinado antes da encarnação, assim Juliana e Roberto combinaram se encontrarem, casarem e cumprir a mais nobre missão.

– Estou confuso – diz Paulo.

– Não fique. Sua visita até a minha sala tem como objetivo nos conhecermos. Agora você vai com seus pais para outra colônia onde poderá reencontrar algumas pessoas que se ligaram a você durante suas vidas. Após esse período, voltaremos a nos encontrar, e nessa ocasião poderei lhe mostrar e explicar todo o ocorrido.

– Certo, farei assim, mas eu posso saber da Alice?

– A Alice vai ficar bem.

– Posso confiar?

– Sim, confie, ela vai ficar bem!

– Para onde nós vamos agora?

– Você vai, junto com a sua mãe e o Paulo Cesar, para a Colônia das Flores.

– Agora?

– Sim, prepare tudo, Milena, e leve o Paulo e os seus pais para o veículo de transporte. Em breve nos veremos novamente, Paulo.

Herculano se levanta e estende a mão para cumprimentar todos os presentes.

Confuso, Paulo o cumprimenta e sai da sala.

Ao caminharem em direção a estação de transporte, Paulo pergunta a seus pais o que está acontecendo.

– Mãe, o Herculano é quem dirige tudo isso aqui?

– Sim, ele é o mentor espiritual desse posto e diretor espiritual.

– Mas ele é tão jovem!

Iolanda para repentinamente e puxa Paulo Cesar para se posicionar ao seu lado. Milena assiste a tudo calada.

– Olhe fixamente para mim, Paulo.

Todos param e formaram um pequeno círculo.

Paulo olha fixamente para a mãe.

Iolanda começa a rejuvenescer na frente de todos. Paulo Cesar também rejuvenesce.

Assustado, Paulo vê seus pais rejuvenescerem ali na frente dele.

– Meu Deus, vocês estão jovens! Como conseguiram fazer isso?

– Seu pensamento é o que determina o que você é aqui meu filho. Aliás, seu pensamento é quem te define na vida eterna.

– Mãe, você está tão jovem! Olha o papai também!

Milena se aproxima de Paulo e lhe pega as mãos.

– Paulo, se você pudesse voltar no tempo, qual idade você gostaria de viver aqui?

– Meus vinte anos foram inesquecíveis.

– Então feche os olhos e olhe para dentro de si, lembre-se do seu corpo quando você tinha a idade desejada.

Paulo fechou os olhos obedecendo as ordens de Milena. Respirou fundo. Durante alguns segundos ele ficou assim.

– Agora abra os olhos, Paulo – ordena a jovem.

Paulo leva as mãos à boca e começa a chorar enquanto olha para o seu corpo modificado.

– Meu Deus, o que é isso?

– É assim que você pode viver aqui, Paulo.

– Fui eu quem fiz isso?

– Sim, seu corpo obedece às ordens de seu pensamento quando você está aqui.

– Quer dizer que se eu quiser aparentar cinquenta anos eu posso?

– Cinquenta, vinte, dez, cinco, trinta, quando anos você quiser.

– Não, eu vou ficar assim. Olha, estou jovem!

Iolanda sorri e abraça o filho.

– Deus é maravilhoso, filho – diz Paulo Cesar.

– E como – diz Milena. – Agora venham, vamos até a estação.

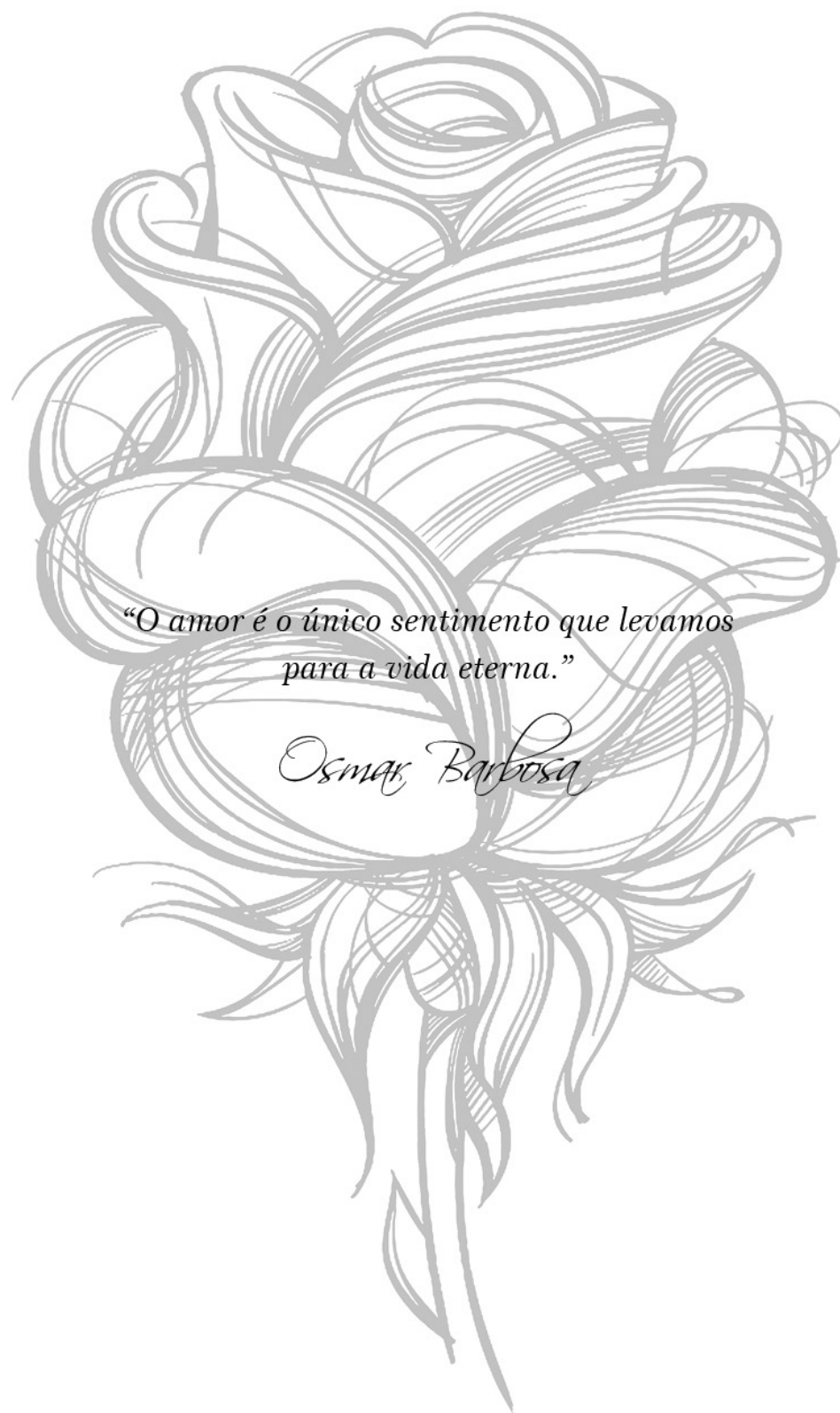
– Vamos – diz Paulo animado.

Após algum tempo eles embarcam em direção à Colônia das Flores.

Paulo está feliz.

Existe no mundo espiritual um veículo que se parece muito com um trem, mas sem rodas e não tem trilhos para viajar. Ele viaja pelo céu sem fazer barulho. Esse trem é o que leva os espíritos de colônia para colônia. Assim é parte da vida no mundo espiritual.

Tudo é muito colorido nas esferas espirituais. Há rios, oceanos, ruas, vilas, casas, prédios e tudo o que temos aqui. A vida espiritual é um espelho da vida material. Ele quis assim para que nós, ao chegarmos na vida eterna, não sejamos surpreendidos. Tudo é natural, tudo é belo e encantado. Tudo na vida após a vida é essência divina.



*“O amor é o único sentimento que levamos
para a vida eterna.”*

Osmar Barbosa

A vida como ela é

O telefone toca na nova residência de Juliana e Roberto, são seis horas da manhã do fatídico dia.

– Alô.

– Dona Juliana?

– Sim.

– Aqui é a Silmara.

– O que houve, Silmara? – pergunta Juliana aflita.

– Aconteceu uma tragédia, dona Juliana.

– Ai meu Deus – diz Juliana assustada.

Roberto ouve o desespero da esposa e se aproxima rapidamente.

– O que houve, amor?

– Não sei ainda. Fala Silmara, fala logo menina! O que aconteceu com a minha mãe? – diz Juliana retomando o telefonema.

– Aconteceu uma tragédia, dona Juliana.

Juliana passa o telefone para Roberto e se senta apavorada.

As lágrimas começam a descer, Juliana pressente que algo muito grave aconteceu à sua vida.

– Silmara, sou eu, o Roberto, o que houve?

– Uma tragédia, seu Roberto, o seu Paulo morreu.

– Paulo, como assim?

Juliana se desespera ao ouvir o nome do seu pai.

– Calma, Juliana, fique calma meu amor – diz Roberto fixando o olhar em Juliana.

– O que aconteceu ao meu pai? – pergunta a jovem aflita.

– Calma amor, deixa eu saber o que houve, senta aqui – diz Roberto pedindo para Juliana se sentar no sofá de um só lugar que existe em seu quarto.

– Silmara, o que houve? – diz Paulo ao telefone.

– Não sei, seu Roberto, eu acordei e vim preparar a dona Alice para o café da manhã quando vi o seu Paulo caído perto do banheiro. Coloquei a mão nele, e ele estava gelado.

– Você chamou alguém?

– Sim, corri na casa da dona Vera e chamei o marido dela.

– E o que ele disse?

– Ele disse que o seu Paulo está morto, que ele deve ter tido um mal súbito e morreu durante a noite.

– Estamos indo para aí, não faça nada até eu chegar, Silmara, por favor.

– Tá, vou esperar o senhor – diz Silmara desligando o telefone.

Roberto se aproxima de Juliana e ajoelhando-se a sua frente lhe dá a pior notícia que ela poderia ter.

– Juliana, seu pai morreu.

– Meu Deus – diz Juliana chorando.

– Silmara disse que quando foi acordar sua mãe encontrou seu pai caído no banheiro.

– Ela chamou um médico?

– Ela disse que chamou o vizinho, que constatou a morte do Paulo, eu lamento meu amor.

– Vamos para lá agora, Roberto.

– Sim amor, vamos.

Juliana muda de roupa enquanto Roberto toma uma ducha. Em poucos minutos eles chegam à casa de Alice.

Sentada na varanda olhando a brisa do dia Alice não demonstra nenhum sentimento.

Juliana corre e abraça a mãe.

Arnaldo já estava presente e já havia providenciado tudo. A funerária já tinha levado o corpo de Paulo para os preparativos do velório.

– Oi Pai.

– Oi filho, que dia péssimo para o Paulo morrer – diz Arnaldo.

– Pois é, pai, você atestou o óbito?

– Sim, parada cardíaca.

– É bom que seja assim.

– Evitamos o IML.

– Obrigado, pai.

– E a viagem?

– Não sei, vou ligar para o Ricardo e ver o que ele pode fazer.

– Que horas é seu voo?

– À noite, às 21h.

– Dá tempo, é só a Juliana autorizar o enterro ainda hoje.

– Tem como ser assim?

– Sim, filho. Eu já falei com o pessoal da funerária e eles disseram que podem enterrar ele hoje às 13h.

– Vou falar com a Juliana. Cadê ela?

– Não a vi filho.

Roberto sai à procura de Juliana.

– Silmara, onde está a Juliana?

– Ela estava aqui agora mesmo, beijou Alice. Acho que ela foi para o seu quarto.

Roberto segue até o quarto de Juliana e a encontra deitada agarrada a um coelho de pelúcia. Ele se senta ao lado da esposa, que chora calada.

– Não fique assim, Juliana.

– Meu pai não merecia isso, amor.

– Todos um dia teremos o mesmo destino, Juliana.

– Ele não dançou comigo.

– Sinto muito, amor.

– Cadê ele, Roberto?

– O pessoal da funerária está providenciando tudo.

– Que horas será o enterro?

– Se você autorizar, será às 13h.

– Tão rápido assim?

– Meu amor, não adianta você ficar aqui sofrendo, temos uma viagem paga. Se você quiser podemos adiá-la.

– Isso não vai trazer o meu pai de volta.

– Também acho!

– Vamos enterrá-lo e seguir nossa viagem. É isso que ele nos diria para fazer.

– Está bem, querida!

– Preciso ver a minha mãe.

– Venha, amor – diz Roberto.

Juliana caminha até a varanda e se senta ao lado de Alice, que nem a reconhece mais.

– Mãe, eu não sei muito bem como é ter a doença que você tem, mas hoje, meu pai, o seu marido, morreu, e você sequer derramou uma lágrima. Não quero te culpar, mas você sempre foi presente em nossas vidas e agora você fica aí como um objeto que mal se move.

Alice olha para Juliana e sorri.

– Mãe, você está rindo de quê? Mãe, por favor, olha para mim e me diga que você não está doente, que você entende tudo o que estou passando agora. Se você não percebeu, mãe, eu fiquei órfã agora. Meu pai morreu e você vive como uma morta.

– Deus, me perdoa, mas porque você não levou a minha mãe no lugar do meu pai? Minha mãe e nada é a mesma coisa. Olha para ela, Deus, por que ela vive assim? Minha mãe virou um objeto.

– O senhor levou o meu bem mais precioso. Meu paizinho é o amor da minha vida, meu companheiro, meu amigo, meu parceiro, meu colega, meu fiel escudeiro! O que eu vou fazer da vida agora sem ele para me orientar, me ajudar, me diz Deus? O que faço com a livraria que carinhosamente ele mantinha e sustentou nossa vida? O que faço Deus?

Juliana se levanta e sai à rua para caminhar. Começou a lembrar da sua infância, dos momentos que passou ao lado de Paulo.

– Desde menina, ele me levava para a escola. Nessas calçadas rimos juntos, brincamos juntos, ele sempre sorria quando me pegava no portão da escola ou da faculdade, sempre me alertando dos perigos da vida. Pai, por que você fez isso comigo?

Juliana caminha secando as lágrimas com os polegares.

Ela caminha até uma pequena praça no final da rua. Senta-se em um balanço e começa a se balançar.

Sua mente a remete ao tempo em que era menina e era Paulo quem a balançava naquele mesmo lugar. Lembra dos natais que os presentes eram escondidos sobre a janela de seu quarto, das gargalhadas de Paulo, da alegria dos domingos de praia. Seu coração está em pedaços.

Muito triste, ela fica ali por algumas horas até que é interrompida por Roberto, que após procurá-la por horas a encontra na praça.

– Juliana vamos, temos que ir para a capela, está tudo pronto.

– Não sei onde encontrarei forças, meu amor.

– Estou aqui, venha querida!

Arnaldo já está no carro esperando pelo casal.

– Oi seu Arnaldo! – diz Juliana.

– Olá minha jovem, lamento o ocorrido.

– O senhor sabe o que houve com o meu pai?

– Ele teve um infarto fulminante.

– Ele sofreu?

– Sequer acordou – disse Arnaldo.

– Como assim?

– O infarto é muito rápido, provavelmente ele sentiu uma dor no peito e se levantou para pedir auxílio, só que esses traumas são muito rápidos.

– Coitado do meu pai. Talvez se eu estivesse em casa eu o teria salvado.

– Provavelmente não, Juliana. É muito rápido.

– Será que a minha mãe viu alguma coisa?

– Se viu, não compreendeu.

– Por causa do Alzheimer?

– Sim – disse Roberto.

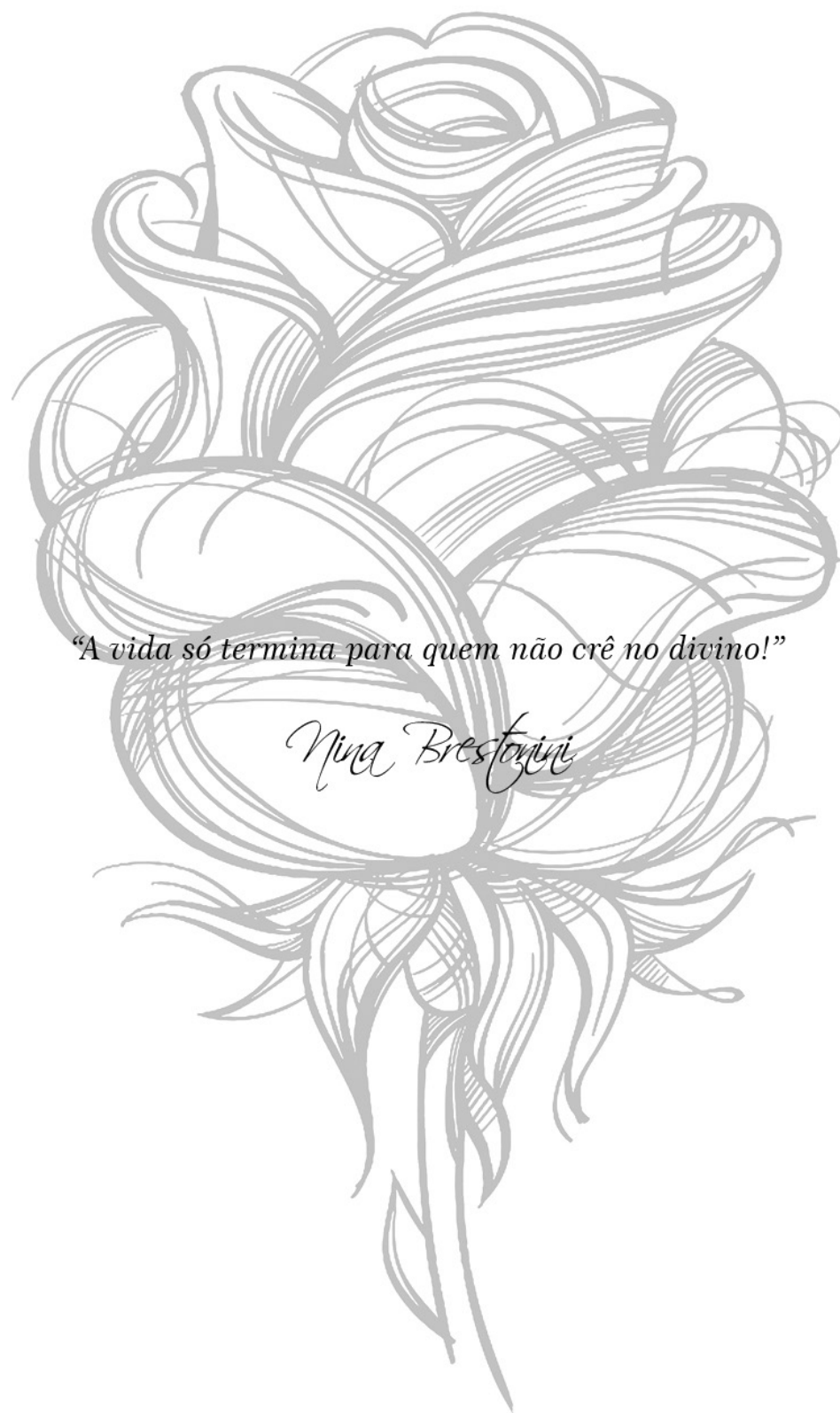
– Qual é o verdadeiro estado da minha mãe?

– No estágio em que está a doença da sua mãe, ela é totalmente dependente de terceiros. Ela já não se locomove sozinha, pouco se comunica e precisa de supervisão permanente. Se não fosse a Silmara, as coisas estariam piores. Você tem observado que Alice não responde mais aos estímulos.

– O quadro dela evoluiu muito rápido, não é pai?

- Sim, filho, muito rápido.
- A Silmara me disse que ela está ficando um pouco agressiva – disse Roberto.
- É comum à doença – disse Arnaldo enquanto dirigia seu carro.
- Estamos próximos da capela?
- Sim, Juliana, já estamos próximos.
- A mamãe não vem?
- Recomendei que ela fique em casa. Silmara vai cuidar dela.
- Vou ter que ver com a Silmara se ela vai continuar a olhar a mamãe para mim.
- Vou falar com ela, amor – diz Roberto.
- Não sei o que fazer agora. Estou perdida.
- Vamos por partes, Juliana. Após o enterro retornaremos a casa de sua mãe e conversaremos com a Silmara.
- Não é só isso, Roberto. Tem a livraria, a casa do meu pai. As coisas dele e tudo mais.
- Amor, vamos primeiro enterrar seu pai, depois resolveremos isso.
- Eu não queria fechar a livraria.
- Não vamos fechar.

Juliana se cala e fica olhando a paisagem enquanto se aproxima da capela para o enterro de Paulo.



“A vida só termina para quem não crê no divino!”

Nina Brestonni

Colônia das Flores

A Colônia das Flores é uma das mais antigas colônias estabelecidas sobre o orbe terreno. Ela fica sobre os estados do Paraná, Santa Catarina, adentra São Paulo e Mato Grosso do Sul. Como podemos ver é uma enorme colônia espiritual. São encaminhados para lá espíritos que já alcançaram alguma evolução.

Há dentro da Colônias das Flores outras pequenas colônias, dentre elas a Colônia Amor e Caridade, e é lá que vivem alguns dos espíritos que trazem essa psicografia.

Paulo é recebido por Joaquim, seu avô, que, saudoso, o abraça calorosamente.

- Vovô, que bom encontrá-lo aqui!
- Eu é que estou feliz em revê-lo, meu garoto.
- Onde está a vovó?
- A sua avó está em missão na Terra.
- Em missão na Terra, como assim?
- A sua avó está encarnada.
- Encarnada?
- Explica para ele, Paulo Cesar – diz Joaquim.

– Quando chegamos aqui, relembramos todo o nosso passado. E quando cometemos erros podemos repará-los, e uma das formas de reparar o que fizemos é voltando à vida terrena.

– Entendi, pai, é isso que a vovó foi fazer?

– Sim, a sua avó, em uma encarnação antes de nos reencontrarmos, era uma pessoa muito difícil, nunca aceitou os conselhos de seus mentores espirituais, e sempre maltratou seus filhos, em especial uma filha. Foi então que ela decidiu renascer para resgatar o amor desperdiçado, doando-se integralmente para auxiliar esse espírito ligado a ela.

– Ela tinha que amá-lo?

– Sim, era só amá-lo que não precisaria voltar.

– E agora?

– Agora ela é apaixonada pela profissão e faz seu trabalho muito bem.

– Que lindo, vovô.

– As coisas de Deus são lindas, meu neto.

– Será que eu devo voltar para resolver alguma pendência?

– Não, Paulo, você foi um grande homem, um excelente pai, e um exemplo de marido.

– Mas eu não dancei a música de casamento com a minha filha.

– É porque você já estava perto da morte, meu filho – disse Iolanda.

– Como assim, mãe?

– A alma encarnada pressente a morte, filho!

– Quer dizer que aquela indisposição que eu estava já era a morte chegando?

– Sim, somos avisados da nossa morte.

– Bem que eu me senti estranho mesmo. Algo me dizia que eu estava muito próximo do meu fim.

– Pois é, a natureza tem seus mistérios, meu filho.

– Eu realmente não estava muito bem, eu estava sentindo coisas estranhas, sentia que o meu corpo estava se separando da minha alma, isso é normal?

– É um dos sintomas.

– Eu queria abraçar a minha filha e me despedir dela. Será que eu posso fazer isso?

– Paulo, você acabou de chegar à vida espiritual. Nesse momento, você ainda não pode visitá-la. Mas eu te prometo que na primeira oportunidade iremos rever Juliana – diz Paulo Cesar.

– Obrigado, pai.

– Venha, filho, vamos passear pela colônia, temos algumas coisas para ver e lembrar.

– Vamos – diz Paulo animado.

Um jovem de aparência germânica aparece e chama Iolanda para conversar.

– Quem é esse rapaz, papai?

– Ele é aqui da colônia.

– Bonito né?

– Sim, ele é encarregado do amparo daqueles que chegam. Ele tem uma equipe enorme de outros germânicos que o auxiliam.

– Mas porque germânicos?

– Eles viveram por muitos anos no Brasil, mas precisamente foram colonizadores no sul do Brasil e vivem aqui na Colônia das Flores.

– Quer dizer que existe uma ligação entre a cidade em que vivemos e a colônia que ficaremos?

– Sim, encarnamos muito próximos da colônia em que pertencemos ou que viveremos após a vida terrena.

– Interessante isso. Quer dizer que eu pertença a essa colônia?

– Sim, você pertence à Colônia das Flores.

– Mas eu estava vivendo em São Paulo.

– A colônia das flores adentra o interior de São Paulo.

– Eu não sabia disso.

– A colônia das flores é uma das maiores colônias instaladas sobre o Brasil filho.

– Que legal papai.

Iolanda, após ter conversado com o rapaz, aproxima-se e segura na mão do filho Paulo.

– Paulo, eu quero te apresentar o Murilo.

– Muito prazer – diz Paulo apertando a mão do rapaz.

Murilo é alto, de pele clara, cabelo ruivo e olhos azuis.

– O prazer é meu, Paulo.

- Você me conhece?
- Sim, mas você não se lembra ainda.
- Como assim?
- As lembranças aqui são paulatinas.
- Por quê?
- Para que o espírito não sofra, esse é o principal motivo.
- Se eu lembrar de tudo posso sofrer?
- Todos sofrem quando recuperam as lembranças.
- Como assim?
- Arrependimento, meu filho – diz Paulo Cesar.
- Arrependimento de que, papai?
- De ter desperdiçado o tempo precioso de convivência na Terra.
- Mas eu não fiz nada errado.
- Paulo, recebi a permissão de te acompanhar até o seu funeral.

Você deseja voltar para se despedir dos seus familiares?

Paulo coloca as mãos no peito como se fosse ter outro infarto.

- Posso?
- Sim – disse Iolanda.
- Vocês vão estar ao meu lado?
- Sim, seremos a sua companhia – diz Murilo.

Paulo então começa a chorar. Iolanda abraça o filho.

- Poderei rever minha filha?
- Sim, Paulo. Você quer ir?

– Vamos. Como Deus é bom!

Murilo se aproxima e todos dão as mãos, formando novamente um círculo. Milena está com o grupo.

Rapidamente eles chegam ao velório.

Os amigos próximos estão inconsoláveis. Juliana, de pé ao lado do caixão, acaricia o rosto de Paulo. Roberto está de pé a seu lado. Arnaldo faz companhia ao filho e nora.

Chorando, Paulo se aproxima da filha e a abraça.

Iolanda abraça o filho e a neta.

– Filha, perdoe-me por não ter me despedido de você.

– Faça isso agora, Paulo – diz Murilo.

– Mas ela não pode me ouvir – diz Paulo olhando para Murilo.

– Temos a voz da consciência, fale através do pensamento, Paulo, tenho certeza que ela vai te ouvir – diz o jovem rapaz.

Abraçado a filha, Paulo pede perdão através do pensamento.

Imediatamente Juliana entra em choro compulsivo. Roberto abraça a esposa que diz: – Parece que o papai está aqui Roberto, eu consigo sentir seu abraço apertado.

– Que é isso, amor? – diz Roberto.

Abraçada a Roberto, Juliana se acalma e suas lágrimas agora são de felicidade ao se lembrar dos momentos vividos ao lado de Paulo.

Murilo sorri, pois percebe que Paulo está feliz com os pensamentos da filha, que não sofre mais.

– Ela parece me ouvir – diz ele.

– Sim, ela pode te ouvir Paulo. Agora ela está aliviada – diz Iolanda emocionada com o encontro realizado.

Paulo Cesar, saudoso, se aproxima e abraça a querida neta.

O ambiente é de paz e harmonia.

Paulo abraça todos os presentes e voltando-se para Murilo o interpela.

– Rapaz, posso te fazer uma outra pergunta?

– Sim, Paulo, fique à vontade?

– Quem é você, por que você me trouxe aqui?

– Eu?

– Sim, parece que te conheço, mas não lembro.

– Sou o seu mentor espiritual, estamos ligados por diversas vidas.

– Já li alguma coisa sobre isso nos livros espíritas que vendia em minha livraria, mas confesso que nunca acreditei muito nisso.

– Teremos muito tempo para conversar, relembrar e resgatar muita coisa, Paulo, tenha paciência.

– Murilo, só tenho é que te agradecer por eu poder abraçar novamente a minha filha.

– Aqui se colhe os frutos do trabalho laborioso da vida terrena.

– Eu é que fico feliz em estar ao seu lado, meu filho, nessa hora – diz Iolanda.

– Mãe, você sempre foi meu tudo – diz Paulo.

– Venha, Paulo Cesar, venha abraçar seu filho – diz Iolanda.

Paulo Cesar se aproxima e, juntos, Iolanda e Murilo se abraçam e retornam à Colônia das Flores.

Aliviada, Juliana enterra seu pai.

– Obrigado a todos por terem me permitido abraçar a minha filha, mas confesso que não gostei de ter ido ao meu enterro.

Todos riem.

– Agora o que faremos?

– Vamos até a minha sala que preciso te mostrar algumas coisas, Paulo – disse Murilo.

– Vamos.

– Murilo, agora cumpre-se o determinado – diz Iolanda.

– Sim.

– Filho, eu, seu pai e seu avô temos afazeres aqui na colônia. Mais tarde nos encontramos, pode ser?

– Sim, mamãe, sem problemas, não quero atrapalhar.

Iolanda, Paulo Cesar e Joaquim abraçam Paulo, que segue junto a Murilo para o prédio da administração.

– Vamos caminhar, Paulo?

– Sim, Murilo, com prazer.

Assim, Paulo e Murilo caminham pelas avenidas da Colônia das Flores.

O lugar é lindo. Há árvores coloridas, pássaros e vários outros espíritos transitando no lugar.

Uns jovens, outros idosos e seres muito diferentes. Paulo estranha aquelas criaturas e pergunta a Murilo quem são.

- Perdoe-me a intromissão, mas quem são esses seres?
- Quais? – pergunta Murilo.
- Esses seres diferentes daqui.
- Você está impressionado com eles?
- Nunca vi nada igual, nunca pensei que existissem criaturas assim.
- Não são criaturas, são formas diferentes. Cada planeta tem sua atmosfera, sendo assim as formas são diferentes – disse Murilo.
- Compreendo. Mas o que eles fazem aqui?
- Estão estudando para evoluir.
- Eles não são mais evoluídos que nós?
- Alguns sim, outros não.
- Como assim?
- No imenso universo criado por Deus há milhares de galáxias, e em todas as galáxias há planetas habitados e outros não habitados ainda. Assim, o intercâmbio entre as galáxias e entre os planetas é muito comum.
- Quer dizer que outros espíritos vêm para cá e nós podemos ir para lá?
- Sim, é muito comum o intercâmbio entre as colônias espirituais nos diversos planetas.

Paulo e Murilo caminham conversando.

- Deixe me ver se entendi. Há diversas galáxias e, nessas galáxias, uns planetas são habitados e outros não, e nesses planetas

habitados há seres como nós e esses seres visitam nossa galáxia, é isso?

– Sim, é isso. Todo o universo está habitado. A forma não importa, o que importa é a oportunidade evolutiva. Assim, há o intercâmbio entre as colônias, ou melhor, entre os espíritos que habitam essas colônias.

– Trocando experiências, é isso?

– Trocando aprendizado, é melhor.

– Você havia me dito que você é meu mentor, que estamos ligados há muito tempo. Como isso funciona?

– Através dos tempos e das encarnações, estreitamos laços com outros espíritos, assim, vida após vida, vamos nos aproximando daqueles que amamos, eu e você já tivemos diversas experiências juntos, eu não encarno mais, pois adquiri uma forma evolutiva que não necessito mais estar encarnado, não tenho mais o que resgatar.

– E porque você está ao meu lado me protegendo, ou melhor, cuidando de mim?

– Pelos laços que criamos através das vidas que juntos superamos.

– Não consigo me lembrar das vidas anteriores.

– Tenha calma, Paulo, tudo tem seu tempo. Muito em breve você vai se lembrar de tudo e tenho certeza que ficará muito feliz.

– Espero.

Finalmente eles chegam ao prédio da administração. Murilo apresenta Paulo a seus subordinados e segue junto com ele para a

sua sala. Lá, Janira, sua assistente, os espera com dois copos com água cristalina.

– Essa é a Janira, Paulo.

– Muito prazer – diz Paulo cumprimentando a jovem ruiva, assim como Murilo.

– Sente-se Paulo – diz Murilo.

A sala é ampla, há um pequeno jardim por detrás da imensa mesa branca onde Murilo despacha. Do outro lado, há duas poltronas confortáveis e, ao centro, uma pequena mesa de cor violeta.

Flores enfeitam o lugar.

– Há muitas flores aqui, Murilo.

– Não se esqueça que estamos na Colônia das Flores, Paulo.

Janira se aproxima novamente.

– Já está pronta a revelação, Murilo.

– Está na tela?

– Sim – diz a jovem.

– Venha, Paulo, quero te mostrar uma coisa.

Na sala ao lado, há uma pequena sala de cinema. Há somente oito lugares. A tela plana é roxa, onde são exibidas as vidas anteriores.

Assustado, Paulo segue Murilo e Samira para a sala anexa.

– Sente-se Paulo – diz Samira.

Murilo se senta ao lado de Paulo, que, nervoso, espera ver reveladas todas as suas vidas.

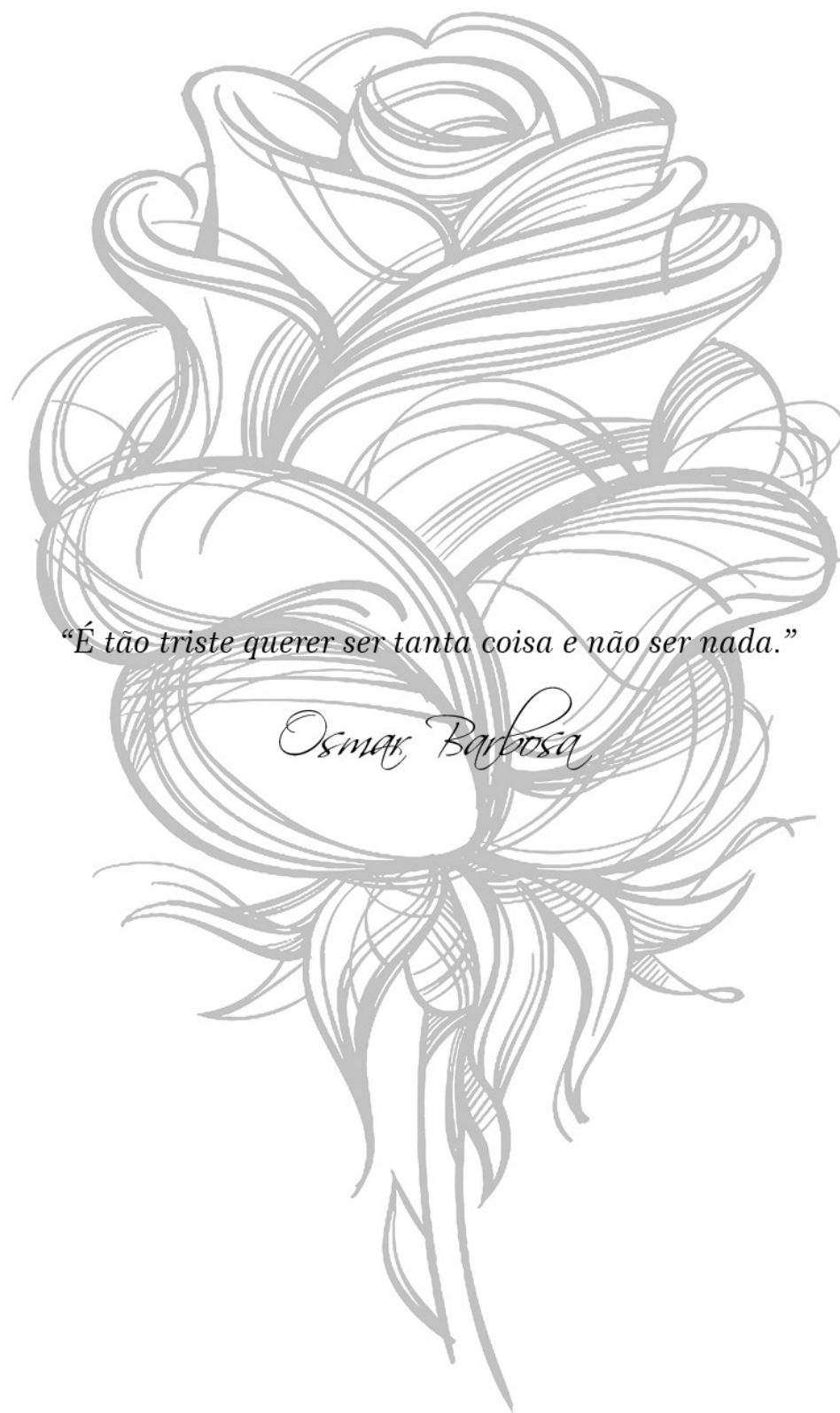
– Vamos ver um filme?

– Sim, Paulo, vamos ver o filme da sua vida.

– Meu Deus!

– Fique calmo – diz Murilo.

A sala escurece e Paulo consegue se ver jovem recém-casado com Alice.



“É tão triste querer ser tanta coisa e não ser nada.”

Osma~~r~~ Barbosa

Retrato da vida

Paulo se vê jovem recém-casado com Alice e lembra dos momentos felizes que foram o início da vida do casal.

Calado, ele observa tudo.

– Você se lembra dessa época, Paulo?

– Sim, Murilo, eu tinha acabado de casar com Alice.

– Vocês tinham terminado a faculdade e concretizaram o sonho do casamento.

– Verdade!

Murilo curva seu corpo para frente e coloca os cotovelos sobre os joelhos, fixado nas imagens que aparecem na tela.

– Meu Deus!

– Fique calmo – diz Murilo.

– Olha, a Alice grávida do nosso filho Eduardo!

– Sim, a Juliana já havia nascido.

– Nós queríamos tanto um menino, até hoje eu não compreendo por que o Eduardo morreu.

A cena é do enterro do menino. Alice inconsolável ao lado de Paulo. Os amigos todos presentes.

– Veja, todos os meus amigos estavam no enterro do Eduardo.

Um ranger de porta é ouvido. A sala está escura, e Paulo percebe que um outro espírito entra e se senta ao lado de Janira, que está sentada na fileira atrás dele e do Murilo.

A tristeza é grande, o caixão branco desce ao túmulo pelas mãos de Paulo e seu amigo Arnaldo.

– Olha o Arnaldo sempre presente em nossa vida.

– Ele tem ligações antigas com vocês.

– Como assim?

– Você, Arnaldo, Alice, Juliana, Roberto e outros espíritos estão ligados por diversas vidas.

– Não sabia.

– Pois é, não há acasos nas coisas da vida terrena, Paulo.

– Foi uma época muito difícil para nós e muito triste para a Alice. O menino foi morrendo aos poucos e nada pudemos fazer.

– Você se lembra de qual médico cuidou do Eduardo?

– O Arnaldo era o principal, mas o levamos a outros médicos que nada puderam fazer.

– Pois veja isso – disse Murilo.

É manhã, Alice leva Juliana para a casa da sua irmã e a deixa lá, pois tem algo muito importante para resolver. Paulo está na livraria recém-inaugurada e não sabe de nada. Formado em administração, finalmente ele realizara seu sonho.

Alice mantinha um romance escondido com o jovem médico Arnaldo. Decidida a terminar tudo, ela procura Arnaldo para lhe

comunicar que o romance terminou.

Alice vai até o consultório do médico para ter a conversa definitiva.

Triste, Paulo ouve calado os argumentos de sua amada para o fim do relacionamento.

– Você está bem, Paulo?

– Sim, Murilo, só estou impressionado com tudo isso. Eu nunca poderia imaginar que Alice estivesse me traindo. E justamente com o meu melhor amigo.

– Tenha calma que você vai entender os motivos.

– Espero que sim, se é que há um motivo para a traição – diz Paulo.

– Não existe motivo para trair alguém, o que quero que você veja é o motivo da morte do Eduardo.

– Há sim.

– Vamos ver – diz Murilo.

Alice se encontra com Arnaldo, que, apaixonado, não se conforma com o fim do relacionamento. Ele trama o pior para a sua amada.

– Você não pode me trocar pelo livreiro. Eu sou médico, você vai jogar fora um futuro brilhante, estando ao meu lado? Termina com ele. Tenho muito para te oferecer, Alice.

– Eu amo o Paulo e nunca escondi isso de você, estou muito arrependida de tudo o que fiz. Não quero mais viver dividida. Não quero ter mais nada com você, Arnaldo.

– Mas eu te amo, Alice.

– Arnaldo, esqueça-me, por favor, vou viver para meu marido e para a minha filha. Não quero mais isso em minha vida.

Após uma pausa e pensativo Arnaldo faz uma proposta a Alice.

– Eu aceito sua proposta, Alice, mas você tem que me prometer uma coisa. Na verdade eu tenho uma condição para aceitar tudo isso.

– O que é? Qual é a condição?

– Vou continuar sendo o seu médico. É só isso que eu te peço. Não sei se conseguirei viver sem te ver, sem ter você por perto. Quero continuar sendo o seu médico. Se você aceitar essa condição eu aceito me afastar de você.

– Tudo bem, Arnaldo, mas vamos levar para o túmulo nosso romance, ou melhor o nosso segredo. Você promete?

– Fazer o que... eu prometo!

– Agora eu tenho que ir. Tenho que ver a Juliana.

– Antes de você sair, posso te abraçar?

– Sim, sem problemas. Mas, Arnaldo, acaba aqui nosso romance.

Assim Arnaldo se despede de Alice com um abraço.

Meses depois, Alice está grávida de Eduardo e, por recomendação de Paulo, ela procura Arnaldo para o tratamento pré-natal.

Feliz, Paulo e Alice chegam ao consultório de Arnaldo.

– Olá Arnaldo – diz Paulo

– Oi, meu amigo, entre – diz Arnaldo abrindo a porta de seu pequeno consultório.

Paulo e Alice se sentam.

– Trouxe Alice para você acompanhar a segunda gravidez dela. Juliana está muito bem e confio em seu trabalho, Arnaldo, não desejo que ninguém mais cuide de Alice.

– Que notícia boa – diz Arnaldo.

– Pode deixar, Paulo, cuidarei com carinho de Alice e do bebê.

– Que bom, meu amigo. Agora a família está completa. Espero que seja um menino, pois assim realizo o meu sonho de ter um casal de filhos lá em casa.

– Tomara – diz Arnaldo.

– Venha Alice, deite-se que vou te examinar.

– Alice, vou esperar lá fora – diz Arnaldo se levantando e saído da sala.

Murilo olha para Paulo fixamente.

– Perdoe ter que te mostrar isso, mas é necessário para que você possa compreender o que vem a seguir, Paulo.

– Eu nunca desconfiei dele, e muito menos dela.

– Você quer continuar?

– Sim, vamos continuar – diz Paulo.

O ódio invade o coração de Arnaldo, agora ele percebe que com a chegada do segundo filho suas chances diminuem.

Após examinar Alice, ele recomenda uma vitamina que ele próprio irá preparar.

Paulo e Alice voltam para casa felizes. Tudo está bem com o bebê.

– Paulo, nós não iremos lhe mostrar o que aconteceu depois, é desnecessário. Porém, Arnaldo foi quem provocou a doença que matou Eduardo. Ele não se conformou com a perda de Alice e arquitetou a vingança.

– Como Deus permitiu isso?

– Deus tudo permite para os ajustes necessários dos espíritos.

– Quer dizer que isso tinha que acontecer?

– Sim, havia uma dívida de vidas anteriores entre Arnaldo, Alice e Eduardo. Você vai poder ver isso mais à frente.

– Como assim? E por que eu fui o pai deles? Como assim, dívida?

– Somos espíritos que estamos caminhando para a perfeição. O que nos tornará perfeitos são as provas que experimentamos todos os dias. Assim eles precisavam se encontrar para resgatarem dívidas passadas, e você se voluntariou para estar ao lado de Alice nos momentos mais difíceis da vida dela.

– Mas ela está no momento mais difícil da vida dela, eu acho, ela está muito doente e vive como uma demente.

– Isso é parte, e você já não precisa mais estar ao lado dela para que tudo se cumpra daqui para frente.

– Como assim, daqui para frente?

– O seu desencarne estava programado com a volta de Eduardo.

– Volta de Eduardo? Estou confuso!

– O Eduardo vai reencarnar.

– Alice está velha, ela não consegue mais ser mãe.

– Juliana está pronta para a missão.

- Meu Deus, meu filho vai nascer como meu neto?
- Sim, Eduardo será o filho de Juliana e Roberto.
- Estou confuso.
- Agora você vai poder observar como os resgates se realizam, como tudo se cumpre. Como a vingança não vale a pena.
- Meu Deus. Minha filha vai sofrer?
- Não, ela é a próxima voluntária.
- Como assim?
- Juliana é um espírito muito evoluído que se voluntariou para que Alice, Arnaldo e Eduardo cumpram seus resgates.
- Que engenharia é essa de Deus?
- A engenharia da perfeição – diz Murilo.
- Ele faz isso para que todos se tornem perfeitos – disse o espírito que havia sentado atrás de Paulo.

Murilo e Paulo se viram para trás para olhar quem é o novato.

As luzes da sala se acendem e o telão é apagado.

- Olá Carlos – diz Murilo.

Carlos é jovem, moreno de cabelos cacheados, estatura mediana, sorriso branco e muito simpático.

Todos ficam de pé para os cumprimentos.

- Muito prazer, Paulo, eu me chamo Carlos.
- O prazer é meu, você estava assistindo tudo conosco.
- Sim, eu estava aqui atrás de você assistindo as suas experiências, parabéns!

– Sinto-me envergonhado.

– Não fique, nós já vimos coisa pior, posso lhe garantir – diz Murilo.

– Eu nunca poderia imaginar isso.

– É assim a vida encarnada Paulo, provas e expiações.

– Mas quem é você?

– Um espírito amigo – disse o jovem.

– É o que estou precisando neste momento – diz Paulo.

– Venham senhores, vamos até a minha sala – diz Murilo.

Todos caminham até a sala de Murilo.

– Sentem-se senhores – diz o mentor se sentando.

– Posso te dar um abraço, Paulo? – diz Carlos.

– Sim, claro que sim.

Carlos, antes de se sentar, abraça calorosamente o recém-chegado à Colônia das Flores.

Paulo, em seu íntimo, sente que conhece aquele abraço. Mas permanece calado.

– As revelações são muito desgastantes para os recém-chegados. Paulo, nós só te mostramos uma pequena parte. Revelamos isso porque precisamos de sua ajuda para que tudo se cumpra conforme combinado.

– Posso ajudar em alguma coisa?

– Sim, você, embora desencarnado, permanece ligado ao resgate de Alice, Arnaldo, Eduardo, Roberto e Juliana.

– Eu preferia estar ao lado da minha filha nesse momento.

– Mas o melhor lugar para você ajudá-la é aqui.

– Como assim?

– Nós vamos te auxiliar a compreender o que irá se cumprir daqui por diante. Muita coisa vai acontecer e você precisa de nosso suporte – diz Murilo.

– Eu agradeço, embora sem compreender os motivos que me ligam a essa colônia e a vocês.

– Tudo se cumpre, Paulo, pense assim – diz Carlos.

– Tudo bem, estou feliz, reencontrei meus pais e o meu querido avô. Estou contente com isso.

– É só uma parte daquilo que temos para te mostrar, meu amigo.

– Obrigado, Murilo.

– Alice ficou doente por ter participado da morte do Eduardo?

– Colhe-se na vida material aquilo que se planta por lá. Alice não teve culpa na morte do Eduardo, embora alertada pelos espíritos amigos. Na verdade, ela não deu ouvidos à voz que dizia “pare com os remédios”.

– Vozes que lhe alertavam, como assim?

– Nós mentores espirituais alertamos nossos protegidos sempre que há alguma coisa errada, algo que possa lhe prejudicar a encarnação. Assim, aquela voz que fala em seu inconsciente é sempre uma voz amiga lhe alertando.

– Mas há vozes que não são tão boas assim.

– Essas não são dos espíritos amigos, e sim dos inimigos.

– E pode isso?

– Sois o resultado de suas somas.

– Meu Deus!

– Agora nós precisamos que você nos auxilie, Paulo, para que tudo se cumpra.

– Mal cheguei e já vou trabalhar?

– Se quiseres, podemos cuidar disso em outro momento.

– Estou brincando, Murilo, quero sim ser útil a vocês e a todos aqueles que amo. Me sinto preparado para ajudar.

– Então se prepare, pois muita coisa vai acontecer, e nós precisamos de você para nos auxiliar.

– Grato pela oportunidade. Vamos em frente!

– Que tudo se cumpra – diz Carlos.

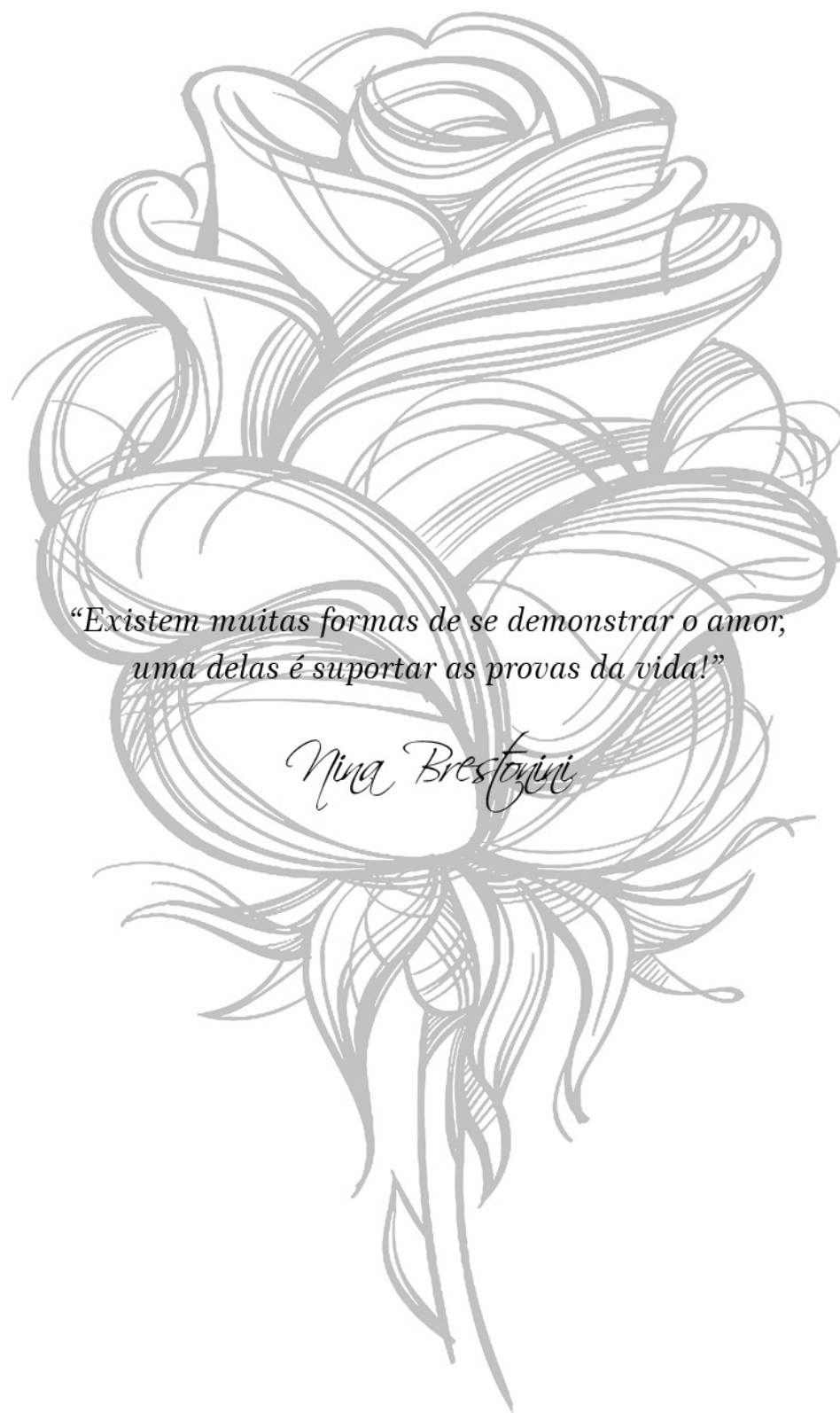
– Cumpra seu destino, meu amigo – diz Murilo.

– Vou sim, Murilo, em breve volto para abraçar o meu melhor amigo, o Paulo – diz Carlos.

Assustado e emocionado, Paulo vê seus olhos mareados de lágrimas, ele sente uma alegria inexplicável só de olhar para aquele jovem espírito chamado Carlos.

Há algo entre nós – ele pensa.

Todos se abraçam.



*“Existem muitas formas de se demonstrar o amor,
uma delas é suportar as provas da vida!”*

Nina Brestovini

Nicolas

Seis meses se passaram e Juliana está feliz e radiante, pois acaba de pegar o resultado médico e está grávida.

Alice, doente, é assistida por Silmara, que não a abandonou. Seu estado é quase vegetativo, embora agressivo.

Roberto, feliz, leva a notícia para seu pai Arnaldo.

– Oi pai.

– Oi filho, como está?

– Muito bem, a Juliana acabou de confirmar nossas suspeitas, ela está grávida.

– Olha que bom, meu filho, finalmente serei avô.

– Sim, papai, estamos muito felizes.

– Você fez todos os exames nela?

– Ela preferiu se tratar com a Márcia, nossa amiga ginecologista.

– A Marcinha?

– Sim, ela mesmo.

– Que bom, a Márcia é uma excelente profissional.

– Confio muito nela, papai, vou deixar aos cuidados dela o pré-natal.

– Que venha com saúde.

– Amém – diz Roberto.

A gravidez corre normal, e no dia 23 de agosto nasce um menino que se chama Nicolas, nome escolhido por Roberto e Juliana.

– Mamãe, olha aqui o seu netinho – diz Juliana apresentando Nicolas à Alice após chegar da maternidade.

– Cuidado, dona Juliana, a dona Alice tem andado muito violenta.

– Que nada, Silmara, mamãe não vai fazer nada com o Nicolas.

Juliana aproxima o menino de Alice, que não demonstra nenhuma reação.

– Viu, Silmara, mamãe não fez nada.

– É, mas é bom ter cuidado.

Triste, Juliana se afasta da mãe e volta a seu quarto levando em seus braços o menino Nicolas.

São noites difíceis as que Juliana vem enfrentando. Alice mora com ela e Roberto, todas as noites ela tem crises intermináveis e agressivas. É muito sofrimento para ela.

Quem sabe com a chegada do bebê, Alice melhora – pensa Juliana deitada em seu quarto.

Os dias passam e as crises pioram.

Pacientemente Juliana coloca Alice no colo como se fosse seu bebê e a acaricia, é a única forma que Alice se acalma.

A rotina é essa. Crise, colo, carinho, calma e amor.

Roberto anda triste, pois vê sua linda Juliana se acabando cuidando de duas crianças.

Juliana já não trabalha mais. A livraria está entregue aos funcionários. Quando pode, Roberto passa por lá para ver como andam as coisas.

As crises pioram e Roberto decide conversar com Juliana sobre internar Alice em uma clínica.

– Juliana, você tem que me deixar internar a sua mãe, ela está cada dia pior. Olha para os seus braços. Você está toda roxa de tanto levar tapas de sua mãe, isso não é vida, Juliana. Nicolas está crescendo vendo isso.

– Roberto, dias desses eu sonhei com o meu pai e prometi para ele que cuidaria da minha mãe até o dia da sua morte, me perdoa amor, mas eu não tenho coragem de mandar a minha mãe para uma clínica de malucos.

Paulo havia visitado Juliana durante o sonho para lembrar-lhe do compromisso espiritual assumido antes da encarnação.

– Não é clínica de malucos, é uma clínica especializada no tratamento de pessoas como a sua mãe, isso vai ser bom para ela. A Silmara já não aguenta mais a sua mãe, Juliana. Ela bate até na Silmara.

– Roque trocou o remédio dela, espero que ela melhore. Você se lembra da minha amiga, a Júlia?

– Sim, lembro.

– Pois bem, ela também é terapeuta e vai me ajudar a cuidar da mamãe.

– Não existe terapia para quem sofre de Alzheimer, Juliana.

– Existe sim, e ela vai me ajudar a cuidar da mamãe.

– Tá bom, Juliana, se é assim que você quer. Tudo bem!

– Deixa eu tentar mais algumas coisas, Roberto, ela é minha mãe.

– Eu me preocupo mais é com a sua saúde. Você já se olhou no espelho, Juliana? O Nicolas já vai fazer dois anos ele precisa muito de você.

– Eu dou conta amor, confia em mim.

– Está bem, Juliana. Está bem!

Nicolas é um menino saudável, alegre e feliz. Ele tem um ano e seis meses. Ainda não fala, está sempre calado e pelos cantos da casa. Brinca durante muitas horas sentado em seu quarto sozinho ou acompanhado de Luciana, a babá. Quase não anda.

Alice dá muito trabalho a todos e sofre com o Alzheimer.

A casa parece um manicômio. Alice grita sem parar, os vizinhos só fazem reclamar do barulho. Roberto suporta tudo por amor a Juliana.

Um tempo depois...

– Dona Juliana.

– Sim, Silmara.

– A dona Alice não está bem.

Juliana se levanta correndo e vai até o quarto da mãe seguida por Silmara. Ambas estão desesperadas. Alice não está bem.

– Liga para o Roberto, Silmara – diz Juliana se aproximando de Alice, que está deitada em seu quarto.

– Sim, senhora.

Silmara corre para ligar para Roberto.

Alice está muito mal.

– Meu Deus, cuida da minha mãe – implora Juliana.

Com muita dificuldade para respirar, Alice parece estar morrendo.

– Liga para a ambulância, Silmara, correndo – grita Juliana.

O desespero toma conta da jovem. Nicolas está em seu quarto com Luciana. Roberto não tem estado presente em casa. Vive nos plantões para manter o padrão social e financeiro da família.

– Deus, salva a minha mãe – implora novamente Juliana.

– Silmara, vamos levar a mamãe para um hospital urgente – diz Juliana arrumando Alice.

– Sim senhora.

– Você ligou para o Roberto?

– Sim senhora.

– Falou com ele?

– Não senhora, o telefone dele só dá caixa postal.

– Coloque a fralda na mamãe enquanto eu troco de roupa.

– Sim senhora.

Juliana corre até seu quarto e coloca a primeira roupa que vê na frente. Luciana chega desesperada.

– O que houve, dona Juliana?

– Minha mãe está passando mal. Vou levá-la a um hospital. Cuida do Nicolas, por favor.

– Pode deixar – diz Luciana.

– Dê almoço a ele. Liga para o Roberto e avisa a ele que eu estou indo para o hospital com a mamãe.

– Pode deixar, eu aviso.

Rapidamente Juliana se troca e, carregando Alice no colo, entra em seu carro e se dirige ao hospital.

Após meia hora, finalmente Juliana chega ao hospital onde Alice é atendida na emergência.

Sentada na recepção, ela espera pelas notícias de sua mãe, quando Roberto chega assustado.

Juliana se joga nos braços do marido.

– O que ouviu, querida?

– Não sei, ela estava com muita dificuldade para respirar, nem sei se ela chegou aqui respirando.

– Espere aqui, vou lá dentro para olhá-la.

– Vai lá, amor, vocês médicos têm acesso rápido aos pacientes. Veja o que a mamãe tem, por favor.

– Vou lá dentro, querida. Já volto.

Assim, Roberto se identifica e é convidado a entrar na emergência onde Alice está sendo entubada.

– Doutor Frederico, esse é o doutor Roberto, genro da paciente. Apresenta a enfermeira.

– Boa tarde, doutor.

– O que houve com ela?

– Parada cardiorrespiratória.

– Chances?

– Muito poucas, doutor, acabei de entubar para ver se conseguimos acesso, mas me parece que não foi a primeira parada. A situação é irreversível, doutor.

– Coitada da dona Alice.

– Lamento colega, mas ela já chegou aqui muito grave.

– Não há o que se desculpar doutor.

– Ela tem familiares?

– Só a filha, minha esposa, que está sentada lá fora.

– É mais fácil assim.

– Sim, eu vou até lá fora. Boa sorte, doutor, no procedimento – diz Roberto saindo da emergência.

– Assim que estabilizá-la, eu vou até lá fora falar com os senhores.

– Obrigado doutor.

Roberto então se dirige à recepção e informa a Juliana o estado de sua mãe.

– Oi amor, como ela está?

Roberto puxa Juliana para se sentarem em uma poltrona na recepção.

– Senta aqui, amor.

– O que houve, Roberto?

– A Alice teve algumas paradas cardiorrespiratórias, o estado dela é gravíssimo.

– Meu Deus – diz Juliana levando as mãos ao rosto e chorando.

– Não chore, amor.

– Eu até prefiro que ela morra mesmo, assim ela para de sofrer, Roberto.

– Não diga isso, amor.

Juliana chora agarrada ao marido.

– Vou pegar um copo com água para você, espere aqui sentada, Juliana.

Roberto então se dirige a um bebedouro e pega um copo com água para Juliana.

– Beba, amor – diz ele entregando o copo à Juliana.

– Obrigado, querido!

– Luciana está com o Nicolas?

– Sim, ela está cuidando dele.

– Vou ligar para o meu pai e já volto – diz Roberto saindo da recepção.

– Está bem, amor.

O médico do plantão, o dr. Frederico, aproxima-se de Juliana a procura de Roberto.

– Boa tarde, a senhora é parente da paciente Alice?

– Sim, ela é minha mãe.

– O médico que me procurou lá dentro não está mais aqui?

– Ele é meu marido, eu vou chamá-lo.

Juliana então se dirige a porta do hospital e chama Roberto, que atende ao chamado de sua esposa sem mesmo ter ligado para Arnaldo.

– Olá doutor – diz Roberto se aproximando.

– Infelizmente perdemos a paciente, se o senhor desejar eu posso atestar o óbito evitando assim o IML.

Juliana começa a chorar compulsivamente.

– Muito grato, doutor, por sua gentileza – diz Roberto.

– De nada colega. Lamento, senhora, a perda – diz Frederico acariciando o ombro de Juliana.

Frederico volta às suas atividades, deixando o casal sentado na recepção. Roberto consola Juliana.

Alice deixa o plano físico após anos de sofrimento.

– Meu amor não fique assim, sua mãe agora descansa. É melhor para ela e para você, que deixou de viver só para cuidar dela.

– Eu fiz a minha parte, Roberto.

– Eu sei amor, mas é melhor assim. Sua mãe vegetava e você sofria vendo-a assim.

– Foram longos anos de sofrimento, Roberto. Só eu sei o que passei. Levei muitos tapas na cara, ela era assim, me batia, me xingava e me maltratava muito, mas eu a amo assim mesmo.

– Agora passou, amor. Vamos viver a nossa vida e cuidar do nosso filho.

– Sim, Roberto, eu tenho dado muito pouca atenção ao Nicolas, ele sente a minha falta. Dia desses, a Luciana estava reclamando que ele fica disperso, perdido como se não estivesse entendendo nada. Quase não brinca, não fala e anda com dificuldade, nós precisamos dar mais atenção ao Nicolas.

– Você não tinha me falado nada sobre isso.

– Você não pergunta pelo menino, Roberto.

– Como não pergunto? Eu vivo para trabalhar, se eu não cumprir os plantões como vamos sustentar essa vida? A livraria só dá prejuízo, eu a mantenho pelo seu capricho. Os remédios da sua mãe são uma fortuna. A Silmara custa caro para nós.

– Roberto, esse não é o momento para discutirmos nossa vida, muito menos nossa situação financeira. Minha mãe acabou de morrer e precisamos enterrá-la.

– Mais uma despesa, Juliana.

– Não tenho mais dinheiro, tudo o que tinha guardado gastei para o conforto de Nicolas e da mamãe. Perdoe-me, Roberto.

– Não tens que pedir perdão, acontece que para manter tudo isso eu trabalho sete dias por semana.

– Perdoe-me, amor.

– Vou ligar para o meu pai e pedir para ele me ajudar com o enterro de Alice.

– Faça o que você achar melhor. Só acho que você precisa ficar mais com o Nicolas, só isso!

– Darei mais atenção a ele assim que acabar essa confusão.

– Ficarei aqui até você resolver o enterro.

– Vou ligar para papai, ele deve saber de alguém que possa nos ajudar nessa hora.

– Aqui no hospital provavelmente eles sabem sobre enterros.

– Não. Vou falar com o papai primeiro.

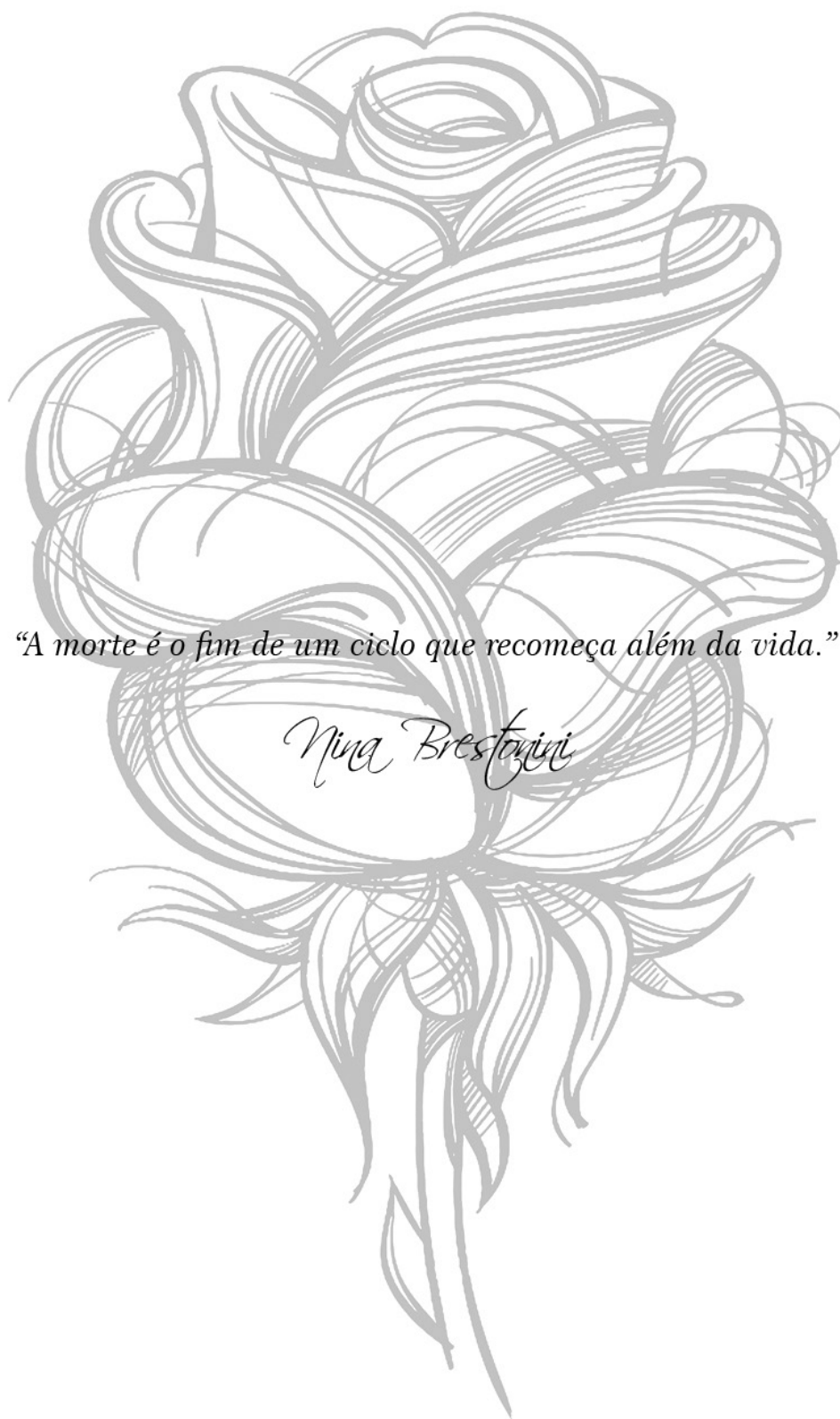
– Está bem.

Roberto sai para a parte externa do hospital e avisa Arnaldo sobre o falecimento de Alice.

Arnaldo cuida de tudo, Alice é enterrada.

Poucas são as pessoas que acompanham o cortejo fúnebre.

Arnaldo está triste, seu amor deixa a vida física.



“A morte é o fim de um ciclo que recomeça além da vida.”

Nina Brestovini

A dor que fere dois mundos

Paulo é procurado na colônia por Iolanda.

– Você sabe onde está o Paulo, Joaquim?

– Paulo está auxiliando na oficina de planejamento.
Aconteceu alguma coisa?

– Alice desencarnou.

– Ah, que bom! Ela virá para cá?

– Não, ela precisa de refazimento.

– Onde vai ficar?

– Na Colônia Amor e Caridade.

– Vínculos?

– Sim.

– Quer que eu vá chamar o Paulo?

– Não precisa, eu mesmo vou procurá-lo.

– Se precisar de alguma coisa é só chamar.

– Pode deixar, obrigado Joaquim.

– De nada, minha nora preferida.

Iolanda sai da casa de Joaquim e vai à procura de Paulo. Após alguns minutos, ela o encontra assistindo uma linda palestra no departamento de planejamento reencarnatório.

Ao chegar à porta, ela é vista por Paulo, que está sentado na terceira fileira. Ele levanta o braço convidando-a a se sentar ao seu lado.

Discretamente, Iolanda adentra a sala e se senta ao lado do filho.

Falando baixo, Paulo questiona a presença da mãe.

– O que houve, mamãe?

– Preciso falar com você.

– É urgente?

– Não, vamos assistir à palestra e depois conversaremos.

– Está bem! – diz Paulo voltando-se para assistir à palestra.

O palestrante é um convidado da colônia da regeneração e fala do amor de Jesus por todos os espíritos. Diz o palestrante:

– O amor de Jesus pelos seus irmãos é comparado a uma flor que nasce para embelezar a terra e perfumar o ambiente em que se encontra. Quando aceitamos o Cristo Jesus como o senhor de todas as coisas em nossa vida, renascemos para embelezar as vidas próximas a nós e perfumá-las para sempre. Quando aceitamos as existências e passamos a compreender os desígnios da criação, tudo fica mais fácil, mais belo e mais perfumado.

Assim, somos espíritos em expiação. Expiação essa que nos tornará perfeitos, querendo ou não todos nos tornaremos perfeitos. O tempo para mim é relativo à minha aceitação e transformação, quanto mais rápido me modifico, mais rápido ascendo a planos

ainda maiores. É assim a lei. Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela; assim disse o messias.

Portanto, acredite definitivamente que é modificando-se que você alcançará o objetivo da criação. Largo é o caminho da perdição. Larga é a vida profanada pelo homem mau. Estreito é o caminho dos humildes, e sofridas, as transformações. São elas tão necessárias como é necessário o alimento do corpo. Mas o verdadeiro alimento está em adquirir o conhecimento da vida e das coisas de Deus. Transforme-se e você conhecerá coisas que és ainda incapaz de compreender. Modifique-se porque modificando-se você poderá vencer o mundo, como Ele venceu.

Há incontáveis revelações ao porvir. E são elas que te levarão ao encontro do seu eu mais íntimo, aquele que ainda não lhe é revelado por sua condição prematura de conhecimento.

Aprenda definitivamente que é o amor que lhe fará alcançar o que de mais belo existe na criação, é o amor que te aproximará do Pai e é o amor que vai lhe oportunizar uma existência plena e feliz.

Só o amor constrói, revela, proporciona, alegra, completa, edifica, modifica, une, perdoa, solidifica, auxilia, ampara, e molda o espírito. Só o amor é capaz de tantas coisas que as palavras se perdem em seu significado. Não há palavras em qualquer vocabulário que possa definir o amor.

Portanto, aprenda definitivamente que precisas evoluir para o amor maior.

Obrigado a todos pelo carinho e atenção. Agora iremos acompanhar um grupo de espíritos que voltam à Terra para experimentar um pouco mais o amor.

Todos se levantam e aplaudem José Eugênio, o palestrante do dia.

Emocionado, Paulo abraça Iolanda.

– Como é linda a vida aqui, mamãe!

– Realmente filho. É algo inexplicável.

– Se eu soubesse que era isso que me esperava teria vindo mais cedo para cá.

– Infelizmente não é assim, né filho.

– Eu sei mamãe. Eu sei! Só estava brincando!

– Preciso conversar com você. Vamos caminhar na colônia?

– Aconteceu alguma coisa?

– Sim, mas vamos caminhar, por favor! Prefiro conversar com você caminhando.

– Vamos, vamos sim mãe.

Após se despedir de todos, Paulo e Iolanda deixam o amplo salão e se dirigem aos verdes jardins da Colônia das Flores.

– Vamos caminhar!

O lugar é lindo, o sol brilha no horizonte perto da hora de se pôr. As árvores são coloridas e os pássaros já não sobrevoam o lugar. A noite começa a chegar.

– O que houve mamãe?

– Filho você não sente saudades da Juliana?

– Sinto e muita.

– Por que é então que você não pede para visitá-la?

– Mãe, o destino da Juliana é igual ao destino de todos os espíritos. A vida eterna! Sei que um dia ela vai chegar aqui e então eu poderei abraçá-la e matar as saudades. Não acho justo ficar visitando-a todos os dias. Além é claro de não querer me intrometer nas suas provas. Acho que se ficar ao lado dela eu posso atrapalhar sua evolução. Dias desses, o Murilo me levou ao sonho dela e eu pude abraçá-la, fui incumbido de lembrar a ela de sua missão com Alice.

– Eu sei disso filho, mas você era tão apegado a ela, é isso que é estranho.

– Mãe, o papai também era muito apegado a mim, no entanto ele mesmo me disse que foram poucas as vezes em que ele foi me visitar. Não quero sofrer vendo as provas que a Juliana tem que enfrentar. Já fui informado que ela tem duras provas para passar com Alice e Eduardo. Acho que não devo me intrometer. É isso que acho!

– Filho, Alice acaba de desencarnar.

– Olha só que bom! E ela vai vir para cá?

– A programação dela é diferente.

– Para onde ela vai?

– Ela vai ficar por um tempo no Umbral e depois será levada para a Colônia Amor e Caridade.

– Nossa, Umbral?

– Sim, ela tem muita coisa para ajustar antes de ser levada para uma colônia.

– Em algum momento eu vou saber de tudo?

- Sim, na hora certa você saberá dos porquês!
- Só me resta esperar, mamãe.
- Sim. O que você tem feito? Já decidiu onde vai trabalhar?
- Gosto muito da programação. É um departamento muito interessante.
- E você, vai trabalhar lá?
- Eu me voluntariei, estou aguardando vaga.
- Está bem filho. Eu tinha que te dar essa notícia.
- Você acha que estou frio em relação a Alice e Juliana, mamãe?
- Acho!
- Não sei o que é, mas eu não me preocupo muito com elas.
- Quem sabe um dia saberemos os reais motivos.
- É, quem sabe!
- Quero te mostrar uma coisa – disse Iolanda.
- Sim, o que é?
- Vamos ao prédio da consolação.
- Sim, vamos.

Caminharam por mais algum tempo até que chegaram ao prédio da consolação.

- Mãe, eu posso te confessar uma coisa?
- Sim, Paulo!
- Nunca visitei esse prédio, acho ele triste.
- Realmente as coisas aqui são bem tristes.

- Por que você está me levando até ele?
- Preciso que você veja uma coisa.
- É triste?
- É uma realidade.
- Seja o que Deus quiser – disse Paulo preocupado.

O prédio é amarelo com detalhes em prata. Há imagens de anjos na entrada. No alto pode-se ver um sino, daqueles de igreja.

- Quem vai nos receber aqui, mamãe?
- Diógenes. Ele é o coordenador desse setor.
- Então vamos.

Ao chegarem a recepção, Iolanda e Paulo são recebidos por Eurípedes, um espírito voluntário que organiza os atendimentos no prédio da consolação.

- Olá Iolanda, como vai?
- Estou bem, Eurípedes, e você?
- Estou ótimo. Esse é o Paulo?
- Sim, o meu filho Paulo.
- Seja bem-vindo, Paulo. Diógenes lhes espera.
- Obrigado Eurípedes – diz Paulo após ser apresentado ao rapaz.

Ao final do corredor, há uma sala de cor laranja onde Diógenes recebe os convidados. Ao fundo, há umas plantas presas a parede como um jardim de inverno, com flores multicoloridas. É comum as salas da direção serem as últimas salas nos extensos corredores das colônias. Há na verdade um padrão nas construções.

O ambiente é claro e a decoração é de excelentíssimo gosto.

De pé, Diógenes recebe os convidados.

– Iolanda, minha amiga, seja bem-vinda!

– Obrigado Diógenes – diz Iolanda abraçando o amigo.

– Esse é o Paulo?

– Sim, Diógenes, esse é o meu filho Paulo.

– Bem-vindo meu rapaz, sentem-se.

Iolanda se senta ao lado de Diógenes, enquanto Paulo se senta em uma cadeira à frente dos dois.

Impressionado com a beleza do lugar, Paulo pouco fala, fica admirando tudo.

– Pelo visto você gostou muito do prédio da consolação.

– Nunca imaginei algo assim, é surpreendente seu prédio. Eu tinha muito medo desse lugar, mas agora deixo o meu receio de lado.

– Meu?

Risos.

– Perdão, o prédio.

– Consolação na verdade é uma organização espiritual para preparar os espíritos que estão em sofrimento a aceitarem suas novas realidades.

– Como assim, realidades?

– Nós estamos ligados ao núcleo de atendimento do Umbral. São os espíritos que trabalham aqui que recepcionam os que são recolhidos no Umbral.

- Eles é que organizam os resgates, Paulo – diz Iolanda.
- Quer dizer que vocês recolhem os espíritos que estão sofrendo no Umbral?
- Sim, é daqui que partem os resgates.
- O que é preciso para que esses resgates aconteçam?
- Merecimento – diz Diógenes seguido por Iolanda.
- Como assim, merecimento?
- Você precisa se arrepender sinceramente e nós precisamos ter permissão para resgatar.
- Eu, como assim?
- “Você” é força de expressão. O espírito que se encontra em sofrimento no Umbral precisa se arrepender sinceramente para que nos seja autorizado o resgate. Além disso, há espíritos que precisam passar pelo Umbral para se depurarem de sentimentos ruins.
- Quer dizer que se eu, quer dizer, se meus pensamentos forem para o mal é preciso que eu fique no Umbral para me depurar deles?
- Sim. O Umbral também funciona como um filtro depurador.
- Nossa, que legal isso!
- O que mais é o Umbral?
- Região densa, de muito sofrimento, de muita maldade, escuro, frio, lugar onde ninguém consegue viver, onde só há sofrimento e dor.
- Nossa, que coisa horrível.
- E tem mais...

– O que mais, Diógenes?

– O Umbral também funciona como lugar de reencontros. Espíritos afins se reencontram no Umbral para poderem refletir sobre toda a maldade feita quando encarnados. É através da dor que lhes é provocado o arrependimento e, através do arrependimento sincero, o perdão pelos erros cometidos. Aí sim poderão experimentar o amor de Deus.

– Já estudei bastante sobre as colônias e suas finalidades. Estudei inclusive o Umbral. Deus é perfeito né? – diz Iolanda.

– Sim, Ele é a perfeição.

– Mas por que esse assunto?

– Quero que você veja como está Alice – disse Diógenes.

– Confesso Diógenes que após tantos anos meu amor por Alice acabou. Na verdade, nunca perdoei o que ela e o Arnaldo me fizeram.

– É por isso que eu te trouxe aqui, meu filho.

– Mãe, você sempre me aprontando.

– Você precisa ver como Alice está para compreender algumas coisas que aconteceram com vocês.

– Se é assim, vamos ver – disse Paulo se ajeitando na cadeira.

Uma enorme tela desce por detrás de Diógenes que se levanta e senta ao lado de Paulo seguido por Iolanda que faz o mesmo.

– Está pronto, Paulo?

– Sim, Diógenes!

A sala escurece e todos assistem Alice atolada na densa lama do Umbral. O lugar é escuro e frio. As nuvens cobrem uma enorme lua que não consegue clarear o lugar.

Uma chuva fina castiga Alice e outros espíritos que, assim como ela, agonizam presos àquele lugar.

As árvores são secas e sem folhas. Troncos retorcidos estão espalhados pelo chão.

Cães enormes, parecidos com lobos, cheiram os corpos mutilados espalhados pelo lugar.

Paulo fica chocado com o que vê e segura a mão direita de Diógenes com força.

- Está tudo bem, Paulo? Podemos prosseguir?
- Sim, podemos. Perdoe-me por segurar sua mão assim.
- Se você quiser podemos parar e assistir em outro momento.
- Não, não, vamos até o final.
- Filho, eu estou aqui – diz Iolanda se aproximando de Paulo.
- Eu sei, mãe!

Alice tenta a todo custo se desprender da lama pegajosa. Alguns guardiões chegam ao lugar.

São homens negros, altos e fortes. No peito, colares com dentes de animais. Nas mãos carregam uma espécie de lança muito afiada. Os animais, ao perceberem a presença deles, se afastam e rosnam ao longe.

Eles parecem procurar por espíritos para serem levados.

Há duas negras, também altas, vestidas com pouquíssima roupa, suas tranças emolduram seus rostos bonitos.

Ao perceber a presença daqueles nativos, Alice levanta o braço com muita dificuldade pedindo socorro.

– Socorro, me ajude por favor – diz Alice com a voz fraca. Socorro, socorro, insiste ela.

Um negro que parece liderar o grupo se aproxima de Alice.

– Por que sofres mulher?

– Não sei onde estou, me ajude por favor.

– Qual o seu nome?

– Alice, eu me chamo Alice.

O negro então olha para o lado e em um gesto com a mão direita chama uma das mulheres para perto dele e de Alice.

A linda negra se aproxima.

– É essa a mulher que procurarmos. Vamos prepará-la para o resgate.

A linda negra assobia bem alto e chama os demais companheiros para se aproximarem de Alice, que, calada, assiste a tudo sem entender o que está acontecendo.

Balbuciando palavras de agradecimento, Alice é colocada em uma maca feita de pedaços de madeira amarrados com cipós entrelaçados.

– Tem mais alguém para ser levado? – pergunta a negra.

– Sim, temos que achar o outro – responde o líder.

– Coloque-a naquele espaço mais limpo ali, depois voltamos para buscá-la – disse a outra negra.

– Sim, façam isso – diz o líder.

Alice é colocada em um lugar mais limpo e com menos lama. Um rapaz de aproximadamente vinte anos, negro, e com cabelos longos, senta-se ao lado de Alice e começa a limpar seu corpo, retirando-lhe a lama pegajosa.

O rapaz de olhos verdes cuida com carinho da paciente Alice.

– Qual o seu nome, rapaz?

– Enzo, senhora!

– Você é muito bonito.

– Obrigado, senhora!

– Que lugar é esse?

– Um lugar muito ruim, senhora.

– Não sei como vim parar aqui, você pode me explicar?

– Não tenho autorização para lhe explicar os motivos que a trouxeram para cá, senhora, só sei que agora nós levaremos a senhora para o reencontro com suas realidades.

– Como assim, realidades?

– Não posso lhe explicar muito senhora, perdoe-me!

– Vocês vão me tirar daqui?

– Sim, nós vamos levar a senhora.

– Vocês são anjos?

– Tenho cara de anjo?

- Não, mas dizem que existem anjos em todos os lugares.
- Isso é verdade, existem anjos em todos os lugares do mundo.
- Isso aqui é um lugar do mundo?
- Sim, isso aqui é o lugar que mais se assemelha aos seus sentimentos.
- Que sentimentos? Eu estava muito doente, aprisionada a um corpo que não respondia as minhas ordens.
- Você teve o que mereceu.
- Vivi muitos anos doente, meu rapaz, e gostaria de uma explicação para isso.
- Não tenho autorização para lhe falar nada, muito menos conhecimento do que lhe aconteceu quando estavas encarnada.
- Eu morri?
- Sim, para a vida na Terra você está morta.
- Isso é a morte?
- Sim, você está morta.
- Mas não me sinto morta!
- Morta para a vida terrena. Agora você está viva para a vida espiritual.
- Quando eu era menina e ia à igreja me disseram que quando eu morresse eu iria para o céu. Isso é o céu?
- Esse é o céu que você construiu.
- Eu?

– Sim, colhe-se na vida espiritual aquilo que semeias na vida material.

– Como assim?

– Aqui é o reflexo de seus desejos. Pelo que vejo, você não foi uma pessoa boa.

– Eu? Eu nunca fiz mal a ninguém?

– Como lhe disse anteriormente, não sei os motivos que lhe trouxeram para cá, mas posso lhe assegurar que não foram bons.

– E quem é que vai me explicar isso?

– Talvez o nosso líder.

– Quem é o vosso líder?

– Flamarion.

– O nome daquele lindo rapaz é Flamarion?

– Sim, esse é o nome que ele usa atualmente.

– Atualmente?

– Sim, aqui você pode escolher o nome que quer ser lembrado e foi esse o nome que ele escolheu.

– Estou ficando confusa.

– Isso é bom!

– Como assim, isso é bom?

– Quando te peguei na lama, você mal conseguia falar, lembra?

– É verdade, eu me sinto melhor. Por que isso está acontecendo?

– Você precisa ser tirada daqui. E nós precisamos que você melhore.

- Estou me sentindo melhor mesmo, embora fraca ainda!
- Você vai melhorar.
- Por que isso está acontecendo?
- Nossa presença te faz melhorar.
- Sério?
- Sim.
- Quer dizer que eu morri e estou aqui sofrendo porque não fui uma pessoa boa?
- Não necessariamente.
- Como assim, não necessariamente?
- Às vezes você pode ter sido uma pessoa maravilhosa, você pode ter sido caridosa, gentil, amorosa, honesta, sincera, feliz, mas isso não te condiciona a ser recebida em um bom lugar.
- Você está me deixando confusa.
- Não basta ser bom tem que ser honesto.
- Mas eu sempre fui uma mulher honesta, Enzo.
- Não sei muito sobre sua encarnação. Mas posso te garantir que você já recebeu uma graça.
- Como assim, uma graça?
- O fato de estarmos aqui é um bom começo.
- O que eu preciso fazer para receber uma graça como essa?
- Tem alguém muito preocupado com você. E quando alguém ora e pede sinceramente pelo seu ente querido nós somos acionados.
- Como assim?

– Um dos mecanismos que tiram os espíritos desse sofrimento é a prece. A oração sincera e capaz de mudar um monte de lugar, como Ele disse.

– Minha filha jamais esquecerá de mim.

– Não foi a sua filha que nos pediu auxílio.

– Então deve ser o Paulo.

– Quem é Paulo?

– Meu querido marido. Você sabe onde ele está?

– Não tenho nenhuma informação sobre esse tal Paulo – diz Enzo.

– Ué, então quem é que está orando por mim, meu Deus?

– Uma jovem, chamada Silmara.

– Silmara?

– Sim, Silmara.

– Ela é quem cuidava de mim.

– Nós sabemos disso. Olhe!

Enzo faz um gesto com as duas mãos e uma pequena tela se abre na frente de Alice.

A cena é emocionante. Silmara está ajoelhada orando a Deus por Alice. Ela pede em lágrimas que Alice seja acolhida pelos anjos de Deus. Sua prece sincera externa raios coloridos que atingem o peito de Alice naquele lugar. Uma luz forte abraça todo o corpo de Alice e clareia o lugar.

Alice começa a chorar.

Enzo assiste a tudo calado.

A tela se desfaz. Alice olha para Enzo com os olhos cheios de lágrimas.

– Eu não sabia que ela me amava tanto!

– Ela cumpriu uma nobre missão ao seu lado. E está ligada a você por outra vida.

– Deus perdoe as minhas falhas. Que bom que a Silmara existe.

– Ele ouve os lamentos sinceros – diz Enzo segurando as mãos de Alice.

Paulo chora abraçado a Iolanda.

– Que lindo gesto de Silmara, quer dizer, de vovó.

– Ela está ligada a vocês por muitos anos.

– Meu Deus, quando mistério, porque vocês não me revelam logo tudo isso?

– Precisamos esperar o desencarne de Arnaldo – disse Diógenes.

– Como assim, esperar o desencarne de Arnaldo?

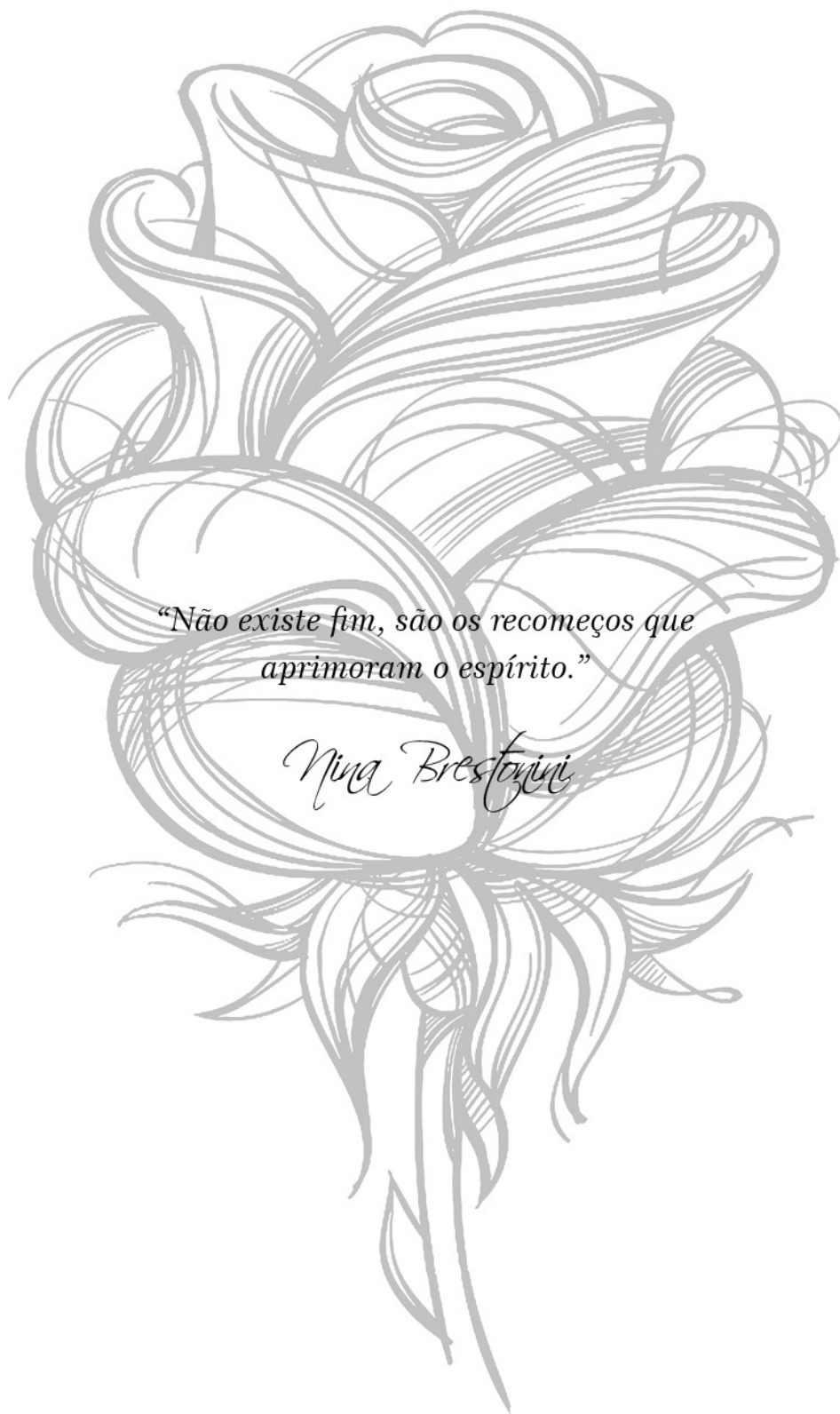
– Precisamos que tudo se cumpra, Paulo, tenha paciência meu filho – diz Iolanda.

– Está bem mamãe, está bem!

Alice é levada pelos guardiões para dentro de um portal que se abriu para que todos pudessem sair daquele lugar.

Alice e uma outra mulher foram resgatadas naquele dia.

Após secar suas lágrimas, Paulo volta a suas atividades normais na Colônia das Flores. Em seu peito ele trabalha o perdão.



*“Não existe fim, são os recomeços que
aprimoram o espírito.”*

Nina Brestyini

Olho por olho

Dois anos se passaram.

D Paulo finalmente conseguiu a vaga que sonhava no prédio da programação. Está feliz com o que faz.

Juliana acorda Roberto chamando-o para acompanhá-la na consulta de Nicolas.

– Bom dia amor!

– Bom dia.

– Você vai comigo à consulta com o neurologista?

– Tenho uma cirurgia agora pela manhã. Converse com o Rafael, explique-lhe tudo o que vem acontecendo com o Nicolas.

– O diagnóstico é de autismo. Você sabe disso, não é Roberto?

– Eu sei Juliana, mas pouco posso fazer. O autismo não tem cura. Sofro em ver meu filho assim, mas o que posso fazer?

– Está bem Roberto, está bem! Mais uma vez você me deixa sozinha para cuidar do nosso filho.

– Quando é que você vai entender que minha profissão é assim? Quando é que você vai compreender que para manter o padrão de vida que temos eu preciso de muitos plantões?

– Roberto, eu fui criada por um livreiro, um homem pobre, mas muito honesto. Na minha casa nunca faltou comida e muito menos roupas, escola, amor e união. Sinceramente, prefiro viver uma vida mais simples, mas como uma família. Vou passar uns dias na casa que era dos meus pais, pois preciso repensar a minha vida. Não dá para viver mais ao seu lado.

– É essa sua escolha, tudo bem Juliana. Vou ajudá-la no que for preciso, afinal temos algo em comum.

– Eu cuido do Nicolas. Se precisar de alguma coisa eu te aviso.

– Tudo bem se é assim que desejas.

– É o melhor para nós nesse momento, Roberto.

Ele então pega as chaves do carro em cima do aparador de entrada da casa e sai sem ao menos se despedir de Nicolas.

Triste, Juliana vê seu amor saindo pela porta principal sem ao menos perceber que ali se encerra uma linda história de amor. A separação se concretiza.

Apressada, Luciana entra no ambiente enquanto Juliana seca as últimas lágrimas encorajada a seguir em frente.

– Dona Juliana, o Nicolas está fazendo aquilo novamente.

Correndo, Juliana entra no quarto do menino que esmurra a cabeça com as duas mãos.

Rapidamente ela se senta e segura firme os braços do menino evitando que ele se agrida. Juliana começa a cantar uma cantiga que acalma o menino.

– Pegue o remédio dele, Luciana, por favor!

– Sim – diz Luciana indo correndo ao banheiro da suíte pegar um pouco de água para dissolver o remédio.

Já não há mais o que fazer. Nicolas tem quatro anos e vive o pior do autismo. Sua única distração é assistir a um desenho infantil. É a única coisa que o acalma.

Rapidamente enquanto Juliana canta para Nicolas, Luciana liga a pequena tv e coloca o repetido desenho para acalmar Nicolas.

Aos poucos tudo volta ao normal.

– Deus deu à senhora uma grande missão, dona Juliana. Primeiro a senhora cuidou por anos da sua mãe que sofria acometida pelo Alzheimer. Agora esse menino que não te deixa dormir uma noite sequer.

– E para piorar, Luciana, vamos fazer as malas, estou indo embora dessa casa. Vou morar na antiga casa onde passei toda a minha vida e de onde nunca deveria ter saído.

– A senhora vai deixar o seu Roberto?

– Sim, arrume as coisas do Nicolas, vamos embora ainda hoje.

– Sim senhora!

Nicolas dorme permitindo que Juliana e Luciana arrumem tudo.

Juliana enfim muda-se para seu velho lar. Pequeno mas aconchegante.

O quarto do Nicolas é o antigo quarto dela, que passa a usar o quarto onde Paulo e Alice viveram.

A livraria ainda existe. Decidida a cuidar dos negócios da família, Juliana assume definitivamente a herança deixada por Paulo.

O dia foi de decisões importantes para Juliana e ela não levou Nicolas ao médico, que, preocupado, ligou para Roberto.

– Alô, Roberto?

– Sim.

– Aqui é o Rafael, o médico do Nicolas, tudo bem?

– Oi Rafael, como está?

– Bem, a Juliana não trouxe o Nicolas para a consulta hoje. Aconteceu alguma coisa?

– Não sei lhe informar amigo, quando eu saí de casa ela estava se arrumando para ir a seu encontro.

– Tentei falar com ela, mas ela não atende o telefone.

– Vou ligar e pedir para ela entrar em contato com você, amigo, obrigado!

– Faz isso, por favor.

– Pode deixar, colega, que vou fazer isso.

– Obrigado e tenha um bom dia!

– Para você também, obrigado Rafael.

Após desligar o telefone, Roberto não ligou para Juliana.

Ele então se prepara para os atendimentos em seu consultório e desliga seu telefone.

Às 18h, após todos os atendimentos, Roberto liga seu aparelho celular e vê que há diversas mensagens em sua caixa postal. Ele espera que sejam mensagens de Juliana arrependida da separação.

Mas ao ouvir a última das mensagens ele se surpreende com os acontecimentos.

– Filho, venha para casa o mais rápido possível. Seu pai teve um AVC e está muito grave – diz Heloisa mãe de Roberto.

Roberto se desespera e sai correndo em direção à clínica de seu pai.

Ele liga para a mãe, que não atende aos seus telefonemas.

Correndo, ele chega rapidamente ao lugar.

Roberto chega à recepção onde está sua mãe sentada ao lado de alguns familiares.

Correndo para os braços da mãe, ele se emociona em ver todos ali.

– O que houve com o papai, mãe?

– Eu o encontrei na garagem. Ouvi quando o carro chegou, ele demorou a entrar em casa, daí eu resolvi ir até o carro para ver o que estava acontecendo e me deparei com ele desmaiado. Chamei o seu Antônio, o vizinho, e após quebrarmos o vidro do carona tivemos acesso a ele. Nós o trouxemos imediatamente para cá, os médicos estão com ele lá dentro. Vai lá Roberto, veja o que você pode fazer pelo seu pai, meu filho?

– Eu vou mamãe, fiquem aqui que eu já volto.

Roberto acessa o CTI e vê Arnaldo entubado. O dr. Roque é quem o recebe.

– Oi Roque e aí, como está papai?

– Grave, dificilmente voltará.

– Meu Deus! – diz Roberto em lágrimas.

Roque abraça o médico e o tira do ambiente.

– Já não há mais o que fazer, Roberto. Ele chegou aqui muito debilitado.

– Poxa vida, por que isso com o meu pai?

– Lamento muito o Arnaldo morrer assim. Você conversa com seus familiares ou quer que eu avise?

– Eu explico para a família, pode deixar! Obrigado Roque.

– De nada, amigo.

Roberto se dirige à sala de espera e comunica a todos o estado final de Arnaldo, que após dois dias se desliga totalmente da vida física.

Juliana não vai ao enterro de Arnaldo, pois Nicolas está em crise.

No dia seguinte, ela liga para Roberto para lhe explicar os motivos.

– Alô, Roberto?

– Oi Juliana.

– Não fui ao enterro de seu pai porque o Nicolas estava em crise. Parece que sabe que o avô morreu.

– Vocês falaram alguma coisa perto dele?

– Não, claro que não.

– Está bem, Juliana, amanhã eu passo aí para ver o Nicolas.

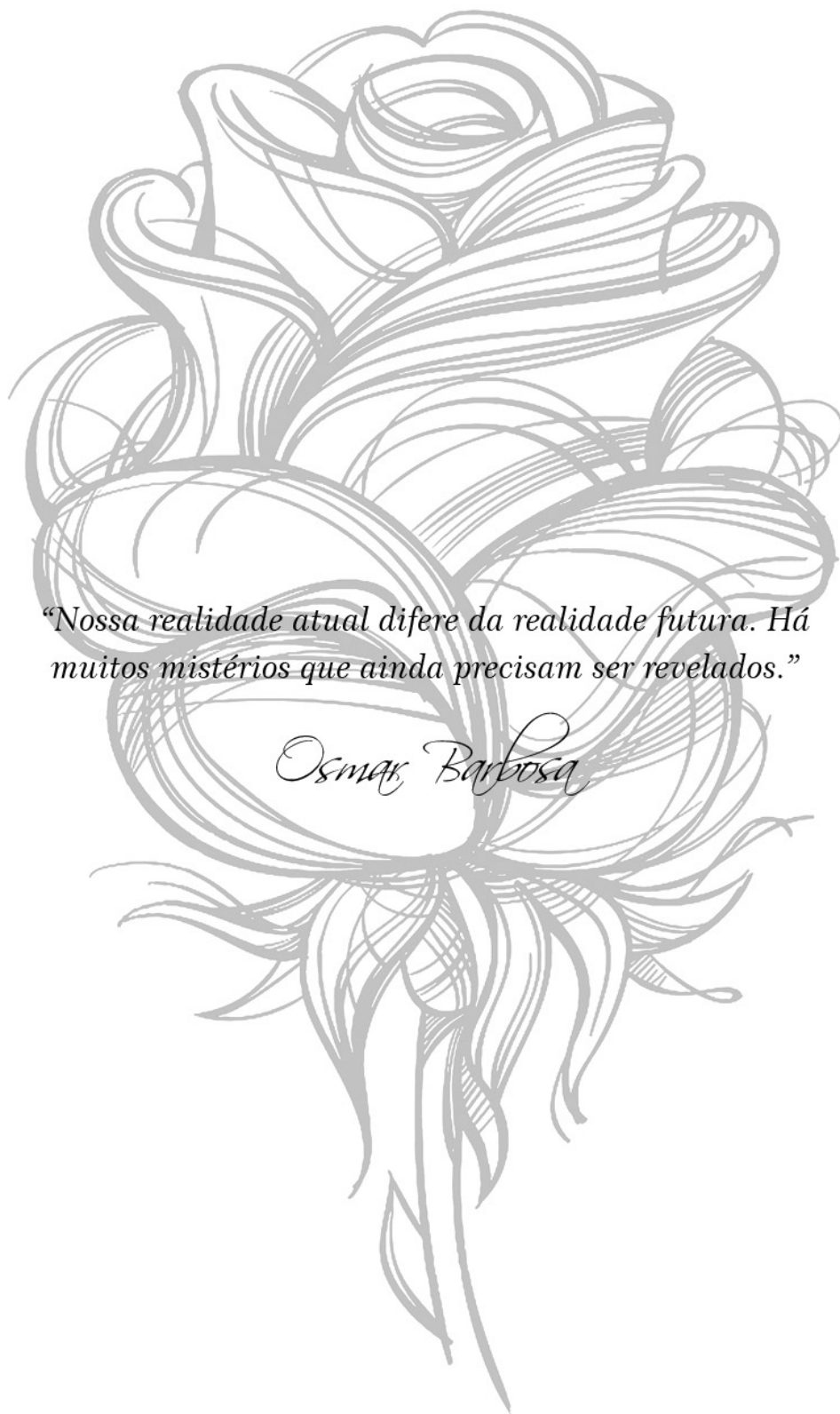
– Meus pêsames. Lamento muito a morte do senhor Arnaldo.

– Cuida bem do Nicolas para mim.

– Pode deixar.

Arnaldo foi enterrado, toda a sociedade local estava presente no enterro do famoso e querido médico.

Roberto, triste, fica em casa por alguns dias, esquecendo-se do filho Nicolas que sofre uma das piores crises.



“Nossa realidade atual difere da realidade futura. Há muitos mistérios que ainda precisam ser revelados.”

Osmar Barbosa

Um ano se passa

Nicolas está muito agressivo.

Desesperada, sem ter mais o que fazer, Juliana procura um especialista na esperança de diminuir a agressividade do menino.

O autismo é uma realidade na vida da solitária mãe. A seu lado, Luciana é a grande companheira.

Silmara, que andava sumida, aparece para uma visita à Juliana e Nicolas.

A campainha da casa toca. Juliana está sentada no pequeno escritório da casa, de onde ela administra a livraria.

– Luciana, tem alguém tocando a campainha, você pode ver quem é?

– Estou indo – diz Luciana deixando Nicolas sozinho no quarto.

Ao chegar ao portão, ela vê que é Silmara e fica feliz abraçando-a.

– Entre, Silmara, que bom que você apareceu!

– Estava com saudades de Juliana – diz Silmara.

– Venha, ela está no escritório cuidando de alguns papéis.

A felicidade invade o lugar, parece que um anjo caiu do céu naquela manhã.

– Silmara, que alegria te receber! – disse Juliana abraçando a amiga.

– Eu estava por perto e resolvi te visitar, precisava matar a saudade dessa casa e de você.

– Que bom, amiga!

– Como tens passado?

– Estou bem, estou feliz e realizada.

– Está trabalhando?

– Sim, agora cuido da Isaura, uma senhorinha linda que também tem Alzheimer.

– Agradeço todos os dias por você ter existido em nossa vida. A mamãe, com certeza, onde estiver, está feliz por você.

– Sua mãe é uma pessoa muito especial para mim.

– Você é que é muito especial para nós, Silmara.

– Como está a livraria do seu Paulo?

– Firme e forte, retomei a gerência e agora está até dando lucro. Sente-se, quer um copo com água, um café?

– Eu aceito um copo com água, obrigada! Que benção você estar cuidando da livraria do sr. Paulo – diz Silmara.

– Sente-se, amiga, insiste Juliana. Luciana, pega um copo com água para Silmara, por favor!

– Agradeço, estou mesmo com sede.

– Vai, Luciana, pega logo.

– Estou indo, Juliana.

– Como tem passado o Nicolas?

– Agressivo como nunca.

– Ele te agride?

– Ele tem autismo. O autismo, cientificamente conhecido como Transtorno do Espectro Autista, é caracterizado por problemas na comunicação, na socialização e no comportamento. Começamos a perceber quando ele tinha 2 anos de idade.

– É, eu soube.

– Quem te contou?

– O sr. Roberto.

– Roberto?

– Sim, dia desses eu levei a dona Isaura para uma consulta com o dr. Roque, o mesmo que cuidou da sua mãe.

– Sei, e ele te falou que nós nos separamos?

– Sim, ele me contou tudo.

– Te contou que quase não vê o filho?

– Não, isso ele não contou.

– Pois é, Silmara, posso contar nos dedos os dias que ele esteve aqui para ver o filho.

– Acredito que ele não estava preparado para a doença do Nicolas, afinal todo pai sonha com um filho perfeito, jogador de futebol e por aí vai.

– Se ele, que é médico, não estava preparado, imagina eu que deixei minha faculdade de lado e minha profissão para me dedicar a

criar o Nicolas.

– Sua missão é nobre, Juliana. Muito nobre!

– Como assim?

– Você já ouviu falar de espiritismo?

– Eu vendo livros espíritas lá na livraria. Aliás, são os que mais vendo.

– Já leu algum?

– Não, não tenho tempo para isso. Mas por que a pergunta?

– Eu me tornei espírita assim que a sua mãe morreu. Fui buscar no espiritismo as respostas para a minha missão.

– Não tenho nada contra o espiritismo, mas prefiro ser católica.

– Você, católica?

– Embora não vá a igreja, eu sou católica.

– Que bom que tens um princípio religioso. Sabe, Juliana, eu orei muito pela dona Alice. Sua mãe, quando desencarnou, sofreu muito. Ela foi para um lugar terrível, mas graças a Deus os amigos de luz a retiraram do sofrimento.

– Ela foi para o Inferno?

– Como assim, mais ou menos isso?– A minha mãe sempre foi uma mulher muito boa.

– Nessa vida sim, mas nas anteriores ela contraiu muitos débitos.

– Vidas anteriores, o que é isso?

– Quero te convidar para visitar o centro espírita que frequento, você quer ir algum dia comigo?

– Amiga, eu não tenho tempo para essas coisas, infelizmente não dá.

– Sem problemas, mas se você quiser posso vir aqui outras vezes para conversarmos sobre espiritismo, o que achas?

– Assim é melhor, acho que consigo encaixar um horário para isso na minha vida. Sabe, a Luciana é um anjo, só ela consegue acalmar o Nicolas quando eu não estou por perto.

– Posso ver o menino?

– Sim, claro que sim. Venha – disse Juliana se levantando.

Juliana se levanta, Silmara deixa o copo que tinha nas mãos e segue a amiga até o quarto de Nicolas.

Sem fazer barulho, elas entram no quarto onde dorme Nicolas.

– Xiii – diz Luciana com o dedo indicador à frente dos lábios fazendo o sinal de silêncio e sentada em uma pequena poltrona no quarto. – Ele acabou de dormir.

– Silmara se aproxima assustada. Algo não está bem.

Juliana percebe a modificação no olhar de Silmara e fica observando o que ela vai fazer.

Silmara se aproxima da cama com grades do menino e impõe suas duas mãos em direção a ele.

Assim ela fica por alguns minutos. Todos em silêncio observam Silmara.

– Venha, Juliana, vamos sair daqui.

Juliana caminha ao lado de Silmara, que chama também Luciana para saírem do quarto.

– Ele não pode ficar sozinho, Silmara.

– Deixe-o, ele não está sozinho – diz Silmara após saírem do quarto.

– Como assim? – pergunta Juliana se dirigindo a sala.

Trêmula, Silmara se senta e pega novamente o copo de água e começa a beber. Ela faz isso com muita dificuldade, as mãos estão muito trêmulas.

– Você está bem, Silmara?

– Estou, vou melhorar, esperem por favor.

– O que houve?

– Esperem por favor – insiste Silmara.

Após alguns minutos ela retoma a conversa.

– Estou melhor agora.

– O que houve, Silmara?

– Eu vi um homem sentado ao lado da cama de Nicolas. Ele sorriu para mim e me auxiliou no passe que dei no menino.

– Um homem, como assim?

– Um homem todo vestido de branco.

– Um homem bom?

– Sim, um anjo!

– Ah, que alívio, Silmara – diz Juliana.

– Sempre vejo vultos no quarto do Nicolas, dona Silmara – diz Luciana.

– Você nunca me contou isso, Luciana.

– Tenho medo disso, dona Juliana – diz a jovem.

– Não precisa ter medo, vocês não precisam ter medo das aparições. Pelo que vi são amigos que estão auxiliando vocês na criação do Nicolas.

– Ainda bem – diz Juliana.

– Fiquem tranquilas que ele está sendo assistido por bons espíritos.

– Tenho medo desses espíritos – diz Luciana.

– Não tenham – assegura Silmara.

– Silmara, obrigado por ter olhado o meu Nicolas.

– Não tem de que, Juliana, você é para mim como uma filha. Se você me permitir, eu posso vir aqui todas as semanas para estudarmos o espiritismo e aproveitar para dar um bom passe no Nicolas. Tenho certeza que isso vai acalmá-lo.

– Não vejo nenhum problema nisso e te agradeço muito, Silmara.

– De nada.

– Você sempre foi um anjo aqui em casa.

– Você é que é muito importante para mim. Agora tenho que ir, tenho muita coisa para fazer e hoje tem sessão no centro espírita. Preciso me preparar.

– Um dia eu vou visitar esse centro – diz Luciana.

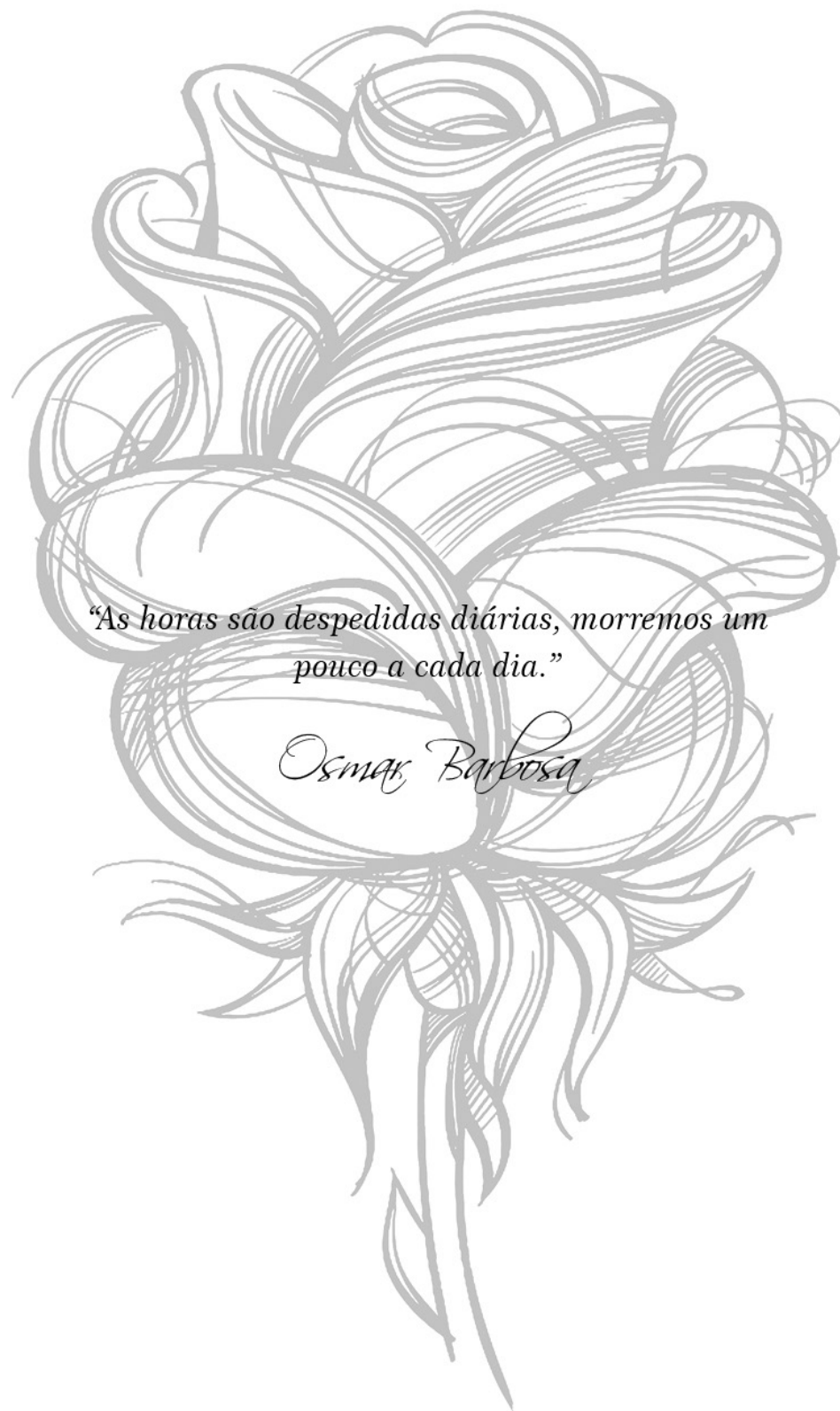
– E será muito bem-vinda, Luciana, aproveite e leve a Juliana e o Nicolas.

– Só se você quiser derrubar o centro espírita, né Silmara. Levar o Nicolas é impossível.

- Ele está fazendo algum tipo de terapia?
- Sim, ele está sendo atendido – diz Juliana.
- Que bom! Se precisar de alguma coisa é só me ligar.

Após as despedidas, Silmara vai embora.

Missão cumprida!



“As horas são despedidas diárias, morremos um pouco a cada dia.”

Osmar Barbosa

Reencontro

Na Colônia das Flores, Paulo é chamado ao prédio da consolação para um novo encontro com Diógenes.

– Olá Paulo!

– Olá Eurípedes.

– Diógenes deseja vê-lo novamente.

– Você sabe o que ele quer comigo?

– Não, não sei!

– Você sabe se ele tem alguma notícia sobre o meu filho!

– Não, não sei, você teve um filho?

– Ele morreu ainda menino. Aliás, não morreu, foi assassinado pelo seu médico.

– Essas coisas acontecem.

– Sim, essas coisas acontecem.

– Podemos ir?

– Sim, eu vou ao encontro de Diógenes. Sabes se a minha mãe também foi chamada?

– Acredito que sim, ela e seu pai devem estar lá.

– Então vamos logo – disse Paulo se apresando.

Após uma rápida caminhada, Eurípedes e Paulo chegam ao gabinete de Diógenes.

Eurípedes bate suavemente na porta.

– Entrem, podem entrar – diz Diógenes.

Sentados à mesa estão Iolanda e Paulo Cesar.

Diógenes se levanta e cumprimenta Paulo com um aperto de mão.

Eurípedes, após se certificar que todos estão bem, retira-se da sala.

– Obrigado, Eurípedes, pela gentileza – diz Diógenes.

– De nada, senhor, se precisar de mais alguma coisa é só chamar.

Ele deixa o ambiente.

– Oi mãe!

– Oi filho.

– Oi pai.

– Oi, meu filho, que bom que você veio.

– O que teremos dessa vez?

Diógenes se senta, suspira e diz:

– É chegada a hora do reencontro, Paulo.

– Reencontro de quê?

– Do seu passado com seu futuro.

– Como assim, meu passado e meu futuro?

– Você será levado por Iolanda e Paulo Cesar para se encontrar com Herculano. Lá estarão Alice e Arnaldo e mais alguns convidados. A encarnação de todos se findou, agora é hora dos ajustes.

– Não sei se quero olhar na cara da Alice e do Arnaldo.

– Você vai querer sim quando seu passado lhe for revelado.

– Meu passado como assim? Meu passado eu conheço muito bem, fui um homem honesto, trabalhador, criei minha filha com todo respeito, quem foi enganado aqui fui eu, Diógenes.

– Esse é seu passado recente, quando você se encontrar com Herculano e os demais espíritos todos os seus passados serão revelados. Aliás, lhe será lembrado aquele que você mais precisa neste momento.

– Tenho outros passados?

– Alguns, meu filho – diz Iolanda.

– Como assim, alguns?

– Somos espíritos em evolução, as encarnações são o instrumento de Deus para nos aperfeiçoar. Portanto, todos temos diversas vidas, diversas encarnações, diversas histórias.

– Se é assim, vamos em frente – diz Paulo.

– Tudo lhe será revelado nesse encontro – diz Paulo Cesar.

– Você também sabe disso tudo, papai?

– Sim, meu filho, estamos juntos há muito tempo.

– Meu Deus, o que é isso?

– Evolução Paulo, evolução – diz Diógenes.

- Está preparado, filho?
- Sim, mamãe, não posso fugir ao meu destino.
- Então sigam para o encontro com Herculano.
- Obrigado, Diógenes, pelo auxílio.
- De nada, Iolanda.
- Agora vá.

Iolanda se levanta amparando Paulo, que, estarecido, se sente despreparado para as revelações.

Paulo Cesar percebe a insegurança do filho, se aproxima e o abraça.

- Filho, eu vou estar com você, tenha calma, confie em seu pai.

Paulo suspira aliviado, afinal seus pais estão a seu lado.

Após cumprimentar Diógenes, Paulo, Iolanda e Paulo Cesar deixam a Colônia das Flores e seguem para o encontro com Herculano.

Eurípedes está ao lado da sala esperando a saída de todos e os acompanha até o veículo que os levará a colônia Encontro de Luz.

Emocionado, Paulo se despede de Eurípedes dando-lhe um forte abraço.

- Obrigado por ter me ajudado, rapaz.
- De nada, Paulo, espero revê-lo em breve!
- Se Deus assim permitir.
- Venha, Paulo, o veículo de transporte acaba de chegar.

Paulo Cesar, Iolanda e Paulo entram e se sentam perto da janela do veículo em um banco de quatro lugares.

Paulo se senta na janela e fica perdido observando as colônias vistas pelo alto.

Após algum tempo, ele puxa assunto com sua mãe.

– Olha, mãe, quantas colônias.

– Sim, são várias as colônias.

– Todas elas com espíritos como nós?

– Sim, todas habitadas por espíritos que estão evoluindo.

– Como é perfeita a criação, não é pai?

– Sim, meu filho, todos deveriam saber que isso aqui é muito belo e real.

– Se todos soubessem e tivessem a certeza da existência dessas colônias, todos estariam evoluindo para vir para cá o mais rápido possível.

– Mas todos virão um dia, mãe?

– O destino dos espíritos é a morada eterna, aliás essa é a morada verdadeira de todos os espíritos. A vida na Terra é muito curta.

– Você sente saudades da vida encarnada, mamãe?

– Não, nenhuma. E você, sente?

– Também não, olho para o meu passado como olho para o dia de ontem, passou, só isso!

– Nós também nos sentimos assim, Paulo – diz Paulo Cesar.

– Estranho isso!

– O que é estranho filho?

– Olhar para o passado sem sentir falta dele. Lembro que quando estava encarnado eu morria todos os dias e me cuidava muito para não morrer. Eu tinha muito medo da morte.

– E agora?

– Agora?

– Sim, como você se sente agora?

– A morte não existe, dona Iolanda, não existe, simples assim!

– Se todos ouvissem o que dizemos nas psicografias, seria tão bela a vida encarnada.

– Penso que se todos tivessem a certeza que tenho agora, não haveria desgraça na Terra, não haveria crimes, golpes, traições, enganações, mentira, ganância, materialismo, não haveria nada de ruim.

– Viveríamos em uma colônia – diz Paulo Cesar.

– Não tinha pensado assim – diz Iolanda.

– Na verdade, a Terra é uma colônia.

– Como assim, Paulo Cesar?

– A Terra é uma colônia expiatória. Serve para aperfeiçoar o espírito.

– Verdade – diz Iolanda.

– Olhe, mamãe, que colônia é aquela? – diz Paulo apontando para uma enorme colônia espiritual.

– É Nosso Lar, uma das maiores colônias espirituais existentes.

– É grande mesmo – diz Paulo admirado com a beleza de Nosso Lar.

– Ela é azul, mãe!

– Ela é linda.

– Olhe estamos chegando – diz Iolanda.

– Eu me lembro bem dessa pequena colônia, vou por onde cheguei aqui.

– Sim, estamos chegando na colônia Encontro de Luz.

O veículo estaciona para que Iolanda, Paulo Cesar e Paulo possam descer.

Outros espíritos também descem na colônia.

Milena está na estação esperando pelos visitantes.

Paulo começa a suar frio.

– Você está bem, filho?

– Mais ou menos, pai.

– Fique calmo.

– Reencontrar Alice e Arnaldo não vai ser fácil para mim.

– Calma, tenha calma, só te peço isso – diz Iolanda se aproximando.

Todos caminham até a sala que se parece com um cinema. Há diversas poltronas.

Não há ninguém na sala.

Paulo e seus pais são convidados por Milena a se sentarem na primeira fileira.

Herculano chega ao local, cumprimenta a todos e se senta em uma confortável cadeira de encosto alto ao lado do telão, mais precisamente ao lado esquerdo do telão.

Paulo percebe que Herculano está mais centrado, mais sério do que da primeira vez que o encontrou, mas não comenta nada, sua carne treme pelo reencontro com Alice.

– Podemos começar?

– Sim, Herculano.

– Apague as luzes, Milena, por favor!

– Sim, senhor – diz a jovem.

Luzes apagadas.

A imagem é de uma pequena e pacata cidade com poucos habitantes.

Há uma praça central onde à noite os jovens se reúnem para conversar e paquerar. O ano é 1923.

O único veículo da cidade se aproxima como de hábito e dele desce Constâncio, o fazendeiro mais rico da região.

As lavouras de café trazem riqueza para alguns e extrema pobreza para outros.

Constâncio, fazendeiro rico, não tinha mulher e muito menos filhos. Aos seus 55 anos ainda não tinha planejado uma família.

Como de costume, todas as noites ele para seu belo carro na praça e vai até o bar de Joases para beber e jogar conversa fora.

Dr. Luiz Antônio é o único médico da cidade. Jovem e ambicioso é quem atende a todos os moradores. Recém-formado, fora

contratado pela prefeitura, graças aos impostos pagos por Constâncio.

Luiz Antônio veio de uma cidade um pouco maior e trouxe consigo sua enfermeira de confiança, chamada Elizabeth.

Após o plantão no pequeno hospital, Luiz Antônio costuma se sentar no mesmo bar e tomar um refrigerante antes de se dirigir ao hotel em que vive.

Elizabeth sempre o espera para o jantar.

– Boa noite doutor! – disse Constâncio ao passar pelo médico.

– Boa noite senhor.

– Como tens passado?

– Muito bem e o senhor?

– Estava precisando mesmo falar com o senhor, doutor!

– Estou a sua disposição, senhor Constâncio!

– Posso me sentar a seu lado?

– Claro que sim, perdoe-me por não ter lhe convidado!

– Sem problemas, doutor.

– Mas em que posso ser útil?

– Sabe o que é doutor, eu estou tendo muita dificuldade para dormir, acho que estou precisando de uma ajudinha. Há alguma receita para isso?

– Precisamos fazer alguns exames.

– Não tenho tempo para isso, doutor, agora mesmo vem a colheita do café e eu tenho que ficar de olho nos empregados, sabes como é!

– Faz assim, dá uma passadinha amanhã lá no hospital que eu vejo o que posso fazer para lhe ajudar.

– Combinado assim, doutor, amanhã eu passo no hospital para falar com o senhor. Com sua licença, vou tomar uma pinga e me retirar.

– Até amanhã, seu Constâncio.

– Até, doutor.

Após tomar seu refrigerante, Luiz Antônio se dirige ao hotel onde Elizabeth o aguarda para o jantar.

– Você demorou, onde estava?

– Tomando o meu refrigerante no bar da praça.

– Você não sabe que refrigerante não faz bem?

– Não se preocupe com isso Elizabeth. Sente-se vamos jantar.

O jantar é servido. Elizabeth e Luiz Antônio jantam conversando alegremente.

– Sabe quem eu encontrei lá no bar?

– Quem?

– Aquele fazendeiro rico.

– O Constâncio? Ele vai ao hospital amanhã.

– Sim, ele mesmo, como você sabe o nome dele?

– Ele é o assunto das mulheres dessa cidade, todas querem casar com ele.

– Vocês mulheres...

– Ele é milionário, Luiz.

– É um bom partido para você, Elizabeth.

– Só o encontrei uma vez, lá na venda, e ele nem olhou na minha cara.

– Vocês mulheres...

– Não vou morrer pobre e enfermeira, Luiz, você pode apostar nisso.

– Acredito em você, Elizabeth.

– Pode acreditar. Que horas ele vai ao hospital?

– Não sei ainda. Ele disse que vai lá, mas não combinamos horário.

– Pois eu vou esperá-lo ansiosa.

– Preciso descansar, você se importa se eu for me deitar?

– Não, pode ir, vou ficar mais um pouco por aqui. Quem sabe o fazendeiro não aparece.

Risos.

– Ele não vem para essas bandas Elizabeth. Amanhã você tenta fisgar o ricaço lá no hospital.

No dia seguinte, às nove horas da manhã, Constâncio chega ao hospital e é recebido por Elizabeth.

– Bom dia senhorita!

– Bom dia senhor!

– Eu gostaria de falar com o médico. Tive com ele ontem e ele me pediu para passar aqui para conversar com ele.

– O senhor é o Constâncio, não é?

– Sim, sou eu!

– Ele está esperando pelo senhor. Aguarde só um minuto que eu vou avisar que o senhor chegou.

– Obrigado, moça.

– Moça não, Elizabeth.

– Perdoe-me, Elizabeth.

– Eu já volto.

Elizabeth vai até a sala onde Luiz Antônio atende e avisa da presença do milionário.

– Ele está aí, Luiz.

– Quem?

– O fazendeiro rico!

– Ah sim, o Constâncio!

– Sim, ele mesmo. Olha, eu preciso te falar uma coisa.

– O quê?

– Eu passei a noite em claro arquitetando meu plano.

– Plano, que plano?

– O plano para ficarmos ricos.

– Ricos, como assim?

– Invente uma doença para ele, vamos dopá-lo com remédios, daí você sugere a ele que me contrate para cuidar dele. Vou fazer esse velho se apaixonar por mim, pego toda a grana dele e ficamos ricos.

– Você tem certeza disso? Ou está delirando?

– Sim, como te disse, não vou morrer pobre nesse fim de mundo. Depois que ele morrer eu fico com toda a herança dele, vendemos tudo e vamos embora desse maldito lugar. Essa é a nossa chance, Luiz.

– Você tem certeza que vai conseguir fazer isso? Olha lá hein!

– É só você dar o remédio certo.

– O remédio certo eu sei fazer.

– Então faça, faça ele ficar doente, depois me ofereça para trabalhar na fazenda cuidando dele. O resto deixa comigo.

– Mande ele entrar.

Sem pestanejar, Elizabeth vai até a sala de espera e pede que Constâncio entre para ser atendido.

Paulo assiste a tudo calado.

Iolanda está sentada a seu lado.

Paulo Cesar senta em uma cadeira um pouco distante.

Sem que Paulo perceba, Arnaldo e Alice estão sentados duas fileiras atrás dele.

O plano funciona, Constâncio, muito doente após ingerir por vários meses o remédio fabricado por Luiz Antônio, contrata Elizabeth como sua enfermeira particular.

– Venha se deitar, Constâncio! – diz Elizabeth.

– Não sei porque não melhoro, Beth. Luiz Antônio já trocou meu remédio duas vezes e eu não melhoro.

– O doutor sabe o que faz, logo você vai estar melhor.

– Se Deus assim permitir.

Seis meses se passaram e Constâncio só piora.

Seu capataz de nome João percebe que há algo errado com seu patrão e desconfia da dupla. Mas permanece calado.

Elizabeth mistura aos papéis que autorizam o pagamento das contas da fazenda uma procuração que lhe dá todos os poderes, alegando que enquanto ele está doente ela irá ajudar com o pagamento das despesas da fazenda e dos funcionários, afinal alguém tem que vender o café produzido na fazenda. Ingenuamente, Constâncio assina a procuração na frente do representante do cartório local. O plano em fim chega ao final. Elizabeth é a senhora de tudo.

Em apenas seis meses, eles conseguiram enganar o rico fazendeiro.

Chocado, Paulo olha toda aquela trama e vê nela algo semelhante ao que aconteceu a seu filho Eduardo.

– Tudo bem, Paulo?

– Sim Herculano.

– Podemos continuar?

– Sim, podemos!

No enterro de Constâncio, João, seu capataz de confiança, observa que Elizabeth e o médico Luiz Antônio não se separam. Ele está muito desconfiado de tudo.

– Esse capataz pode estragar nossos planos – diz Elizabeth para Luiz Antônio.

– Você acha que ele percebeu alguma coisa?

– Ele me olha estranho, assim que voltamos a fazenda vou demiti-lo.

– Faça isso, nada pode nos atrapalhar agora.

– Deixe comigo.

Após o enterro, Elizabeth, a única herdeira, chama alguns empregados da fazenda e comunica-lhes a demissão.

A cozinheira de muitos anos, a camareira, e o capataz perdem seus empregos.

Revoltado, João jura se vingar e vai embora em seu cavalo.

Luiz Antônio então começa a pôr seu plano em prática colocando algumas gotinhas de um medicamento venenoso nas bebidas oferecidas a Elizabeth.

– Não sei o que está havendo comigo, depois do enterro do Constâncio não tenho me sentido bem.

– Quer que eu te examine?

– Sim, Luiz, acho que estou precisando de sua ajuda.

– Antes eu preciso que você assine a metade de todos os bens do fazendeiro para mim, conforme combinamos.

– Traga os papéis amanhã que eu assino, trato é trato.

Após alguns dias, Elizabeth é encontrada sem vida deitada em sua cama.

Luiz Antônio herda todo o dinheiro deixado por Constâncio e todas as propriedades. Ela bebeu do mesmo veneno aplicado a Constâncio.

Sem que Luiz soubesse, Elizabeth na verdade não morreu pelo veneno que ele colocava em sua bebida e sim pelas mãos do capataz João que entrou sorrateiramente naquela noite e a matou asfixiando-a com seu próprio travesseiro.

Paulo assiste a tudo calado, meio sem entender o porquê de estar assistindo tudo aquilo.

Sentado em sua confortável poltrona, Luiz Antônio se delicia da fortuna alcançada.

As luzes da sala acendem e Paulo olha para Herculano esperando por uma explicação para tudo aquilo.

Paulo não percebe, mas atrás dele estão sentados Alice e Arnaldo.

– Assisti a tudo isso sem entender por que estou aqui – diz Paulo.

– Paulo, olhe para trás por favor!

Ao olhar para trás ele vê Alice e Arnaldo sentados de cabeça abaixada.

– Vocês por aqui? Como assim?

– Eles desencarnaram, Paulo, e agora nós precisamos lhes revelar algumas coisas.

– Você não vai me cumprimentar, Paulo?

– Nunca olharei para você, Arnaldo. Eu sei o que você fez ao meu filho, aliás vocês são dois traidores.

– Sentem-se senhores – diz Herculano.

– Senta, meu filho – diz Iolanda.

Paulo se senta sem olhar para Alice e Arnaldo.

Herculano então começa a falar.

– Paulo, não se julgue inocente, pois você não é. Você, naquela encarnação, era o Constâncio e por causa de sua ganância você não ajudou a ninguém e as terras que adquiriu para plantar café e enriquecer foram subtraídas ilegalmente de trabalhadores pobres, de pessoas humildes, sem conhecimento de letras, as quais você enganou forçando-as a assinar as escrituras que lhe possibilitaram a riqueza. Além disso, você maltratou muito aquela gente, fez deles seus escravos nas lavouras e em suas plantações. Você era muito ganancioso e mau.

– Luiz Antônio é na verdade Arnaldo, que está sentado atrás de você. Elizabeth, a mulher gananciosa, é Alice, sua esposa, que morreu vegetando para cumprir seu resgate pessoal ao seu lado. O Alzheimer foi escolhido por ela para resgatar seus débitos com você.

– João, que matou Elizabeth asfixiada por ódio e vingança, morreu pelas mãos de Alice, auxiliada por Arnaldo, que fez o veneno que o matou ainda menino ao reencarnar como seu filho Eduardo.

Paulo ouve tudo calado e impressionado com as lembranças que invadem o seu ser. Ele começa a se recordar de tudo.

– Posso lhe perguntar uma coisa?– diz Paulo cabisbaixo.

– Sim, afinal é sua história sua vida.

– E a Juliana, minha filha, quem é?

– Juliana e Roberto são espíritos voluntários, estão ligados a vocês por diversas encarnações. Já evoluíram e não precisam mais passar por provas. Servem-se da encarnação para expiar ao lado daqueles que precisam de ajuda.

Paulo começa a chorar. Iolanda abraça o filho.

– O que houve, Paulo?

– Agora eu me lembro de tudo o que fiz, estou muito arrependido. Peço perdão ao Arnaldo e a Alice e a todos os trabalhadores da minha fazenda.

Alice se levanta e abraça Paulo com carinho e ternura.

Arnaldo também se levanta e se aproxima do amigo.

– Por que o Arnaldo me matou quando eu era um fazendeiro? – perguntou Paulo.

– Pela ambição e pelo poder, como você pode ver na vida passada.

– E agora o que faremos?

– Você se lembra do Carlos?

– Sim, aquele simpático rapaz que tive a sensação de conhecer!

– Ele está encarnado ao lado de sua filha. O nome dele é Nicolas.

– O que ele tem a ver conosco?

– Ele escolheu encarnar doente, ele é autista. E está dando muito trabalho para Juliana e Roberto. Embora ausente da criação de Nicolas, neste momento, Roberto e Juliana vão reatar o casamento e dessa nova união nascerão dois filhos gêmeos. Esses filhos serão os responsáveis pela criação de Nicolas, que é autista – prossegue Herculano.

– E onde entramos? – pergunta Alice.

– Vocês vão reencarnar juntos, serão os filhos gêmeos de Luciana, que vai desencarnar quando vocês completarem 23 anos, jogando sobre vocês dois a responsabilidade da criação de Nicolas.

– Arnaldo terá uma nova oportunidade como médico, e dessa vez espero que não cometa os mesmos erros.

– Você, Alice, será a cúmplice de seu irmão em tudo. Vocês herdarão a fortuna deixada por Roberto e Juliana e espero que, desta vez, saibam administrar tudo sem cometer mais erros. Espero que se dediquem mais à caridade.

– Desta forma, esperamos que vocês cumpram suas missões. E um dia vocês voltarão à vida espiritual com seus resgates cumpridos. Nicolas vai dar muito trabalho, esperamos que vocês vençam.

– Mas Nicolas é o Carlos, aquele espírito que estava aqui. Por que ele encarnou doente, para nos ajudar?

– Sim, Alice, Carlos é um ser muito iluminado e se voluntariou para ajudar vocês a eliminar essas diferenças e seguirem juntos para a perfeição. Vocês ficaram tentados a usar os remédios para se livrarem do Nicolas, afinal ele será um estorvo na vida de vocês e essa é a grande prova para ambos.

– Mas por que o autismo?

– Porque é uma prova muito difícil para todos que estão ao lado de um autista. E além disso é uma boa prova para quem fez o que vocês fizeram. A medicação de um autista segue regras, e é nas regras que vocês não poderão ser perder. Essa é a única oportunidade que vocês têm para aprender a amar e se arrepender de tudo o que fizeram até aqui.

– Já estou arrependido – diz Arnaldo.

– Eu também – diz Alice.

– E eu, o que faço?

– Você, Paulo?

– Sim, existe algo que eu posso fazer para ajudar?

– Você pode ser o mentor espiritual de algum deles, é só escolher!

– Posso fazer isso?

– Sim, depois de muito treinamento ao lado de Murilo, é claro.

– Nossa, que saudades do Murilo. Posso te fazer uma última pergunta?

– Sim, Paulo, fique à vontade!

– E a Silmara?

– Olhem – diz Herculano.

Uma nova imagem é mostrada no telão. Milena apaga as luzes e todos se sentam.

Todos olham para o telão. E ficam emocionados.

Silmara, na verdade Heloisa, sua avó, está no centro espírita de joelhos orando por todos após uma linda palestra proferida por ela para dezenas de pessoas naquele iluminado lugar.

Joaquim, de pé, atrás de todos, sorri emocionado em ver sua esposa no trabalho laborioso do centro espírita.

Paulo aparece dançando com Juliana em um lindo salão de festas onde milhares de convidados estão felizes.

Nicolas corre brincando com todos!

Fin



Mensagem do autor

Muitas vezes ficamos tristes e sem entender muito bem porque passamos por provas tão difíceis.

Eu aprendi que não adianta você se aborrecer, não adianta espernear.

Eu entendi que as provas vêm para nos educar, nos ensinar, nos fortalecer, enfim, para nos melhorar.

Porque as vezes é só você dizer alô ao telefone, e basta para você acalantar uma alma sofrida. Uns minutos de conversa fiada são suficientes para acalmar quem está sofrendo.

Às vezes você é a única razão de alguém, para não cometer o pior da vida.

Alguns minutos de atenção que você dedica a alguém, esse tempo supostamente perdido, traz a resposta para a prova que você está enfrentando.

Deus tem o hábito de usar a dor dos outros para nos mostrar que a nossa dor é insignificante.

Aceite sempre os porquês da sua vida, seja paciente, a resposta vem no tempo certo.

Deus abençoe a sua vida!

Osmar Barbosa

Outros títulos lançados por Osmar Barbosa

Conheça outros livros psicografados por Osmar Barbosa.
Procure nas melhores livrarias do ramo ou pelos sites de vendas na
internet.

Acesse

www.bookespirita.com.br